

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral **Ano III – 1/ 2012**

Colaboradores desta edição:

Beatriz WARCHALOWSKI – Vila Velha - ES

Grzegorz KOZIENSKI SChr - Inglaterra

Jan SOBIERAJ SChr – Rio de Janeiro - RJ

José Lucio GLOMB – Curitiba – PR

Maria Neuza de M. ESQUEF – Campos dos Goytacazes – RJ

Publikacja sfinansowana ze środków
Stowarzyszenia “Wspólnota Polska”
pochodzących z dotacji Kancelarii Senatu RP



Publicação financiada

pela Associação “Wspólnota Polska” de Varsóvia, Polônia

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -
- Ano 3, n. 5 (jan/jun. 2011) – Curitiba :
v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano III – 1/ 2012

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI

Mariano KAWKA

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Piotr KILANOWSKI

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro*

Barbara HLIBOWICKA-WÊGLARZ – *Universidade Maria Curie-Sklodowska – Lublin (UMCS)*

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *Missão Católica Polonesa no Brasil*

Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*

Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*

Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*

José Lucio GLOMB – *Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-PR*

Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW), Academia de Leon Kozminski em Varsóvia*

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*

Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*

Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro*

Waldemiro GREMSKI – *Universidade Federal do Paraná (UFPR), PUC-PR*

Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina UFSC)*

Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)*

Redação:

Caixa Postal 4148; 82501 - 970 Curitiba – PR. Brasil

Tel (41) 3528 3223 ou (41) 8862 1226

e-mail: revista@polonicus.com.br

www.polonicus.com.br

Coordenação editorial
Resumo em polonês
Editoração eletrônica
Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto
Tradução do polonês
Mariano Kawka

Projeto da capa
Dulce Osinski
Claudio Boczon

Projeto Gráfico
Arte Editora
www.arteditora.com.br

Impressão e acabamento
Gráfica Boa Vista
Fone: 41 3257-6590
CEP: 82620-030
contato@graficaboavista.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não, não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL	11
Wstęp	15

POLÔNIA

Polska

EDWARD WALEWANDER O 93º ANIVERSÁRIO DA RECUPERAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA POLÔNIA	19
<i>93 rocznica odzyskania niepodległości Polski</i>	

Lino MATOS e Natalia KLIDZIO LUBLIN: UMA HISTÓRIA DE AMOR À LÍNGUA PORTUGUESA	28
<i>Lublin: historia miłości do języka portugalskiego</i>	

ARTIGOS

Artikuly

BOSQUE JOÃO PAULO II PARQUE MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO POLONESA	34
<i>Park Jana Pawła II. Park pamięci imigracji polskiej</i>	

Wojciech NECEL SChr A ENCÍCLICA CARITAS IN VERITATE DE BENTO XVI E AS MIGRAÇÕES DO SÉCULO XXI	67
<i>Encyklika "Caritas in veritate" Benedykta XVI i migracje w XXI wieku</i>	

Aleksandra SLIWOWSKA-BARTH
**A IDENTIDADE NACIONAL DA JOVEM GERAÇÃO
DOS POLÔNICOS NA AMÉRICA LATINA**..... 82

*Tożsamość narodowa młodej generacji polonijnej
w Ameryce Łacińskiej*

Anna DVORAK
**A GEOGRAFIA CULTURAL DA COLONIZAÇÃO POLONESA NO
BRASIL**..... 95

Geografia kulturowa osadnictwa polskiego w Brazylii

Mariano KAWKA
**O BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DO DR. CZERNIEWICZ, EMINENTE PIONEIRO
DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL** 108

*200. rocznica urodzin dr Czerniewicza, wybitnego pioniera
imigracji polskiej w Brazylii*

Nazareno Dalsasso ANGULSKI
**O LEGADO DOS POLONESES NA REGIÃO SUL
DE SANTA CATARINA**..... 116

Polskie dziedzictwo w południowym regionie Santa Catarina

POEMAS

Wiersze

Rita de Cassi Pereira dos SANTOS
CONVERSANDO COM WISŁAWA SZYMBORSKA..... 135

Rozmawiając z Wisławą Szymborską

Francisco José dos Santos BRAGA
HOMENAGEM AO POETA POLONÊS JANUSZ SZUBER 149

Hołd poecie polskiemu Januszowi Szuberowi

ENTREVISTAS

Wywiady

Ubiratan BRASIL

LINHAS DE FORÇA DE UM GÊNIO (Entrevista com Henryk Siewierski sobre a obra de Bruno Schulz)..... 163

Linie siły geniusza (wywiad z Henrykiem Siewierskim na temat dzieła Brunona Schulza)

RESENHAS

Przegląd literacki

Cláudia Regina KAWKA MARTINS

MALACARNE, Altair. *Vila Valério: de mata a município.*

Vitor Samuel Editor, [2011], pp. 97 168

CRÔNICAS

Wydarzenia

Lourenço BIERNASKI, CM

JUBILEU ÁUREO DE ORDENAÇÃO PRESBITERAL

DOS PADRES VICENTINOS..... 170

Złoty jubileusz święceń kapłańskich księży wincentynów

Stanisław PAWLISZEWSKI

EXPOSIÇÃO MOSTRA O BRASIL AOS POLONESES 175

Wystawa ukazująca Brazylię i Polaków

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
O FALECIMENTO DO BISPO POLÔNICO
DOM LADISLAU BIERNASKI CM..... 178
Śmierć polonijnego biskupa Władysława Biernaskiego CM

Dom Guilherme Antônio WERLANG
HOMENAGEM A DOM LADISLAU BIERNASKI,
UM PASTOR E PROFETA DA JUSTIÇA AOS POBRES 180
*Hołd biskupowi Władysławowi Biernaskiemu, pasterzowi
i prorokowi sprawiedliwości na rzecz biednych*

Lourenço BIERNASKI, CM
PALAVRA DE DESPEDIDA..... 182
Słowo pożegnania

Dom Pedro Antônio Marchetti FEDALTO
GRATIDÃO E RESPEITO A DOM LADISLAU..... 185
Wdzięczność i szacunek wobec biskupa Władysława

Stanisław PAWLISZEWSKI
ENCONTRO DE DESPEDIDA COM O EMBAIXADOR
DO BRASIL NO LICEU RUI BARBOSA EM VARSÓVIA..... 188
*Spotkanie pożegnalne z ambasadorem Brazylii w Liceum
im. Ruia Barbosy w Warszawie*

EFEMÉRIDES

Diariusz

ANO DE 2012 191

EDITORIAL

Com indisfarçável alegria e satisfação intelectual, entregamos aos nossos leitores mais um número da revista *Polonicus*, que pretende ser, e ao mesmo tempo se está tornando, uma testemunha ativa da força vital da comunidade polônica no Brasil, não apenas daquela do passado, mas igualmente ou – talvez seja melhor escrever – sobretudo da atual. Através da atenta leitura dos diversos documentos e da arguta observação da atual comunidade polônica brasileira, chegamos à constatação de que – apesar do transcurso de tempo desde o momento em que vieram a este hospitaleiro país os primeiros grupos organizados de migrantes poloneses, as novas gerações polônicas que surgiram, fazendo parte da comunidade nacional brasileira, continuam a preservar a sua identidade étnica. Os textos publicados neste já quinto número da nossa revista apresentam em certa dimensão o que as gerações polônicas herdaram dos seus antepassados, ao mesmo tempo em que registram as transformações que ocorrem nessa coletividade polônica.

Graças a uma atenta leitura dos artigos publicados, o prezado leitor poderá chegar à conclusão de que a nossa revista extrapola também as fronteiras da comunidade polônica no Brasil. Com efeito, o leitor poderá também familiarizar-se com acontecimentos da História da Polônia ou ainda com a atual poesia e prosa polonesa.

Portanto, passemos em revista o conteúdo deste número da revista *Polonicus*.

Na seção Polônia apresentamos dois textos. O Pe. Dr. Edward Walewander, da Universidade Católica de Lublin, fala-nos das comemorações do 93º aniversário da independência conquistada pela Polônia após a Primeira Guerra Mundial. Em seu artigo, ele tece igualmente algumas reflexões patrióticas. Por sua vez o segundo texto, de autoria de dois intelectuais brasileiros que trabalham como professores na Universidade Maria Curie-Sklodowska, da mesma cidade de Lublin – Natalia Klidzio e Lino Matos –, contam-nos uma história de amor à língua portuguesa que ocorre na mencionada universidade polonesa.

Na segunda seção, Artigos, publicamos sete artigos. Assim, o Pe. Dr. Wojciech Necel SChr, da Universidade Católica Estêvão Wyszynski, de Varsóvia, faz reflexões a respeito da problemática da migração no século

XXI, com base na encíclica do papa Bento XVI *Caritas in veritate*. A Profa. Dra. Aleksandra Sliwowska-Barth, da Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, apresenta-nos as suas considerações a respeito da identidade nacional da jovem geração polônica na América Latina. Na capital paraense, digno de registro é o fato da criação, em 1981, do Parque João Paulo II. Diante de Rafael Greca de Macedo expressamos a nossa gratidão por ele ter autorizado a republicação do Boletim Informativo da Casa Romário Martins, n. 55, de julho de 1981, no qual foram publicados textos dedicados à imigração polonesa ao Paraná, à história da criação do Parque João Paulo II e aos pronunciamentos do papa polonês durante a sua estada em Curitiba. Com certeza essa publicação, passados 30 anos da sua primeira edição, servirá para recordar aos nossos leitores aqueles importantes eventos relacionados com a história da nossa cidade, bem como da própria comunidade polônica. No texto seguinte, de autoria da jovem pesquisadora polônica dos Estados Unidos Anna Dvorak, os nossos leitores travarão conhecimento com a geografia cultural da colonização polonesa no Brasil. O nosso fiel e dedicado colaborador Prof. Mariano Kawka apresenta em seu artigo a figura do Dr. Pedro Napoleão Luís Czerniewicz, eminente pioneiro da nossa comunidade polônica. O texto acima foi motivado pelos 200 anos de nascimento do famoso médico polonês, que por muitos anos trabalhou no Rio de Janeiro. O nosso colaborador seguinte e pesquisador da colônia polonesa no estado de Santa Catarina, Nazareno D. Angulski, em seu texto apresenta ao leitor a herança polonesa na região meridional desse estado.

Na seção seguinte, *Poemas*, publicamos dois textos, dedicados a dois poetas poloneses, Wislawa Szymborska e Janusz Szuber. A Pra. Dra. Rita de Cassi Pereira dos Santos, da Universidade de Brasília, empreende um fascinante diálogo literário com a poetisa Wislawa Szymborska, Prêmio Nobel de Literatura em 1996, falecida no dia 1 de fevereiro de 2012. Por sua vez o intelectual e articulista brasileiro Francisco dos Santos Braga, com o seu rico e interessante texto, presta uma homenagem ao poeta polonês contemporâneo Janusz Szuber.

Na seção *Entrevistas*, publicamos uma entrevista feita por Ubiratan Brasil com o nosso permanente e há muitos anos fiel colaborador, professor acadêmico, diretor da cátedra Cyprian Norwid, da Universidade de Brasília, Prof. Dr. Henryk Siewierski. A entrevista é dedicada ao vigor do gênio que

na literatura polonesa (e mundial) é representada por Bruno Schulz. O texto acima foi originalmente publicado no suplemento chamado “Sabático”, do jornal O Estado de S. Paulo (19 de maio de 2012). Nessa ocasião, expressamos os nossos cordiais agradecimentos à Redação desse prestigioso e importante diário brasileiro, publicado em São Paulo, por ter autorizado que publicássemos na nossa revista a citada entrevista sobre Bruno Schulz.

Na seção seguinte da revista, Resenhas, apresentamos mais uma obra de Altair Malacarne, dedicada ao pouco conhecido – mesmo dos pesquisadores da colônia polonesa no Brasil – município de Vila Valério, situado no estado do Espírito Santo, que leva esse nome porque ali o polonês Walery Koszarowski preparou para a colonização as áreas em que se estabeleceram colonos poloneses. A nossa permanente colaboradora e representante do atual grupo intelectual polônico brasileiro, a Profa. Dra. Cláudia Regina Martins, é quem faz a apresentação do mencionado livro de Altair Malacarne.

Na última seção, Crônicas, publicamos sete artigos que abordam diversos acontecimentos relacionados com os contatos polono-brasileiros, bem como a atual realidade da comunidade polônica brasileira. O decano do clero polonês em Curitiba, Pe. Lourenço Biernaski CM, descreve as solenidades relacionadas com o jubileu dos 50 anos do ministério sacerdotal de três dos seus coirmãos religiosos, poloneses envolvidos na pastoral polônica e eclesial no Brasil – os padres Jorge Morkis, Mariano Litewka e Humberto Sinka. Num artigo que vem da Polônia, Stanislaw Pawliszewski descreve uma exposição que apresenta o Brasil e os polônicos que nele residem. A exposição “Brasil e Polônia – mais próximos do que parece” foi preparada por ocasião dos 90 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre os nossos países. Os quatro textos seguintes estão relacionados com a morte do bispo polônico Dom Ladislau Biernaski CM, primeiro ordinário da diocese de São José dos Pinhais, instituída no dia 6 de dezembro de 2006 pelo papa Bento XVI. Essa cidade faz parte da região metropolitana de Curitiba. O redator de Polonicus apresenta aos leitores uma biografia do falecido hierarca. O texto seguinte é uma mensagem do bispo Dom Guilherme Antônio Werlanga – presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz. Nessa mensagem, expressa-se uma homenagem ao bispo Dom Ladislau como pastor e profeta da justiça em prol dos pobres. Por sua vez o Pe. Lourenço Biernaski CM apresenta-nos as palavras que por

ele foram pronunciadas durante a missa de réquiem celebrada na catedral da diocese de São José dos Pinhais pelo falecido bispo. O texto seguinte é de autoria do arcebispo emérito de Curitiba, Dom Pedro Fedalto. Intitulado “Gratidão e respeito a Dom Ladislau”, foi publicado no boletim da arquidiocese de Curitiba Voz da Igreja, em abril de 2012. A seguir essa seção apresenta o texto de autoria de Stanislaw Pawliszewski, presidente da Sociedade Polono-Brasileira de Varsóvia. Trata-se de uma reportagem que relata a despedida de Carlos Alberto Simas Magalhães, embaixador do Brasil na Polônia, que ocorreu no Liceu de Educação Geral Rui Barbosa, quando esse diplomata encerrou a sua missão diplomática na Polônia.

Seguindo o costume tradicional, na parte final do nosso periódico publicamos as Efemérides, onde o prezado leitor poderá encontrar informações a respeito de fatos relacionados com a nossa coletividade polônica no Brasil no período de janeiro a maio de 2012.

Convidando para uma arguta e crítica leitura dos textos publicados na nossa revista, espero que os nossos prezados leitores sejam enriquecidos pelo contado com os artigos dos nossos desinteressados colaboradores, aos quais aqui expressamos a nossa cordial gratidão e o nosso respeito!

Em nome da equipe redacional,

Zdzislaw Malczewski SChr – redator

WSTĘP

Z nie ukrywaną radością i intelektualną satysfakcją oddajemy Czytelnikowi kolejny numer czasopisma „Polonicus”. Czasopismo pragnie być i zarazem staje się aktywnym świadkiem żywotności społeczności polonijnej w Brazylii. Nie tylko tej z przeszłości. Ale również, a może lepiej napisać, przede wszystkim tej współczesnej. Poprzez uważną lekturę licznych dokumentów, a także wnikliwą obserwację współczesnej brazylijskiej wspólnoty polonijnej dochodzimy do stwierdzenia, że pomimo upływu czasu od chwili przybycia do tego gościnnego kraju pierwszych zorganizowanych grup polskich migrantów, rodzące się kolejne pokolenia polonijne należące do narodowej społeczności Brazylijczyków nadal zachowują swoją tożsamość etniczną. Teksty publikowane w obecnym, piątym już z kolei, numerze „Polonicusa” ukazują w pewnym wymiarze to, co przejęły pokolenia polonijne od swych przodków, jak również rejestrują zachodzące przemiany w tej polonijnej społeczności.

Drogi Czytelnik, dzięki wnikliwej lekturze publikowanych artykułów będzie mógł dojść do wniosku, że nasze czasopismo wychodzi także poza granice wspólnoty polonijnej w Brazylii. Czytelnik będzie mógł zapoznać się z wydarzeniami historii Polski czy też współczesnej polskiej poezji i prozy.

Zatem, spójrzmy na treść tego numeru naszego czasopisma „Polonicusa”.

W dziale Polskaprezentujemy dwa teksty. Ks. prof. dr hab. z KUL Edward Walewander przybliży nam obchody 93 rocznicy odzyskania przez Polskę niepodległości. W swoim artykule snuje także refleksje patriotyczne. Natomiast drugi tekst autorstwa dwóch brazylijskich nauczycieli akademickich, pracujących na UMCS w Lublinie: dr Natalii Klidzio i Lino Matosa zapoznaje nas z historią miłości do języka portugalskiego, jaka ma miejsce we wspomnianej uczelni w Lublinie.

W drugim dziale Artykuły publikujemy siedem artykułów. I tak ks. prof. dr hab. Wojciech Necel TChr z USKW w Warszawie snuje refleksję nad problematyką migracji w XXI wieku w oparciu o dokument encykliki papieża Benedykta XVI „Caritas in veritate”. Prof. dr Aleksandra Sliwowska-Barth z Uniwersytetu Candido Mendes w Rio de Janeiro zapoznaje nas ze swoimi przemyśleniami na temat tożsamości narodowej młodej generacji polonijnej w Ameryce Łacińskiej. Godnym odnotowania jest fakt utworzenia w 1981 r. parku polskiego Jana Pawła II w Kurytybie. Wobec Rafael Greca de Macedo wyrażamy wdzięczność za wyrażenie zgody na przedruk „Boletim Informativo da Casa Romario Martins” nr. 55 z lipca 1981

r., w którym zamieszczono teksty poświęcone emigracji polskiej do Parany, teksty przemówień papieskich podczas pobytu Jana Pawła II w Kurytybie oraz historię utworzenia parku Jego Imienia. Z pewnością ta publikacja po upływie 30 lat od pierwszego wydania tego Biuletynu przybliży naszym Czytelnikom te ważne wydarzenia związane z dziejami miasta Kurytyby, jak też i samej społeczności polonijnej. W kolejnym tekście autorstwa młodej badaczki polonijnej z USA Anny Dvorak nasi Czytelnicy zapoznają się z geografią kulturową osadnictwa polskiego w Brazylii. Nasz wierny i ofiarny współpracownik prof. Mariano Kawka prezentuje w swoim artykule doktora Piotra Napoleona Ludwika Czerniewicza, wybitnego pioniera naszej społeczności polonijnej. Powyższy tekst powstał z okazji 200. rocznicy urodzin słynnego polskiego lekarza, który przez wiele lat pracował w Rio de Janeiro. Kolejny nasz współpracownik i badacz Polonii w stanie Santa Catarina, Nazareno D. Angulski przybliży Czytelnikowi w swoim tekście polskie dziedzictwo w południowym regionie tego stanu.

W kolejnym dziale Wiersze publikujemy dwa teksty poświęcone dwóm polskim poetom Wisławie Szymborskiej i Januszowi Szuberowi. Nauczycielka akademicka prof. dr Rita de Cassi Pereira dos Santos z Uniwersytetu w Brasílii podejmuje fascynujący, literacki dialog z poetką Wisławą Szymborską, laureatką literackiej Nagrody Nobla (1996 r.), zmarłą 1 lutego 2012 r. Natomiast kolejny brazylijski intelektualista i publicysta Francisco dos Santos Braga swoim interesującym i bogatym tekstem oddaje hołd współczesnemu polskiemu poecie Januszowi Szuberowi.

W dziale Wywiady zamieszczamy wywiad, jaki przeprowadził Ubiratan Brasil z naszym stałym i wiernym od lat współpracownikiem, nauczycielem akademickim, dyrektorem Katedry Cypriana Norwina na Uniwersytecie w Brasílii, prof. dr Henrykiem Siewierskim. Wywiad poświęcony jest sile geniusza, jakim pozostaje w polskiej (i światowej) literaturze Bruno Schulz. Zamieszczony na naszych łamach omawiany tekst po raz pierwszy został opublikowany w dodatku noszącym nazwę "Sabático" w dzienniku Estado de São Paulo (19 maja 2012 r.). W tym miejscu składamy serdeczne podziękowanie Redakcji tego poczytnego i ważnego dziennika brazylijskiego, ukazującego się w São Paulo, za wyrażenie zgody na przedruk na łamach „Polonicusa” omawianego wywiadu o Brunonie Schulzu.

W następnym dziale naszego czasopisma Przegląd literacki prezentujemy kolejne dzieło autorstwa Altaira Malacarne, a poświęcone mało znanemu – nawet wśród badaczy Polonii brazylijskiej – municypium położonemu w stanie Espírito Santo, noszącemu nazwę Vila Valério, gdzie Polak Walery Koszarowski przygotowywał

tereny pod kolonizację, w którą byli zaangażowani polscy osadnicy. Nasza stała współpracownica, przedstawicielka współczesnej inteligencji polonijnych, prof. dr Cláudia Regina Kawka Martins dokonuje prezentacji omawianej książki Altaira Malacarne.

W ostatnim dziale Wydarzeniamieszczamy siedem artykułów omawiających różne wydarzenia związane z kontaktami Polska-Brazylia, jak również z aktualną rzeczywistością Polonii brazylijskiej. Nestor duchowieństwa polonijnego w Kurytybie ks. Wawrzyniec Biernaski CM opisuje uroczystości związane z jubileuszem 50. lecia posługi kapłaństwa trzech swoich współbraci zakonnych, Polaków, zaangażowanych w duszpasterstwo polonijne oraz Kościoła w Brazylii. Są nimi: ks. Jerzy Morkis, Marian Litewka i Hubert Sinka. Stanisław Pawliszewski opisuje wystawę ukazującą Brazylię i mieszkających w niej Polaków. Wystawa „Brazylia – Polska: bliżej niż się wydaje” przygotowana została z okazji 90. rocznicy ustanowienia relacji dyplomatycznych pomiędzy naszymi państwami. Kolejne cztery teksty związane są ze śmiercią polonijnego biskupa Władysława Biernaskiego CM, pierwszego ordynariusza diecezji São José dos Pinhais, utworzonej 6 grudnia 2006 r. przez papieża Benedykta XVI i położonej w pobliżu Kurytyby. Redaktor „Polonicusa” przybliży Czytelnikowi biografię zmarłego hierarchy. Kolejny tekst jest przesłaniem biskupa Guilherme Antônio Werlanga - przewodniczącego komisji Episkopatu Brazylii do Spraw Posługi Miłości, Sprawiedliwości i Pokoju. W przesłaniu wyrażony jest hołd biskupowi Władysławowi Biernaskiemu CM, jako pasterzowi i prorokowi sprawiedliwości na rzecz biednych. Z kolei ks. Wawrzyniec Biernaski CM udostępnia nam słowa, jakie wypowiedział podczas Mszy św. pogrzebowej sprawowanej w katedrze diecezji São José dos Pinhais za zmarłego biskupa Władysława Biernaskiego CM. Następny tekst jest autorstwa emerytowanego arcybiskupa Kurytyby Pedro Fedalto i dedykowany został zmarłemu biskupowi Władysławowi. Tytuł artykułu brzmi: „wdzięczność i szacunek”. Wspomniany tekst ukazał się w biuletynie archidiecezji kurytybskiej „Voz da Igreja” w kwietniu 2012 r. Następny tekst jest autorstwa Stanisława Pawliszewskiego, prezesa Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego w Warszawie, jest reportażem z pożegnania Carlosa Alberta Simasa Magalhães ambasadora Brazylii, jakie miało miejsce w Liceum Ogólnokształcącym im. Ruia Barbosy z okazji zakończenia przez niego misji dyplomatycznej w Polsce.

Tradycyjnym zwyczajem, w końcowej części naszego periodyku zamieszczamy Diariusz, w którym Drogi Czytelnik znajdzie informacje o zdarzeniach mających

związek z naszą brazylijską społecznością polonijną w okresie od stycznia do maja 2012 r.

Zapraszając do wnikliwej i krytycznej lektury publikowanych tekstów w naszym czasopiśmie, życzę Szanownym Czytelnikom ubogacenia podczas kontaktu z prezentowanymi artykułami naszych bezinteresownych współpracowników, którym w tym miejscu wyrażamy serdeczną wdzięczność i szacunek!

W imieniu zespołu redakcyjnego

Zdzisław Malczewski SChr - redaktor

O 93º ANIVERSÁRIO DA RECUPERAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA

*Edward WALEWANDER**

A comemoração do 93º aniversário da recuperação da independência da Polônia, da independência pela qual ansiaram diversas gerações, resgatada com uma generosa dádiva de sangue, como que se vulgarizou um pouco, embora a história nunca se vulgarize. Do país natal é preciso lembrar-se sempre e sempre nele pensar, trabalhar pelo seu desenvolvimento e defender a todo o custo a sua independência.

Quando queremos falar da pátria, primeiramente se manifesta em nós o coração. Depois nos vem à mente alguma região que nos é próxima ou a terra natal. O padre João Gralewski, conhecido pedagogo dos vinte anos do entreguerras, falava figuradamente numa conferência a professores: “A pátria é a lembrança dos anos da infância na casa paterna, são os redemoinhos no alto dos Tatras, é o murmúrio das ondas do mar que batem nas margens do Báltico, é o som da campainha na igreja do interior, é o murmúrio das crianças brincando na escola, é o silêncio na sala de trabalho do intelectual, é o burburinho na feira, é a leiva que o arado remove para a fértil sementeira, é o ruído na oficina da fábrica, é o enlevo do espírito e da imaginação do artista, o heroísmo do soldado no levante, é o típico matiz da atmosfera, [...], é o cântico do povo alegre ou fúnebre, são as peculiares tristezas e alegrias, os peculiares anseios e expectativas [...]”¹.

Para nós a pátria é Lublin, a terra de Lublin, mas sobretudo a concreta e histórica Polônia. Polônia é uma das palavras mais caras que vive em nossos corações. Torna-se fácil compreendê-la a nós, ligados por diversos laços com a Universidade Católica de Lublin. Como divisa da nossa universidade, permanecem sendo sempre as palavras *Deo et Patriae* – a Deus e à Pátria.

* Professor da Universidade Católica de Lublin.

¹S. MAUERSBERG. Sejm Nauczycielski (14-17 de abril de 1919). In: *Studia z dziejów edukacji*, wybór J. Miąso. Warszawa, 1994, p. 242.

Polônia

Esse apelo tem sido e continua sendo sempre atual para todas as gerações daqueles que estudaram na Universidade Católica de Lublin. Um dos seus alunos de antes da guerra, Estêvão Wyszyński, futuro cardeal, Primaz do Milênio, realizou esse lema durante toda a sua vida repleta de heroísmo e difundiu-o na sua doutrina. Num sermão a respeito do primado do homem na ordem social, pronunciado no dia 12 de maio de 1974 em Cracóvia, nas solenidades em honra de S. Estanislau, embora fosse então universalmente obrigatório o internacionalismo comunista (hoje esse termo foi substituído por um outro: Europa unida ou até globalismo), ele dizia com todo o vigor: “Para nós, depois de Deus, o maior amor é a Polônia! (...) Depois de Deus, portanto, depois de Jesus Cristo e da Mãe Santíssima, depois de toda a ordem divina, o nosso amor cabe sobretudo à Pátria, à fala, à história e à cultura da qual brotamos em terra polonesa”².

O cântico sobre a Polônia nem sempre é um hino de glória. Pode ser também uma queixa, uma lamentação, uma amarga crítica. Nós, poloneses, muitas vezes iluminamos demasiadamente, algumas vezes infelizmente sem fundamento acusamos a nossa pátria. Naturalmente, o patriotismo não significa a ausência do espírito crítico. Os maiores vates do polonismo, ao lado de muitas virtudes, viam os graves defeitos dos poloneses. “A nobreza da Polônia – escrevia o pe. Jan Długosz, célebre defensor da grandeza da Polônia –, é desejosa de glória, ávida de despojos de guerra, menosprezando os perigos e a morte, não cumprindo as promessas, pesada para os súditos e pessoas de estado inferior, na fala irresponsável, acostumada a despesas acima das possibilidades, fiel ao seu monarca [...], para os estranhos e os hóspedes bondosa e cortês, amante da hospitalidade e nela sendo a primeira entre as outras nações. O povo aldeão, no entanto, é propenso à bebedeira, às brigas, aos insultos e homicídios [...]. Ele não sente aversão a qualquer trabalho ou peso, ao frio e à fome igualmente resistente, [...], igualmente ávido de despojos, guiando-se pela malícia, desejoso de novidades, violento e avaro do que é alheio. [...] Coragem e ousadia não lhes [aos poloneses]

²S. WYSZYŃSKI. *Jedna jest Polska*, red. M. Płakacz, A. Rastawicka. Warszawa, 2000, p. 39.

Polônia

faltam, eles têm a mente arguta e desconfiada, possuem movimentos e postura bonitos, sobrepujam os outros pela força física, são de estatura elevada e altiva [...]. Tal é a disposição deles, tal a incapacidade deles e envolvem a virtude de escassa distinção, tão escassa como aquela com que envolvem a erudição, e para as distinções da dignidade e para os cargos elegem aqueles que vivem na mais ampla opulência [...]”³.

A história, os fatos históricos comuns integram a nação, moldam a consciência social. Tiveram uma influência especial na união dos poloneses acontecimentos trágicos para a Polônia: guerras, partilhas, levantes, que mobilizavam os cidadãos patrioticamente formados para a defesa, para a luta que buscava a salvação, ainda que fosse dos restos, da autonomia do país e a preservação da soberania do espírito. Para os melhores filhos e filhas da pátria, a independência, a liberdade e a justiça eram valores santos, pelos quais estavam prontos a sofrer, lutar por eles e até entregar por eles a própria vida. A recuperação da independência da Polônia após 123 anos de escravidão foi um grande feito histórico, que coroava a longa resistência e as diversas tentativas armadas de recuperar a liberdade.

Vale a pena lembrar como ocorreu o 11 de novembro de 1918, fornecer alguns fatos fundamentais, a fim de conscientizar as pessoas que hoje pensam sem um senso histórico, que facilmente cedem a manipulações e ideias inventadas, do significado dessa data na história da Polônia. Essa data encerra em si um rico conteúdo e simbolismo. Bem no final da I Guerra Mundial, a revolução pôs termo à existência do Império Alemão. Esse Império havia surgido sobre os escombros da autoridade da Austro-Hungria e da França (no ano 1866, durante a guerra austro-prussiana, na batalha de Sadowa obteve um decisivo triunfo o exército prussiano; em 1870 capitulou o exército francês). Digamos mais claramente ainda: ambos esses países foram vencidos pela nova-rica Prússia, estado proclamado somente em 1870. A Prússia de Bismarck enriqueceu com os saques. Roubou a Silésia da Coroa Checa e absorveu as terras polonesas nas três partilhas do nosso país. Brutalmente

³ J. DŁUGOSZ. Roczniki czyli kroniki sławnego Królestwa Polskiego, księga I, red. J. Dąbrowski. Warszawa, 1961, p. 167-168.

Polônia

conseguiu impor a hegemonia aos estados alemães e fundar um império *sine matre, sine patre, sine genealogia* (sem mãe, sem pai e sem genealogia). Dessa forma, portanto, as datas do triunfo da Prússia coincidiam com as datas dos sofrimentos, da humilhação e da queda da Polônia. O dia 11 de novembro de 1918 deve ser visto como uma remoção dessa coincidência. A derrota do mais agressivo ocupante significava ao mesmo tempo o início da Polônia renascida.

Neste ponto é preciso necessariamente enfatizar – sem excesso de comentários – a extraordinária atualidade das palavras de S. Paulo, Apóstolo das Nações, da Sua Carta aos Romanos: “Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça. [...] Eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos [...]. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira [...]” (Rm 1: 18-25).

Os vinte anos do entreguerras viveram com a tradição do 11 de novembro. A Polônia em luta a sustentava. A ocupação alemã era vista essencialmente como um doloroso episódio que acorrentou a Polônia independente. Após o ano de 1944 – na chamada Polônia Popular – a ocupação não cessou, primeiramente no significado literal, ainda que sob o manto de bonés e uniformes poloneses e com biografias preparadas às pressas, e depois, continuada por colaboracionistas nativos. A Festa da Independência, 11 de novembro, foi reconhecida a partir de então como um desafio para um novo poder, estranho, fortalecido na prepotência e na falsidade. Foi proibida a organização de comemorações nesse aniversário. Muitos de nós, aqui presentes, lembram muito bem como ainda há pouco tempo, porque nos anos 80 do século passado, as forças policiais organizavam na Praça da Lituânia em Lublin a caçada contra estudantes reunidos em torno do monumento de 3 de Maio que ali havia sido preservado, e que no dia 11 de novembro queriam lembrar aos transeuntes e aos habitantes da cidade o aniversário nacional que nessa data se comemorava. Os que eram apanhados nesse movimento sofriam diversas repressões.

| Polônia

Essas duas independências, a verdadeira – de 1918, que era uma sentença da justiça histórica e o resultado de uma ação patriótica, e aquela posterior a 1945, projetada e realizada de acordo com o plano de Stalin, não têm entre si nada em comum. Esta última era apenas uma falsificação.

Falando da independência, pensamos nela como numa dádiva que nos foi oferecida. A grande maioria da nação recebeu-a, de fato, sem mérito próprio. A independência é uma dádiva resgatada com o sacrifício de alguém. Com o sacrifício de alguém que pessoalmente não pôde fazer uso desse benefício. Diante de todos esses doadores conhecidos e anônimos, nós temos uma grande obrigação, uma grande dívida de gratidão. Depositamos grinaldas e flores em seus túmulos, acendemos piras. Rezamos por eles. Exponemos guardas de honra. Temos igualmente – e num grau bem mais elevado – uma obrigação diante da própria independência. Essa dádiva pode ser perdida de diversas formas. O pior é quando perde a independência a alma humana. Ela se torna então um objeto de leilão na bolsa do internacionalismo barato, na realidade idêntico àquele que era proclamado por Lênin e pelos seus esgrimistas. A independência não é também um valor de troca. Quando ela é exposta à venda, pode-se privar dela com facilidade, mas nada por ela se recebe, literalmente nada.

Tinha plena consciência disso o principal autor da independência e da grandeza da Polônia – o marechal José Piłsudski. Como sinal de gratidão, nós lhe erguemos monumentos, fundamos placas comemorativas. Conferimos o seu nome a escolas e instituições. Mas será que conhecemos o pensamento do Marechal? Ele discursava e escrevia com frequência. As suas palavras acertadas, certeiras e inequívocas são muito atuais ainda hoje. São uma advertência, porque também agora – após a longa escravidão comunista e após os mais de 20 anos perdidos da III República – em nossa pátria muitas questões caminham na direção errada. Apesar das diversas dificuldades, é preciso que a exemplo do grande Marechal lutemos pela liberdade e pela preservação da honestidade da nossa alma. Não podemos desencorajar-nos com nenhum insucesso ou derrota. Não podemos recuar diante das dificuldades. Para isso é necessário coragem, determinação e coerência na ação. Se

Polônia

a Polônia nos é cara, se realmente nos preocupa o seu futuro, no trabalho em prol dela devemos seguir o exemplo do marechal Piłsudski, que permaneceu inquebrantável no seu serviço em prol da pátria nas mais difíceis circunstâncias históricas, sem se importar também com os indignos ataques dos inimigos políticos.

Ele assim falou a esse respeito no dia 3 de julho de 1923: “Fui colocado tão alto como ninguém antes tem sido colocado, fui colocado de maneira a lançar a minha sombra sobre todos, permanecendo apenas eu na luz. Havia uma sombra que corria a meu lado – que ora a mim se adiantava ora ficava para trás. Essas sombras eram inúmeras, essas sombras me cercaram sempre, sombras inacessíveis, que me acompanhavam passo a passo, que me seguiam e me arremedavam. Seja no campo de batalha, seja no trabalho tranquilo no palácio Belweder, ou ainda nas carícias de criança – essa sombra inseparável em minha volta me seguia e perseguia. Um imundo e monstruoso pigmeu de pernas tortas, que escarrava a sua alma imunda, que sobre mim cuspiu de todas as partes, sem poupar nada que devia ser poupado – a família, as relações, as pessoas que me eram próximas, que acompanhava os meus passos, que fazia caretas momescas, que deturpava cada pensamento ao contrário – esse monstruoso pigmeu rastejava atrás de mim, como um companheiro inseparável, vestido de bandeirolas de diversos tipos e cores – ora de um estado estrangeiro ora do nosso, que gritava palavras de ordem, que contorcia a sua boca enorme, que inventava inauditas histórias, esse pigmeu foi o meu companheiro inseparável, meu colega inseparável na sorte e na desdita, na felicidade e na desgraça, na vitória e na derrota. E não julguem, senhores, que se trata apenas de uma metáfora [...]”⁴.

Assim, portanto, o herói a quem reverenciamos como aquele que ressuscitou a Polônia era falsamente difamado, ofendido. Será que atualmente não observamos o mesmo comportamento diante dos políticos que defendem os interesses da Polônia, que se guiam pelo interesse da Pátria? Basta que gra-

⁴ J. PIŁSUDSKI. Pisma zbiorowe, t. 6, red. K. Świtalski. Warszawa, 1937, p. 30-31.

| Polônia

ças a eles surja algo de bom, independentemente de quem detenha o poder, logo nos meios de comunicação surgem calúnias, zombarias. Pessoas honestas, que agem pelo bem do país, são privadas de dignidade, atribuem-se a elas as piores intenções, são acusadas de desonestidade, de ganância, das mais baixas motivações, de interesse pessoal. Existe hoje uma quantidade extremamente grande de ataques infundados, que propositalmente atentam contra a dignidade e o bom nome das pessoas. O marechal Piłsudski sofreu um tratamento semelhante: “Trata-se apenas de cuspir – dizia ele – trata-se apenas do excremento interior, de que devia estar repleta a alma, se foi capaz de semelhantes coisas. Trata-se de um fenômeno incrivelmente repugnante da alma humana que dessa forma é capaz de proceder. De um monstruoso pigmeu, nascido dos pântanos nativos. Fustigado por cada um dos ocupantes, vendido de mão em mão, remunerado. Eis aqueles que querem rebaixar ao seu nível aquilo que foi elevado ao alto”⁵.

O Marechal não se desencorajava com as adversidades. Graças ao seu patriótico engajamento, à sua genial visão militar, à sua inquebrantável vontade de luta e à fé na vitória, ele se tornou a pedra angular da Polônia independente, ressuscitada após uma escravidão que durou mais que um século. Foi um exemplo para aqueles compatriotas nossos que prestaram um magnífico exame do seu patriotismo no difícil período da ocupação e mais tarde, por mais de quatro décadas, nas condições da escravidão comunista. Com ele devemos aprender aonde devemos ir e como devemos proceder.

Cada um de nós vê a Polônia em diversas cores e matizes. Diante de cada um de nós se apresenta uma determinada tarefa. Os cristãos devem ser os primeiros a empreendê-la, com todo o vigor e com responsabilidade. Para fazê-lo corretamente, devem aprender a ouvir todo cântico sobre a Polônia, especialmente o lamentoso. O autor inspirado confessou:

À beira dos canais de Babilônia

⁵ J. PIŁSUDSKI. Pisma zbiorowe, t. 6, red. K. Świtalski. Warszawa, 1937, p. 32.

Polônia

nos sentamos, e choramos
com saudades de Sião;
nos salgueiros que ali estavam
penduramos nossas harpas.

[...]

Se eu me esquecer de ti, Jerusalém,
que me seque a mão direita!
Que me cole a língua ao paladar,
caso eu não me lembre de ti,
caso eu não eleve Jerusalém
ao topo da minha alegria! (Sl 137: 1-2, 5-6).

Jamais, em nenhuma situação, pode-se esquecer da pátria. Não se pode olhar passivamente para o que com ela e nela acontece. Principalmente quando acontece algo de mal. Quando se luta contra a cruz de Cristo. Quando não se busca a verdade e, no lugar do bem, promove-se o mal. Quando se enfraquecem as consciências e se pretende depravar os mais jovens. Quando através de votação se quer decidir qual a criança que tem o direito de nascer e qual pode ser privada da vida em nome da livre escolha da mãe!

A Pátria é a nossa obrigação coletiva – afirmava um grande poeta. É também a tarefa pessoal de cada cidadão. Parafraseemos as sábias palavras do salmista bíblico:

Se eu me esquecer de ti, minha Pátria,
que me seque a mão direita.
Que me cole a língua ao paladar,
caso eu não me lembre de ti.

RESUMO – STRESZCZENIE

W związku z obchodzoną 93 rocznicą odzyskania przez Polskę niepodległości autor powyższego tekstu snuje głęboką refleksję na temat wartości, jakimi są ojczyzna i patriotyzm. Polonijny i brazylijski czytelnik

| Polônia

ma możliwość poznania warunków historycznych związanych z tradycją świętowania 11 listopada, jako dnia odzyskania - po 123 latach uciemiężenia przez zaborców – prawdziwej niepodległości. Pisząc o Święcie Niepodległości nie można pomijać postaci marszałka Józefa Piłsudskiego. Autor ukazuje wartość niepodległości i potrzebę podtrzymywania patriotyzmu.

LUBLIN: UMA HISTÓRIA DE AMORÀ LÍNGUA PORTUGUESA

*Lino MATOS e Natalia KLIDZIO**

O Português é uma das principais línguas do mundo. Um número aproximado a 240 milhões de falantes o colocam como o sexto idioma mais falado.

Na República de Angola, com 15 116 000 habitantes, é a língua oficial, mas também são falados outros idiomas como o Umbundo, Kimbundo, Kilongo e Tchokwé. No Brasil, é oficialmente usado por 190 755 799 falantes. O mesmo acontece na República de Cabo Verde, de 434.263 habitantes, mas utiliza-se localmente também o Crioulo. Assim também é na República Democrática de São Tomé e Príncipe, com 179 506 de habitantes. Na República da Guiné-Bissau, com uma população de 1 472.446, a língua oficial é o Português, utilizando-se localmente o Crioulo, Mandjaco, Mandinga, entre outros. Na República de Moçambique, com uma população de 20 366 795 a oficial é o Português, mas há numerosas outras línguas nacionais, como o Lomué, Makondé, Shona, Tsonga e Chicheua, Cicopi, Cinyanja, Cinyungwe, Cisenga, Cishona, Ciyao, Echuwabo, Ekoti, Elomwe, Gitonga, Maconde (ou Shimakonde), Kimwani, Macua (ou Emakhuwa), Memane, Suaíli (ou Kiswahili), Suazi (ou Swazi), Xichanga, Xironga, Xitswa e Zulu. A República Portuguesa possui 10 555 853 de falantes. Na República Democrática de Timor-Leste, com a população de 1 066 582, as línguas oficiais são o Português e o Tétum.

Importante registrar que Macau, Malaca e Goa são espaços geográficos onde as pessoas usam línguas crioulas cujo legado tem base no Português.

Sabe-se também que em países de outra língua oficial como o Uruguai, Venezuela, Argentina, Zâmbia, República do Congo, Senegal, Namíbia, Suazilândia, Costa do Marfim e África do Sul o ensino de português é disci-

*Professores do Departamento de Português do Instituto de Filologia Românica da UMCS, Lublin, Polônia.

Polônia

plina obrigatória no currículo escolar.

Na Polônia há uma referência experiencial que fortalece o universo desse idioma. Trata-se do ensino da língua portuguesa em Lublin, que iniciou em 1979. É uma história de amor por este idioma, iniciada pela professora Barbara Hlibowicka-Weglarz quando visitou Portugal pela primeira vez. Naquele ano, foi uma das primeiras bolsistas do governo português e frequentou, em Lisboa, o Curso Superior de Língua e Cultura Portuguesa organizado para estudantes europeus.

Em 1980, quando regressou à Polônia, com o apoio do diretor do Instituto de Filologia Românica, Prof. Dr Jerzy Falicki, organizou o primeiro leitorado de língua portuguesa da história da Universidade Marii Curie-Skłodowskiej, em Lublin. Apesar de, na época, a língua portuguesa ser quase desconhecida na Polônia, e de haver a possibilidade de os estudantes escolherem, igualmente, o espanhol ou o italiano como segunda língua românica, houve sempre interessados. Ainda em 1980, conseguiu que o Instituto da Língua e Cultura Portuguesa enviasse de Lisboa cerca de 2.500 livros, o que assegurava ao acervo o funcionamento do novo leitorado. Em 1984, publicou a antologia de textos *Portugal Contemporâneo*. Durante os anos em que a língua portuguesa funcionou como um leitorado facultativo, foram organizadas, em colaboração com os estudantes, variadas atividades denominadas “serões portugueses”, nas quais se divulgavam a cultura, a literatura, a história, a música e as tradições.

Entre 1992 e 1995 o Instituto de Filologia Românica participou do programa europeu TEMPUS JEP 3201, dirigido pelo Prof. Dr. Jiri Cerny de Olomouc, sob o título: *Estudios hispánicos y portugueses*, que acabou por ser um momento importante no desenvolvimento dos estudos ibéricos na UMCS. Graças a esse programa, tanto professores quanto estudantes puderam enriquecer os seus conhecimentos sobre Portugal e Espanha. Tornaram-se possíveis a aquisição de material didático e visitas de convidados estrangeiros, dentre outros.

Com o lançamento de um novo curso no Instituto, a Filologia Ibérica, em 1993, a língua portuguesa recebeu o status de segunda língua ibérica, depois do espanhol, sendo obrigatória para todos os estudantes de *Ibery-*

Polônia

styka. Foram introduzidas no programa novas cadeiras, como a gramática e a literatura portuguesas, a história de Portugal, entre outras. Ao longo dos anos 90, a Doutora Hlibowicka continuou as suas investigações na área da linguística, mais precisamente sobre a problemática da categoria do aspecto, concluindo a sua agregação em 1999 sob o título *Processos de expressão do aspecto na língua portugusae*, academicamente, ascendeu para a posição de Professora Doutora Habilitada (*Profesor doktor habilitowany – Prof. dr hab*). Foi a primeira agregação escrita em língua portuguesa na Polônia e com issorecebeu, em 2000, o Prêmio individual do Ministro da Educação Polonês.

Nessa mesma década, começou a se formar um quadro docente dedicado à língua portuguesa, com o ingresso na UMCS de Miroslaw Jawor e de Edyta Jablonka.

A assinatura do acordo de geminação entre Lublin e a cidade de Viseu, em 1998, não só aproximou as duas cidades, mas acima de tudo contribuiu para o desenvolvimento do ensino da língua portuguesa em Lublin. De que forma? Graças aos contatos estabelecidos com a Câmara Municipal de Viseu foi possível trazer para a UMCS o leitor Lino Matos, que sobrevive há mais de dez rígidos invernos e integra o corpo docente. Foi em 2000 que os primeiros estudantes, dentre os melhores, começaram a viajar beneficiando-se da bolsa oferecida pelo Presidente da Câmara Municipal de Viseu. Em 2003, as relações bilaterais se estreitaram ainda mais, quando foi assinado o protocolo entre a Universidade Católica Portuguesa e a UMCS no âmbito do programa SOCRATES/ERASMUS, que permitiu o intercâmbio entre professores e estudantes. Isso viabilizou aos estudantes escrever as teses de licenciatura em língua portuguesa (na área da linguística), já que, até então, só o era possível em espanhol. No mesmo ano, bons ventos sacudiram a cidade de Lublin, pois a UMCS, através da professora Barbara e demais professores, organizou os *Dias da cultura e língua portuguesa*: um congresso de três dias que reuniu professores portugueses, *lusitanistas* do mundo e poloneses. Além da parte “científica”, houve uma parte “cultural”, com uma série de atividades, apresentando a música, o teatro, a poesia e a dança, não só portugueses, mas também de outros países lusófonos, incluindo o Brasil. Em 2003, juntou-se à equipe docente a jovem Justyna Wiśniewska, que fora

Polônia

aluna da Universidade.

A coroa de glória chegou em 8 de novembro de 2005. Depois de muito trabalho, burocracia e obstáculos, foi inaugurado, na UMCS, o Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões, único na Polônia. As atividades desenvolvidas no Centro têm sido imensas, com um pouco de tudo: conferências, exposições, concertos, teatro e cinema.

Um dos muitos resultados e demonstração de um trabalho integrado foi o lançamento, em 26 de maio de 2008, do primeiro Dicionário temático polaco-português (*SŁOWNIK tematyczny polsko-portugalski*), elaborado pela equipe de professores.

Ainda em 2008, em novembro, o ensino da língua portuguesa salta do *campus* para a escola secundária Unia Lubelska. Os mesmos professores da UMCS lecionavam no Liceu. Hoje, o idioma faz parte do programa curricular da escola. Ampliaram-se os intercâmbios, como o programa Erasmus. Atualmente, os estudantes de Lublin desfrutam das bibliotecas de norte a sul de Portugal, desde a Universidade do Algarve até à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, passando pela Universidade Aberta, pela Escola Superior de Educação em Lisboa e pela Universidade do Porto.

Em 2005, o Brasil entrou nessa história. O Ministério da Educação credenciou a UMCS, tornando-a um posto aplicador do CELPE-Bras, que é o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, na variante brasileira. No mesmo ano, a professora Natalia Klidzio ingressou no corpo docente, e os componentes curriculares receberam o colorido verde-amarelo dos temas brasileiros.

A necessidade de estreitar laços acadêmicos gerou outro fato: em 2007, foi assinado o Acordo de Cooperação entre a UMCS e a UNIJUI – ponte para uma aproximação entre a Polônia e o Brasil. Esse ato é fruto de uma inspiração do professor Eclair Morazinski (*in memoriam*) da UNIJUI, de Santa Rosa. Na ocasião, o professor Eclair participava da Romaria a Nossa Senhora de Częstochowa, em Bom Jardim, e encontrou estudantes poloneses que passavam férias com a professora Natalia Klidzio. Trocaram ideias que se espalharam em inúmeros e-mails posteriores entre a professora Barbara, o professor Eclair e Laura Scheren Dalpiaz, da Assessoria Internacional da

Polônia

UNIUI. O estandarte foi levantado também pela professora Marli Siekierski, líder da comunidade polônica de Ijuí. Hoje, o Acordo se desenvolve vivamente com estudantes intercambiados através de estudos e pesquisas nas duas universidades, levando e trazendo sua criatividade, seu talento, suas experiências, sua cultura e seu domínio das línguas portuguesa e polonesa para as comunidades em que são acolhidos.

Em agosto de 2008, quando a professora Barbara viajou ao Brasil em visita acadêmica à UNIUI, de Ijuí e Santa Rosa, foi convidada pela Administração de Guarani das Missões para conhecer a cidade. De Lublin, berço de onde partiram muitos poloneses, Barbara foi acolhida em Guarani das Missões, terra para onde foram os imigrantes, e distinguida com o ato oficial “visitante de honra”. Participando do evento na Linha Harmonia, constatou com comoção o culto à cultura e à língua polonesa em Guarani. Dessa forma, voltou à Polônia sensibilizada pelo caminho traçado pelos poloneses no Brasil.

Atenta ao universo da língua portuguesa, a UMCS ampliou as possibilidades aos estudantes. Em 2010, com o ingresso da professora Renata Szmidt no quadro docente, passou a oferecer disciplinas referentes aos países africanos de língua portuguesa.

O compromisso e a responsabilidade com o universo da LP aumentaram. Além disso, todo esse trabalho e empenho foi reconhecido pela Embaixada do Brasil, na Polônia: o Ministério de Relações Exteriores do Brasil nomeou a professora Barbara Hlibowicka-Węglarz como Cônsul Honorária do Brasil na Polônia.

E assim se passaram trinta e três anos. A língua portuguesa em Lublin cresceu, amadureceu. Deu frutos: a formação dos jovens.

RESUMO – STRESZCZENIE

Język portugalski należy do grupy języków najbardziej używanych we współczesnym świecie. Około 240 milionów osób posługuje się tym językiem na co dzień. Po wstępnym zapoznaniu czytelnika z rzeczywistością tego języka, wiele uwagi poświęcają w swoim artykule, jego obecności na uczelniach w Polsce. Autorzy skupiają się nad historią nauczania języka portugalskiego i

| Polônia

osobami zajmującymi się jego nauczaniem i promocją na Uniwersytecie Marii Curie-Skłodowskiej w Lublinie.

BOSQUE JOÃO PAULO II. PARQUE MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO POLONESA*

Por que preservar casas de troncos?

A ideia do Parque João Paulo II

Memorial de Imigração Polonesa

É o polonês Ruy C. Wachowicz, professor titular do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná quem escreve e ensina:

A imigração polonesa no Brasil caracterizou-se por ser constituída de agricultores, retirados de condições semifeudais de vida, muitos deles inclusive com lembranças ainda bastante fortes do sistema no qual viveram. Portadores de estereótipos seculares, é natural que viessem a se caracterizar no Brasil como refratário às inovações acentuadas. Sua falta de adaptabilidade às condições de concorrência, no sistema capitalista, era notória. Na imigração teve oportunidade de entrar em contato e concorrer com imigrantes alemães, italianos, espanhóis, etc. Todos estes, mais adaptados às exigências da sociedade capitalista, venciam os poloneses na concorrência de atividades urbanas, à qual estavam mais acostumados e adaptados. Os poloneses, em sua grande maioria, simplesmente preferiam permanecer camponeses. Os imigrantes espanhóis, alemães ou italianos sempre tinham algo a fazer, mesmo nos momentos difíceis, quando nada tinham de seu. Em último caso, para sobreviver compravam uma escova, uma caixa de pasta e dedicavam-se à tarefa de engraxate pelas ruas. Ou então, tomavam por 5 vinténs algumas bananas e vendiam-nas até ao escurecer, obtendo o dobro de lucro. O mesmo porém não acontecia com o camponês polonês, não afeito à árdua luta de sobrevivência em qualquer centro urbano.

No Brasil, enquanto predominavam em sua mentalidade as estruturas mentais vigentes nas aldeias da Polônia, voltavam as costas às oportunidades que surgiam para urbanizar-se e embrenhavam-se cada vez mais para o interior, satisfazendo a

* Este texto foi publicado no "Boletim Informativo da Casa Romário Martins", Ano VIII, No 55, Julho de 1981. Aqui registramos nosso agradecimento a Rafael Greca de Macedo pela permissão para publicar o conteúdo desse Boletim em nossa revista Polonicus.

Artigos

sua extraordinária sede de terras. Uma gleba de terras de sua propriedade, coberta de matas à sua disposição para sulcar-lhe o solo com o arado. Era seu objetivo e seu sonho.

Das colônias ao derredor de Curitiba, a maior parte penetrava, através das novas gerações, para o sertão inculto por desbravar, voltando as costas para o quadro urbano. O cheiro do mato, o panorama da criação doméstica e os celeiros abarrotados faziam-lhe bem à alma. Em todos os campos da atividade do imigrante polonês, manifestava-se o seu conservadorismo, inclusive na agricultura. Esta característica, adquirida e herdada das condições conjunturais a que sua pátria na Europa estava submetida, transferiu-se igualmente para o Brasil. Aqui, na América, foram obrigados a adotar as novas culturas agrícolas, que por força das circunstâncias foram obrigadas a praticar, porém teimosamente procuraram manter suas culturas tradicionais, como o centeio e a "tatarca" (trigo sarraceno), para a preparação de sua característica broa preta de centeio.

A mesma coisa ocorre com a maneira de preparação do solo, o mesmo na escolha das sementes, o mesmo com o instrumental agrário utilizado. Em toda a parte a mesma teimosia e conservadorismo, às vezes acompanhado por um retrocesso. Essas são algumas das características do camponês polonês.

Tais características foram acompanhadas por uma imensurável vontade de trabalhar, bem como uma resistência incomum no trabalho. Estes traços fundamentais acompanharam o camponês polonês para a América. No Brasil, até o advento das modernas vias de comunicação e de um mais moderno sistema de ensino, essas características tendiam a conservar-se indefinidamente, pelo isolamento da maioria das colônias do interior. Além disso, qualquer tentativa de um trabalho social com os mesmos esbarrava com um fato inexistente na Polônia: sua dispersão pelas linhas coloniais, ao contrário do agrupamento das residências nas aldeias de origem, tendia a torná-los mais isolados e conservadores, afastados de todo maior contato com a sociedade envolvente.

Outra característica que os distinguiu no Brasil foi a ausência nas colônias de um proletariado rural numeroso, como nas aldeias de origem. Este era praticamente

Artigos

inexistente nas colônias brasileiras. Cada família era proprietária. Podia ser mais abastada ou menos, mas todos nas colônias pertenciam à mesma classe de pequenos proprietários. Por isso é que no Brasil, com terras praticamente à vontade, uma família numerosa era considerada por todos uma verdadeira graça de Deus, o que não ocorria nas famílias pobres na Polônia. Toda mão de obra existente tornou-se indispensável para o agricultor, mesmo a de criança. Os agricultores nas colônias constituíram uma camada social única. Outras atividades absorviam uma percentagem bem menor de poloneses e seus descendentes. Quando os poloneses chegaram ao Brasil, dirigiram-se à agricultura de subsistência, em regime de pequena propriedade. Esse tipo de agricultura, nos tempos coloniais, era exercido por agregados, libertos ou descendentes de índios, pelo que, para a mentalidade da época, passou a ser considerado como sendo uma atividade exercida por pessoas de status inferior. Os grandes latifundiários dedicavam-se à monocultura agrícola ou à criação de gado bovino. Por outro lado, as atividades ocupacionais secundárias, típicas também de uma sociedade alemã, como trabalhadores de ofício, carroceiros, etc., encontraram já o meio curitibano saturado por outros étnicos, preferencialmente os alemães.

A agricultura de subsistência, em regime de pequena propriedade, caracterizou pois o imigrante polonês no Brasil, notadamente no Paraná. Por isso, o termo polaco, ou polonês, passou a ser um termo que se identificava de imediato, na sociedade local, com a agricultura. Tal correlação criou entre os descendentes de poloneses, que procuravam emergir dentro da estrutura social do meio paranaense, uma espécie de reticência quanto às suas origens. Ser de origem polaca, era admitir ipso facto que se pertencia a uma camada mais baixa da sociedade. Ser pequeno agricultor era uma atividade envolta em falácias, no meio de adoção. Essas falácias continuaram com os descendentes de poloneses, que procuravam libertar-se dos liames que os prendiam à atividade agrícola. O descendente que, mudando de ocupação econômica, passou a exercer outras atividades na sede da colônia ou em outras ocupações existentes nos centros urbanos maiores, como Curitiba e Ponta Grossa, por exemplo, desejava libertar-se de sua condição de polaco, de filho de imigrante colono. Desejava passar a pertencer a uma camada superior da hierarquia social.

O descendente de colonos poloneses, nas últimas décadas do século passado e nas primeiras do século XX, que abandonava a profissão de seus ancestrais e procurava urbanizar-se, imergia numa fase crítica, verdadeiramente dramática, do processo de integração, na sociedade de adoção. Eram descendentes, não mais poloneses, e

Artigos

mesmo em maioria não o queriam ser mais, no entanto ainda não eram inteiramente brasileiros. Para servir o exército, para pagar os impostos, nas repartições públicas, ele era considerado brasileiro, de direito. Entretanto, quando concorria com outros, disputando um emprego, quando era comparado com patrícios seus que se dedicavam sobretudo a trabalhos braçais, ele então, era polonês.

O correlacionamento que o meio de adoção fez de polaco com um baixo nível de instrução muitas vezes levou-o a sentir vergonha de sua própria origem. Esse sentimento de vergonha levou a muitos indivíduos de ascendência polonesa a rejeitar sua origem étnica. Estes passaram a se apresentar como alemães, austríacos ou russos, de acordo com as regiões de procedência da Polônia. Quando interpelados por alguém que conhecia melhor essa problemática, saíam-se com evasivas como: Não sei, pelo menos era o que constava no passaporte do meu avô. Tal atitude tem sua explicação no fato de muitos passaportes de emigrantes poloneses virem extraídos sob a nacionalidade da potência de ocupação da região na Polônia.

Os estereótipos como polaco sem bandeira, polaco burro, polaco e colarinho não se quadram, polaco burro é pleonasma, levaram alguns descendentes de poloneses a adquirirem um complexo de inferioridade em relação à sua origem étnica. A constatação desse complexo de inferioridade ocorria sobretudo em camadas sociais intermediárias, entre o camponês e os indivíduos urbanizados, de cultura superior. O camponês não o possuía porque os descendentes continuavam na própria classe de origem de seus antepassados; as camadas urbanas mais cultas também não o possuíam, devido à própria condição de poder avaliá-lo.

A identificação do polonês com o meio rural, sua conseqüente aversão pelo quadro urbano, bem como seu baixo índice de instrução já era constatada em 1890, por ocasião da fundação da primeira sociedade polonesa em Curitiba. Somente foram encontrados em Curitiba 22 poloneses capazes de se interessarem pela criação de uma sociedade. Rezava a ata de instalação da mesma:

A maioria dos poloneses está nas colônias, completamente isolados da civilização. Cada ano decaem moralmente, fisicamente e economicamente (...) Por isso, perante os brasileiros e outras nacionalidades, têm menos res-

Artigos

peito. Precisamos energicamente criar uma Sociedade e um jornal polonês, para que possam ler e dessa maneira frear sua constante desmoralização.

Observe-se que, mesmo antes da vinda das grandes levas de imigrantes poloneses, no período da febre brasileira, já existia em Curitiba o problema da baixa avaliação do polonês, pelo meio de adoção, e sua perda de respeito por parte dos brasileiros e outras nacionalidades. O período que mais caracteriza uma baixa avaliação do polonês na Paraná corresponde às décadas que antecederam a restauração da Polônia como nação politicamente independente. Com o surgimento de grupos intelectuais, leigos e eclesiásticos, no início do século XX e com a abertura do consulado polonês em Curitiba, a situação começou a mudar para melhor. A organização de instituições como a “Kultura” e a “Oswiata”, organizações estas supraterritoriais, destinadas a centralizar e coordenar o desenvolvimento nas colônias polonesas de escolas, que chegaram em 1937 ao número de 349, com mais de 12.000 alunos, das quais 167 no Paraná com mais de 6.000 alunos; dezenas de grupos teatrais nas maiores escolas; a organização “Junak”, que chegou inclusive a ter quase uma centena de sedes no Sul do Brasil, com a finalidade de desenvolver a cultura física entre a juventude, chegando inclusive a fornecer campeões de atletismo, não só de âmbito regional, mas brasileiro e sul-americano; a criação de entidades destinadas a melhorar o nível da agricultura dos descendentes de poloneses no Brasil; promoções culturais como a vinda de poloneses pintores, músicos, cantores, cientistas, pilotos promovendo raides transoceânicos, etc.; o desenvolvimento de uma ativa indústria gráfica em língua polonesa, a penetração em grande escala dos descendentes de poloneses nas escolas de nível superior em Curitiba; todas essas novas atitudes e posicionamentos vieram alterar a conotação negativa adquirida pela imigração polonesa na região, embora ainda persista o problema de uma maior integração do polono-paranaense ou polono-brasileiro de origem rural, sobretudo o proveniente das colônias afastadas e isoladas do “hinterland”.

No Paraná, sobretudo na região da Grande Curitiba, a maior incidência da imigração polonesa trouxe hostilidade da nacionalidade ao não nacional, aqui especificamente dirigida ao polaco, devido à concorrência inevitável e à própria mentalidade arcaica da qual o camponês polonês era portador.

Fenômeno semelhante ocorreu com os alemães em Santa Catarina, com os italia-

Artigos

nos em São Paulo e com o português no Rio de Janeiro, onde o nacional ou o não nacional, desacostumado ou impossibilitado, diante da concorrência do grupo majoritário, de realizar sua acumulação capitalista, vingava-se na anedota, a um tempo agressiva e simpática, frequentemente com alta compreensão humana. No Paraná, ou melhor, na vasta área da Grande Curitiba e de sua influencia mais direta, a vítima é o polaco.

Segundo o professor Bento Munhoz da Rocha Neto, o colono polono-paranaense merece figurar entre os tipos regionais brasileiros. Identifica-se o mesmo por sua expressão humana característica, por seus usos e costumes, pelo comportamento que às vezes contrasta com os grupos que compõem a comunidade. Nessas atitudes, identificam-se muitos traços de sua região de origem, porém não é mais o camponês que veio. Adaptou-se, adquirindo novos hábitos, constituindo assim um tipo peculiar da região nossa.

Por isso, o referido autor afirma que, no Paraná, pode-se dizer: o polaco é nosso, pois, povoando a região centro sul do Estado, veio a caracterizar a imigração europeia, não portuguesa, na região.”¹

Pelas razões expostas por Ruy Wachowicz, as instruções culturais, os museus da cidade de Curitiba pouco se preocupavam com a preservação - com a documentação - dos resquícios de epopéia tão decisiva para a formação da nossa sociedade, resquícios até hoje presentes em todo o Paraná, principalmente na Grande Curitiba. Quando da proximidade da visita do Papa polonês, João Paulo II, à cidade de Curitiba, no mês de janeiro de 1980, nós propusemos, pela Casa Romário Martins, que os cenários do encontro do Papa com o povo fossem revestidos de simplicidade e tivessem o calor e as cores da memória e da imigração.

A princípio, as reações foram contrárias:

“- É ridículo!” nos disse um arquiteto do IPPUC, mais tarde convencido da beleza da iniciativa e até propagador da mesma nos simpósios interna-

¹ WACHOWICZ, Ruy Christovam, 1939, in “O Camponês Polonês no Brasil”, Curitiba, Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981. p.139 a 143.

Artigos

cionais de Arquitetura.

“- *Parece deboche!*”, sentenciou, peremptoriamente, um eclesiástico de origem polonesa, preso aos preconceitos curitibanos. O mesmo eclesiástico chegou a impedir que fizéssemos o Santo Padre entrar no estádio do Coritiba Foot Ball Club numa carroça eslava, destas que transportaram todo o progresso do Paraná, como logo sugeriram os cerimoniais do Palácio Iguazu e da Presidência da República.

O apoio do Prefeito e do Arcebispo de Curitiba e do Padre Benedykt Grzymkowski, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil (instituição criada no passado recente para atender o clero polonês no país), durante boa parte deste século em dificuldades com o clero luso-brasileiro, a ponto de em 1890, “*o Vigário Geral Forense de Curitiba, padre Alberto José Gonçalves, representante do bispo, haver iniciado processo de substituição dos padres poloneses por brasileiros, e de remoção dos padres poloneses de um lugar outro, preferencialmente para paróquias onde não houvesse imigrantes poloneses*”² nos animaram a progredir.

Formulamos um plano, transformando em documento do IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, propondo a recepção ao Papa numa casa típica, além de completo esquema de visita, e o oferecemos ao arcebispo Dom Pedro Fedalto, que, ainda incerto da definição da visita pontifícia, logo seguiu para Itaiaci (SP), onde o episcopado brasileiro foi instruído pelo Núncio Apostólico da peregrinação e da sua data.

Este plano foi adaptado ao estádio do Coritiba Foot Ball Clube quando o monsenhor Marcinkus, enviado do Vaticano para a preparação das visitas apostólicas esteve na cidade, dois meses depois, definindo o encontro de João Paulo II com os poloneses e a grande missa de domingo para todas as etnias.

² Idem, p. 101.

Nota do redator da revista “Polonicus”: Aqui precisamos dizer que a Missão Católica Polonesa não foi criada para atender o clero polonês - como escreve o autor - mas para garantir a assistência religiosa aos imigrantes poloneses e seus descendentes no país. Além disso a MCP no Brasil foi instituída mais tarde, isto é em 1953. Para saber mais sobre esta instituição o Caro Leitor pode ler no meu livro *Solicitude não apenas com os patrícios. Missionários poloneses no Brasil, Curitiba 2001.*

Artigos

Naquela ocasião disse a Monsenhor Marcinkus que *“- Se o Papa não puder ir até uma colônia polonesa, nós vamos transferir todo o clima de uma destas povoações para o estádio”*. Ele chegou a rir. No dia da visita pontifícia, 5 de julho de 1980, em pleno estádio, abraçou-me e disse: *“- Vocês conseguiram. Está esplêndido!”*, no inglês de bispo de Chicago.

No encontro do Papa com a colônia polonesa, o ponto das atenções foi uma edificação de pinho - em troncos de cerne de pinheiro, casa pioneira da colônia São Miguel Arcanjo, paróquia vizinha a Tomás Coelho, antiga povoação do rocio de Curitiba, fundada no século XIX. A ideia básica era colocar todos os passos do Papa em cenário sintonizados com a política de preservação, de humanização da cidade, para assim “santificar” objetos e edificações – que num país desenvolvido já estariam preservados – pela dignidade que se lhes conferia.

E o Papa entendeu a proposta. É ler sua entrevista ao editor do mais importante jornal católico de Cracóvia, e da Polônia inteira, o “TYGODNIK POWSZECHNY”, do jornalista Jerzy Turowicz, publicada na edição de 3 de setembro de 1980 daquele semanário, e na edição – em português – de 10 de agosto de 1980 do “L’OSSERVATORE ROMANO”, jornal oficial do Vaticano.

O repórter perguntou: *“Como em todos os países do mundo, também no Brasil, sobretudo em Curitiba, se encontrou Vossa Santidade com gente da Polônia. De que modo olha o Papa desta Nação, para esta antiga comunidade de emigrados da Polônia para o Brasil?”*

João Paulo II respondeu:

“Sobre este assunto poderia falar muito e também dizer pouco. Primeiro é preciso admitir que eles são um do grupos imigrados da Europa. Um dos grupos mais numerosos. Sobretudo em Porto Alegre, no RS, e em Curitiba, no Estado do Paraná. Teria sido oportuno notá-los todos. A todos dedicar especial atenção. Entre os grupos étnicos numerosos recordados, além dos poloneses, nos lembramos dos italianos, dos alemães, dos ucranianos. No Brasil há ainda tantos outros, e não provêm só do nosso continente. Há ne-

Artigos

gros da África e asiáticos. (...)

Pelo que diz respeito aos que são originários da Polônia – ou melhor, aos brasileiros com essa origem – eles conservam de maneira bastante evidente sua própria identidade, a própria singularidade. Entre eles está viva a recordação do difícil princípio.

Podia ser disto símbolo eloquente a cabana por eles levantada no estádio de Curitiba para o encontro com o Papa.

Procuraram deste modo repropor o primeiro tugúrio, feito há muito tempo pelos imigrados vindos da Polônia, no interior do Paraná, semelhante às cabanas do nosso país de origem.

Fabricaram-na, obviamente, do material local, sem um só prego. Colocaram simplesmente as traves, uma sobre a outra, no comprimento e na largura, e, entre estas traves, ligadas pela perícia dos carpinteiros, conseguiram habitar e viver.

Estes nossos conterrâneos conservaram no Brasil o apego à velha Pátria, embora muitos deles nunca a tenham visto.

Conservaram longamente o conhecimento da língua da origem? Todos a falam? É difícil sabê-lo, é difícil dizer quantos, em que percentagem.

Por exemplo, contudo, os Bispos brasileiros de origem polonesa falam-na muito bem.

Foi conservada, sem dúvida a fé.

A fé polonesa católica foi guardada.

Entre os vários grupos de imigrantes, os de origem da Polônia, contribuíram – e continuam a fazê-lo – de modo particular para a obra da edificação da Igreja no Brasil.

Conservaram também o traje nacional e numerosas tradições culturais. No estádio de Curitiba assisti a um espetáculo de dança e canto simplesmente maravilhoso.

Mas, sobretudo, conservaram a fé.

Deram à Igreja no Brasil, à Arquidiocese de Curitiba, numerosas vocações sacerdotais e religiosas.

Vindos da Polônia – sacerdotes, congregações religiosas, em particular os missionários de São Vicente de Paulo e também, mais tarde, os membros

Artigos

da Sociedade de Cristo e as Irmãs da Sagrada Família – trabalharam entre os imigrantes, seus compatriotas.

O que é certo é que os imigrantes vindos da Polônia têm seu lugar neste mundo brasileiro, nessa grande comunidade brasileira dos povos, e ocupam, também, a sua parte na fraternidade recíproca em que esta comunidade de vários povos se distingue.”³

O projeto do Bosque João Paulo II foi a segunda parte do processo que desencadeamos nos prólogos da inesquecível estada pontifícia.

Para eles concorreram também o professor Edwino Tempski – agenciador de todos os nossos contatos com os filhos dos imigrantes, herdeiros da tradição –, os bons amigos Domakowski, o padre Banedykt e os arquitetos Sergiuz Sikorski, Luís Massaru Hayakama e Sérgio Póvoa Pires, companheiros do IPPUC, encarregados das obras do rio Belém, atrás do Centro Cívico, incansáveis nas deliberações que precederam a escolha do local e nas discussões estéticas. Com este projeto a área de memória da Cidade de Curitiba, com o apoio decidido dos departamentos de Obras e Edificações e Parques e Praças, da Prefeitura, pretendeu gravar ainda mais forte o que ensinou, na cidade, o Papa:

“Esta cidade de Curitiba, onde me encontro, retrata bem a Jerusalém da manhã de Pentecostes pela imensa variedade das raças daqueles que me ouvem anunciar a boa nova de Jesus Cristo. (...)

De todas as belezas deste vosso país, não sei se levarei no coração imagem de beleza mais tocante e significativa do que a da concórdia, da alegria descontraída, do senso de autêntica fraternidade com que convivem aqui as mais diversas raças.”³

Com o projeto do Parque João Paulo II, memorial da imigração polonesa,

³ WOJTYLA, Karol – Papa João Paulo II, na Homilia de 6 de julho de 1980, aos imigrantes, na missa de Curitiba, Centro Cívico, publicada nos principais jornais do país no dia seguinte e em resenha da Visita Papal ao Brasil da CNBB.

Artigos

além da preservação – a ser intentada a partir de julho de 1981 –, após convênio da Fundação Cultura de Curitiba com a Fundação Roberto Marinho – as velhas casa polonesas se transformaram em merecida, em significativa homenagem a todos os imigrantes que aqui realizaram seus projetos de vida.

Rafael GRECA DE MACEDO
Coordenador da
Casa Romário Martins
Casa da Memória e
autor do projeto.

Edwino Tempski fala sobre as casas de troncos

Edwino Tempski é médico. Curitibano. Orgulhoso da sua origem polonesa. Foi deputado da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. É membro ativo do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense. Pesquisador, está preparando um dicionário da língua caingangue, com todo o vocabulário dos índios ainda existentes no sul do país. Intelectual, é dono de excelente biblioteca paranista. Foi quem revelou aos pesquisadores da Casa Romário Martins as casas de troncos, escondidas, até há dois anos atrás nas colônias distantes dos arredores da Grande Curitiba. Paciente, minucioso, recolheu uma infinidade de objetos da imigração, perdidos nos paióis e nos celeiros, abandonados nos sótãos, trocados por instrumentos e utensílios modernos, de metal e de plástico. O texto seguinte é de sua autoria e reflete, carregado de emoções, a importância do resgate deste significativo pedaço da história do Paraná e da cidade em vias de ser deteriorado pelos agentes animais, fungos, e pela intempérie, ou pela inundação de rodo do vale do rio Passaúna – para os poloneses do Paraná:

As Origens

Nos anos 30 deste século XX, a arqueologia realizou importantes pro-

Artigos

gressos para a definição pré-histórica do homem polonês. Uma equipe de arqueólogos orientou, na localidade de Biskupin, na região de Luzice, no ocidente da Polônia, a drenagem de vasta região pantanosa. À medida que escoavam as águas, represadas num lago secular, emergiu uma vila pré-histórica integrada por dezenas de robustas edificações com curiosa arquitetura.

Submersas nas águas do lago, soterradas pela lama, resistiram ao fluir dos séculos e, para alegria dos pesquisadores, ao aflorarem à luz do sol, iluminaram páginas até então obscuras da pré-história polonesa. Estudos subsequentes, de complexas equipes de pesquisadores nacionais e estrangeiros, permitiram a definição do importante achado arqueológico, logo relacionado como patrimônio cultural dos pré-históricos Luzacianos, tronco pioneiro e fundamental da genealogia eslavo-polonesa contemporânea.

As construções encontradas, seu madeiramento, os demais resíduos arqueológicos, submetidos a testes cronométricos à base de carbono radioativo, evidenciaram que a pré-histórica vila foi erigida em data bastante remota, aproximadamente 1.500 anos antes de era cristã.

Hoje em dia, quem, eventualmente, percorrer os territórios luzacianos, na velha Polônia, há de sentir emoções ante a carinhosa restauração das velhas cidades, dos seus edifícios e monumentos, ainda há poucos anos reduzidos a escombros pela ação dos incêndios e dos implacáveis bombardeios, pela avalanche devastadora dos exércitos em luta.

Lá, onde sobraram monturos e ruínas, sombrias e dramáticas reminiscências de crimes cometidos contra a humanidade inteira, ressurgiram os conjuntos arquitetônicos, os campos, os bosques, em cuja intimidade transcorreram relevantes episódios da história e da civilização polonesas.

Em meio a tão empenhada azáfama restauradora, aquilo que mais entenece e agita o coração do observador é a concomitante difusão e aprimoramento do milenar estilo arquitetônico dos pré-históricos luzacianos. As casas de troncos já foram singela moradia dos lendários poloneses do passado remoto, tornaram-se abrigo de feudatários, de nobres, de humilde gente do meio rural e—passado tanto tempo—, agora reassumiram suas funções como hospedaria para turistas, centro de estudos e museus.

Artigos

São as mais típicas dentre todas as habitações polonesas, nelas está a tradicional hospitalidade, e tudo se agita e se realiza sob a brilhante sentença síntese do espírito polonês: “DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA”.

Os imigrantes poloneses do Paraná

A imigração polonesa no Paraná teve início em 1871. O primeiro contingente dos que vieram se compunha de poucas famílias camponesas, sequiosas de paz, de liberdade, de trabalho compensador.

Plenos de esperança, confiantes em Deus e em seus fortes, os poloneses aqui começaram nova vida, aqui confundiram seu destino com o da terra que lhes acenava brilhante porvir, repleto de afeto e de grandiosas realizações.

Para atender aos reclamos de sua própria sobrevivência, imediatamente se puseram a cultivar as terras recebidas do governo imperial, que mais tarde formariam o cinturão verde de Curitiba. A primeira tarefa foi a construção da casa, abrigo para os seus. Os colonos sabiam apenas a situação imprecisa do lote recebido. Sua configuração e dimensões eram indefinidas. Todas as dificuldades, no entanto, foram vencidas com muito trabalho.

Mas quando, finalmente, o imigrante polonês contemplou seu pedaço de terra, o viu coberto por selva densa, repleta de robustos pinheiros, jamais havia imaginado flora tão rica, fauna tão exótica. Sua mente e suas esperanças começaram a tomar contato com o lendário Paiquerê – o paraíso terrestre da natureza harmoniosa, na língua dos índios, antigos donos da terra.

Aí, quando seus anseios se defrontaram com a realidade, vieram as incertezas, e a fé foi a defesa: “Senhor, não nos abandone!”.

Na fase incipiente da sua instalação nas terras brasileiras, embora livre, o imigrante estava isolado. Sofreu as amargas frustrações da inexperiência, da desorientação agrícola, do abandono oficial, como referenciam diversas obras, entre elas “O Camponês Polonês no Brasil”, de Ruy Wachowicz, publicado em Curitiba, em 1981, por esta Casa Romário Martins e pelo autor, livro repleto de cartas dos primeiros imigrantes para os parentes na Polônia.

A colonização, ainda assim, foi um sucesso. As searas frutificaram logo,

embora tenham sido aradas à custa de sofrimento.

Entre araucárias, a casa polonesa

Tombou o primeiro pinheiro, a vigorosos golpes de machado. Um dia inteiro de exaustivo trabalho. No dia imediato, o colono, com as mesmas mãos calejadas, prosseguiu sua tarefa.

Os longos e retos galhos foram separados do tronco e dispostos paralelamente, uns sobre os outros, entre estacas afixadas no solo, duas a duas.

A porção superior e livre das estacas foi amarrada com cordões de cipó, retirado da mata circulante.

Surgiu a primeira parede e, de modo idêntico, outras três.

A seguir, com os mesmos galhos de pinheiro, com variados entalhes nas extremidades, foi erigida a cobertura, também amarrada às paredes já feitas.

Longas faixas de casca do pinheiro foram dispostas, tal qual grandes telhas goivas, sobre o esqueleto pré-armado. Ao final, estava pronta a primeira moradia do imigrante.

No seu chão, espalhou capim seco, fez seu leito de barbas de mato. Em frente ao rancho, armou improvisado trempe de madeira e nele pendurou a panela. Fez o fofo, e a família pôde comer a primeira refeição quente em muitos dias: feijão preto e charque, alimentos nunca antes provados, conseguidos nos armazéns de secos e molhados da cidade.

Ao contemplar sua primeira obra, com certeza, veio logo à lembrança a secular casa de troncos, tão comum na Polônia, a milenar terra natal.

Mudaram os pinheiros, de abertos para araucárias, mas os troncos estavam ali e eram muitos, e fariam moradias duradouras. Nos dias subsequentes, tombaram novos pinheiros. Como desdobrar os imensos troncos? Na ausência de serrarias, foram divididos, facetados, falquejados a golpes de machado. E como eram grandes, e pesados, estes instrumentos! Trinta centímetros em seu rebordo cortante, conforme se pode ver no Museu Agrícola do Parque João Paulo II, de Curitiba.

Os enormes troncos, de 6 a 9 metros de comprimentos, de 50 ou mais centímetros de largura, constituídos só pelo cerne dos pinheiros, capricho-

Artigos

samente facetados, receberam nas extremidades primorosos entalhes, de maneira a se encaixarem uns sobre ou outros, formando paredes firmes, ao mesmo tempo vedação e estrutura da nova casa.

Em razão de seu peso e volume, as paredes de troncos não podiam ser erguidos sem a ajuda dos vizinhos. Requeriam imaginação, criatividade, planos inclinados e todo um trabalho de mutirão.

Para reforçar o entrosamento dos caibros e das tesouras do telhado, na ausência de pregos, foram utilizados tarugos de dimensões avantajadas, talhados em madeira dura e sadia, caprichosamente selecionada.

A cobertura propriamente dita era, inicialmente, feita com madeira lascada, de pequenos rachões, obtida com auxílio de cunhas e macetas, ao final “coberta de tabuinhas”, em polonês, “gonty”.

Sua duração efêmera fez com que fossem substituídas, logo, por telhas de barro, chatas, diferentes do modelo francês, feitas da argila abundante nos campos de Curitiba, de intensa atividade oleira.

Detalhe do vigamento, sinal da fé dos moradores, era o entalhe da cruz e das iniciais da eucaristia católica romana “JHS”, isto é, “Jesus Hóstia Santa”, em vernáculo, seguida da data da construção, bem ao centro da viga principalmente da sala.

Quanto ao madeirame do forro e do assoalho, primitivamente se fez com que as costaneiras dos pinheiros - também usadas na ereção dos paióis. Depois, passou-se a fazer à base de largas e grossas tábuas, resultantes do desdobramento dos pinheiros por meio de longas serras manuais, pacientemente manejadas por dois colonos. Na tarefa de fixação do forro e do assoalho terminava o mutirão entre os vizinhos, e começava a ocupação da casa pela família. Todos, dos avós aos netos, se empenhavam em vedar as fendas entre os troncos das paredes.

Uns picavam palha de capim. Outros misturavam ao barro adequadas porções de água, estrume e cinza. Todos pisoteavam a mistura, amassavam-na. E assim se fazia a argamassa necessária.

Em muitas edificações, ainda se realizaram outros melhoramentos. A face interna das paredes chegou a ser coberta por trançados de taquaras lascadas, revestido de massa de barro. O conjunto, depois de seco, tinha sua

Artigos

superfície alisada por instrumentos cortantes, de preferência machadinhas bem afiadas. O resultado eram paredes lisas, bem feitas, que cheguei a conhecer, um século depois, resistentes à inclemência da intempérie.

Pouco a pouco, sobreveio e instalação do forno e do fogão. O mobiliário, tosco, era fabricado na própria colônia, às vezes em casa: camas, berços, guarda-roupa, guarda-comida, cômodos, sofás, tigelas, tinas, gamelas, tudo em pinho. Uma ou outra casa tinha baús revestidos de couro ou tecido, trazidos da Europa. Todas tinham as imagens dos santos, frequentemente Nossa Senhora de Czestochowa, em velhas litografias, que, enroladas, atravessaram o oceano.

Os colchões eram feitos de palha picada, acomodada sob grossos panos de linho, tecido rústico primorosamente alvejado. Ao findar cada dia de trabalho, na nova casa, as famílias se reuniam em torno do fogão. Recordavam fatos e histórias do passado, as mães acionavam a roca, ou no tear trançavam fios. As avós embalavam os netos nascidos brasileiros. Todos, em voz uníssona, murmuravam os orações milenares, agradecendo a Deus pela nova vida.

Foram as casas de troncos, abundantes nas colônias dos campos de Curitiba, no Sudoeste do Paraná, das regiões serranas do Oeste catarinense, a primeira contribuição do imigrante polonês à paisagem brasileira. Inconscientemente, sem planificação arquitetônica, em geral compostas de vestibulo e sala, com sótão, logo completas por paióis onde celas rústicas armazenaram as colheitas, as casas polonesas do Sul do Brasil reeditaram as milenares edificações de Biskupin, após 3.500 anos.

Durante décadas sucessivas, e já há mais de um século, no seu interior nasceram e cresceram várias gerações de brasileiros de origem polonesa.

Os tempos modernos, difíceis, a integração étnica na sociedade paranaense fizeram com que as casas fossem transformadas em celeiros, estúbulos, oficinas, complementos de novas casas de alvenaria de pedra ou de tijolos, de varandas recortadas em lambrequins; ou, então, simplesmente abandonadas. Como as casas que ainda permanecem, às margem dos velhos caminhos, no altos das colinas, em lugares como Murici, São Miguel Arcanjo, Tomás Coelho, nos arredores da Grande Curitiba.

Artigos

Quantas vezes, imerso em devaneio, perscruto o passado e, lá longe, revejo uma dessas casinhas. Em sua soleira, sentada, uma velha que há muito esquecera de contar os anos da sua existência. Que lhe importa a idade? Surda, quase cega. A face repleta de rugas. A cabeça coberta por lenço branco, com franjas.

Ela permanece e, em sonhos, ouço-a balbuciar suas ave-marias. Enquanto desfia as contas do rosário, aguarda os melancólicos poentes de todos os dias, até o último ocaso. Quanta harmonia na velhice daquela mulher com a velhice da sua casa! Ambas, em cordial sintonia afetiva me parecem agradecer a Deus pela existência fecunda que tiveram.

Esta velhinha, tão mal comentada pelos meus sonhos, simboliza as mães polonesas que, apesar das vicissitudes tremendas, dos imensos encargos, geraram tantas gerações. Embalaram tantos netos e bisnetos. Crianças loiras, sadias, hoje cordialmente empenhadas na construção do seu futuro, do futuro no nosso Paraná.

Por isso, vibrei, e vibro com a ideia de conservar estes lindos testemunhos arquitetônicos no Parque João Paulo II, repositório das mais preciosas relíquias da imigração polonesa ao Paraná, ainda mais depois que um Papa, recebido com pão e sal da velha tradição, esteve numa delas, e ali constatou que nós – os herdeiros da tradição – não esquecemos nossas origens.

O PAPA FALANA TERRA DE TODAS AS GENTES EM GENTE DE UMA SÓ TERRA

**A homilia do encontro com
os poloneses a 5 de julho de 1890
por João Paulo II**

**A mesma cruz
de seus antepassados**

A mensagem à colônia polonesa é a seguinte:

Artigos

“Alegro-me muito deste encontro de hoje com os meus patricios na longínqua terra brasileira de Curitiba. E agradeço por isso a Deus.

Para esse encontro tivestes o direito, vós aqui presentes e todos os quais a quem representais, tive para ele o direito também eu, como filho deste terra das margens do Vistula com a qual estamos unidos em diferentes graus de procedência com laços de sangue, e para este encontro tinha direito justamente esta terra nossa Pátria.

Muitos de vós, com certeza, nunca viram talvez a algum que tenha dela e da sua História, uma nação um tanto opaca, mas isto não muda o fato de que lá descendem alguns, já procedem por muitas gerações, mas que lá estão as raízes, isto representa uma ligação, uma dentre muitas, no entanto válidas como um mistério ao vosso coração, isto é uma prova pessoal que não somente diz sobre o milenar passado, mas também sobre o que está em vós e que vos forma o que de alguma maneira decide que sois e não outros, mas também é o vosso dever ser o que sois.

O que precisa crescer e demarcar a linha de vossa vida, esta mais profunda realidade, está inscrito em vosso coração e é mistério da Cruz de Cristo.

Estou aqui diante de vós como um conterrâneo, mas estou também como sucesor de São Pedro e pastor da Igreja Universal. Estou, pois, como especial testemunha de Cristo e sua Cruz.

O mistério da cruz e Ressurreição gravou-se profundamente na História de nossa Pátria, sabemos pois pela maravilhosa Providência Divina, entramos como nação na arena da História do mundo, justamente pelo Santo Batismo.

Quem insere cada pessoa em Cristo, em sua morte e por este batismo, ficamos justamente com Cristo sepultado em sua morte. E este sepultamento não é destruição, mas sim a vida. Quem deste modo se insere em Cristo, torna-se livre do pecado e assume uma nova vida, assim como Cristo ressurgiu dos mortos, graças à glória do Pai nesta morte, o homem une-se a Cristo e torna-se um como Ele, participa de sua Ressurreição, assim pois os acontecimentos na nossa Nação são ricos e difíceis porque nasceram do batismo e no batismo teve origem a nossa Nação, nos seus sentimentos e nos seus fundamentos de sua História estava a Cruz sobre a qual se morre para viver, para viver em Deus e com Deus, para viver na verdade, liberdade de amor e para assim viver eternamente.

Desde o início, os acontecimentos passageiros da vossa Pátria e Nação teceram-se com a história da Salvação e esta é a chave desta história e do coração humano que

compôs esta história e continua a compor.

Lá estão as vossas raízes

Isto é também a chave para os nossos corações, porque embora viver tão longe mesmo assim as margens do Vístula e Oder, está a vossa gleba da qual procedeis. Lá estão as raízes de origem, para estas raízes para esta origem que nasceu o batismo e do sangue de São Alberto e de Santo Estanislau é preciso retornar constantemente para compreender cada vez melhor a si próprio e aos outros nesta luz, construir melhor o dia de hoje ou de amanhã, aqui, neste longínquo país o Brasil, no qual por desígnio da providência de Deus coube a vós viver, agir, criar, sua história contemporânea, a história da Salvação.

A cruz de Cristo e o sinal do qual se imprimiu uma vez para sempre o amor de Deus Pai e a impressionante união do Filho de Deus com os filhos dos homens, sinal no qual o Espírito Santo tornou-se o sopro vivificante do homem - está presente na História das nações, das comunidades, soberanias e continentes, através de cada coração humano, no qual está enxertado. Esta Cruz estava profundamente enxertada no coração dos vossos antepassados, avós, pais e mães, dos quais vós sois os herdeiros e os quais ainda hoje atuam em vós.

Há 150 anos começaram eles a abandonar a Pátria, muitos deles abandonavam-na por necessidades, porque não encontravam nele já pão suficiente.

Procuraram uma terra neste imerso país a qual lhes podia dar o necessário. Mas sabemos muito bem como era difícil e pesada a sua vida em terra estranha, abandonavam o seu país com as mãos vazias e na maioria das vezes até com fome, mas no entanto, com fé profunda, transmitida por seus pais, com a Cruz – sinal da salvação – profundamente enraizada em seus corações e isto era a sua força e vitória. É sabido que quando aqui vieram, as terras melhores já estavam ocupadas por outros. Sedia-vam-se pois, em grande parte, no interior, adentrando no País, onde recebiam mais terra no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Era preciso primeiramente desbravar as matas, algumas terras, onde eram pouco férteis, pedregosas e montanhosas. Ainda mais que não tinham preparo para trabalhar na lavoura num clima de condições sobre as terras recebidas, vivendo esparramados na grande superfície, com o próprio suor e sangue orvalhavam a terra, esta terra sobre a qual agora vós viveis. E

Artigos

somente o rumor dos pinheiros lembrava-lhes o pinho pátrio e despertava neles a saudade pela terra que deixaram. Mas esta Polônia a qual trouxeram aqui no coração era para eles a força e a inspiração. Conservaram a língua, a fé, ritos e costumes. Quando já erguiam suas casas, construíram igrejas ou capelas no lugar mais conveniente para as determinadas colônias. Faziam isto não poupando sacrifícios.

Construíram sozinhos, oferecendo seu trabalho e material para que Cristo pudesse morar entre eles. Havia poucos sacerdotes, trabalhavam com doação, moravam perto de uma das colônias e visitando as outras. Entre as colônias, chegavam-se às vezes a lutas para decidir onde deveria morar o sacerdote. E isto bem era expressão da necessidade do seu coração. Somente mais tarde, no declínio do século, vieram aqui os padres missionários, em seguida os da Congregação de Cristo.

As primeiras irmãs religiosas que aqui chegaram da Sagrada Família, vieram em 1906, e depois as irmãs Vicentinas, a pedido dos padres missionários.

E nos últimos anos as irmãs Ursulinas, Felicianas e Servas. A outros jogaram aqui os destinos da última Guerra Mundial. Moram estes principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e também aqui em Curitiba. A Força Expedicionária Brasileira lutou quase no fim da guerra na Itália. A todas estas pessoas, vossos avós e bisavós, os quais vos ensinaram as orações, falaram de Deus, Cristo na Cruz, da Salvação, do Homem, a todos os sacerdotes e irmãs religiosas e a vós todos e a cada um em particular que viveis aqui hoje, desejo como vosso conterrâneo de bispo de Roma, dar-vos neste incomum momento um testemunho particular.

Numa das praças de Curitiba está a estátua do Semeador, o qual simbolizou e lembrou a colaboração que a imigração polonesa ao lado de outras nações deu e continua a dar na construção de seu imenso e jovem país, contribuição em sua civilização, cultura e fé.

Vosso dia de hoje e de amanhã

Não cesseis de olhar a Cruz de Cristo e nele reencontrai a vós próprios, vosso dia de hoje e de amanhã. Com especial e caloroso apelo dirijo-me à geração jovem, a vós, crianças e jovens.

Conservai esta herança conquistada e adquirida, com dificuldade e sacrifício e a oração de vossos antepassados.

Artigos

Conservai-as e desenvolvei-a, trabalhai para a glória de Deus, para o bem vosso, para o bem das sociedades do país, no qual viveis. Para o bem da Igreja deste País, Deus está convosco. A Igreja está convosco e vai amparar-vos de acordo com vossa missão recebida de Cristo, saída ao encontro das vossas necessidades.

O Papa está convosco.

Para a memória deste dia histórico, deste encontro, deixo-vos aqui um quadro de Nossa Senhora de Monte Claro. Sei que vós vos preparais para fazer a peregrinação deste quadro. A Mãe de Cristo é a mãe de cada pessoa humana, esta, que estava junto a Cruz quando nela agonizava seu filho, esta, que juntamente com os apóstolos, permanecia em oração, no cenáculo quando desceu sobre eles, como fruto da redenção, o Espírito Santo - vai visitar neste imagem, como faz muito anos na Polônia – as vossas paróquias, vossos ambientes, famílias, casas, vossos campos marcados com a Cruz, os quais são terrenos que testemunham o pesado e muitas vezes o sobre-humano trabalho, sacrifício, saúde, abnegação, fé, da oração de vossos avós e das vossas dificuldades cotidianas.

A Ela pois, mãe do Salvador e mãe da nossa esperanças, confio a vós todos, sacerdotes, irmãs religiosas, pais, mães, crianças e jovens, doentes, solitários, abandonados, pessoas idosas e sofredoras.

Aqueles que trabalham no campo e nas fábricas, nas universidades, nas escolas e nos escritórios. Todos juntos e a cada um em particular – a vós aqui presentes e todos aqueles os quais se unem a nós espiritualmente. A Ela vos confio e vós vos confiais a Ela. Confiai-Lhe o vosso dia de hoje e o futuro, vossa fé, esperança e amor. Vosso trabalho, alegria e preocupações, inquietações e esperanças. De um modo especial, confio a Ela a geração jovem e o seu futuro. Permitted-me, também, caríssimos irmãos e irmãs, que invoque aqui alguns de nossos padroeiros, aqueles cujos mistérios da Cruz, mistério do divino amor de Deus, souberam de modo especial transferir para a vida cotidiana e em diferentes épocas, desde o começo, imprimi-la nos corações das gerações de pessoas crentes e na História da nossa nação e da nossa Pátria.

O selo do amor de Cristo

São Alberto e São Estanislau, bispo de Cracóvia e mártir de João de Kent, Estanislau Kostka, André Bobola, bem-aventurado Ladislau Gielniowa, Simão de Lipnica,

Artigos

Salomeia, Ceslau, Kinga, a rainha Edviges, Maximiliano Maria Kolbe, principal testemunha da Cruz em nossos tempos, Maria Teresa Ledochowska e outros. São canonizados ainda e estão presentes na vida da Igreja e da Pátria.

Aqueles também que vieram aqui nesta terra e imprimiram nela o selo do amor de Cristo e deram testemunho de fidelidade à Cruz, como desejo para que sua herança em vós se desenvolva, para que eles mesmos revivam em nossos tempos e nova geração e na medida das necessidades e deveres contemporâneos.

Caríssimos irmãos e irmãs. Saúdo-vos a todos. Agradeço-vos as expressões de união coma sede apostólica e pelas orações que levais a Deus por mim. Oraí também para que esta minha presente visita pastoral no Brasil, esta servidão à Igreja deste país, que eu a possa cumprir pela vontade de Cristo o melhor possível.

A todos os presentes, as vossas famílias, próximos e amigos conhecidos, e aqueles que aqui estão presentes, com espírito e coração, marco com o sinal da Cruz de Cristo e abençoo-os de todos coração, em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém”.

A HOMILIA DA MISSA PONTIFICAL DE 6 DE JULHO DE 1980 POR JOÃO PAULO II

Eles souberam amar sua nova Pátria

Eis a íntegra da homília do papa João Paulo II, lida durante a missa campal no Centro Cívico:

“Amados irmãos no episcopado e no presbiterato, queridos filhos e filhas, religiosos e leigos:

Como agradecer a Providência Divina que me dá a graça deste encontro com a população de Curitiba e com peregrinos vindos de todo o Paraná e do vizinho Estado de Santa Catarina? Sirva de agradecimento a Eucaristia que quisestes colocar no centro do encontro com sua alma e sua inspiração.

Ora, nesta Eucaristia acabam de ressoar duas páginas do Novo Testamento que um Papa, sucessor do apóstolo Pedro, não pode ouvir sem íntima trepidação, sem que

Artigos

se reabra nele como uma chaga a consciência da própria pequenez diante da missão recebida, mas tampouco sem uma renovada confiança N'Aquele que tudo pode.

Uma contém o episódio de Cesareia de Filipe: a inequívoca confissão de Pedro (tu és o Messias, o filho de Deus vivo), à qual responde a misteriosa e prodigiosa confissão de Cristo (tu és Pedro e sobre esta pedra construirei a minha Igreja). Ao longo de dois mil anos, duzentos e sessenta e quatro vezes esta mesma palavra foi dita aos ouvidos e à consciência de um homem frágil e pecador. Duzentos e sessenta e quatro vezes um novo Pedro foi colocado ao lado do primeiro para ser pedra do alicerce da Igreja. Último no tempo, a mim foi repetida a promessa de Cesareia de Filipe e é na função de Pedro que me acho em meio a vós. Com que mensagem?

Aquela mesma que brotada outra página lida na presente liturgia. Pedro, o ardente mas timorato, o amigo, o renegado, o arrependido, acabava de receber o Espírito Santo. E pela força do espírito ele anuncia a uma Jerusalém repleta de peregrinos: “Este homem que entregastes crucificando-o, Deus o ressuscitou e o constituiu Senhor” (cf. At 2, 23-24, 36). Tudo quanto Pedro dirá até a última confissão numa encosta do Vaticano, que coroa a de Cesareia de Filipe, se reduz a estas frases. Tudo quanto deve dizer o sucessor de Pedro talvez esteja contido nestas simples palavras: “Deus o constituiu Senhor”. É no fundo o que o Papa sente: o doce e urgente dever de anunciar, por onde passa, com a força e o fervor de quem anuncia uma boa nova.

Um novo título de semelhança

Mas o sucessor de Pedro encontra aqui e agora um novo título de semelhança com seu longínquo primeiro predecessor naquela sua pregação referida na leitura desta liturgia. Este Estado do Paraná, esta cidade de Curitiba, onde me encontro, retrata bem a Jerusalém da manhã de Pentecostes pela imensa variedade de raças daqueles que ouvem anunciar a boa nova de Jesus Cristo.

Ali – segundo a fascinante enumeração dos Atos dos Apóstolos – partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia, da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito. Aqui – caldeados pela terra que os acolheu mas presentes e reconhecíveis de algum modo nos rostos de seus filhos, netos e bisnetos – portugueses, italianos, ucranianos, alemães, japoneses, romenos, espanhóis, sírios, libaneses – para não falar daqueles inúmeros que trazem nas veias um sangue igual

ao meu, sangue polonês.

Inúmeras vezes, bem antes que eu imaginasse vir até aqui e previsse este encontro, eu já conhecia este aspecto do Paraná, ponto de chegada de inúmeras correntes migratórias, ponto de encontro de irmãos vindos dos mais longínquos quadrantes.

Neste fenômeno, que a fria etiqueta de imigração define tão pobrememente, esconde-se uma admirável riqueza de aspectos humanos e – por que não? – evangélicos.

Primeiro entre todos, a acolhida franca e generosa que, apenas nascido para a independência política, este País começou a oferecer aos mais diversos povos. Quando difíceis conjunturas históricas fizeram descer sobre vários países da Europa o espectro da fome, imensas glebas do Sul do Brasil são oferecidas aos braços dispostos ao seu cultivo, mas sobretudo um novo lar é dado a quem acorria. Quando numa nação o excesso populacional veio a criar problemas graves de espaço quase ilimitados com prodigalidade e inteligência. Há uma arte na acolhida, há um jeito de receber, coisas estas é impossível codificar nas leis e normas da imigração, mas que o Brasil, graças às qualidades de seu povo, conhece e aplica perfeitamente. Haverá países em que a assimilação e integração do imigrado se faça com igual naturalidade?

Com maior naturalidade do que aqui, é impossível. Não creio ter visto em outro lugar os imigrados e seus filhos e netos sentirem-se tão apaixonados da terra que acolheu a eles ou os antepassados, tão “bairristas” do Brasil, ao mesmo tempo que não renegam os países de origem. Quero pois, como filho de uma pátria de onde vieram tantos filhos para aqui, render uma sentida homenagem à ampla e inconfundível hospitalidade deste País.

Sem reticências nem preconceitos

E aqui vem o segundo aspecto. Acolhido sem reticências nem preconceitos, o imigrante retribuiu imediatamente a hospitalidade recebida. Nenhum exagero em dizer que o Brasil moderno, que eu já pude ver pulsar de vitalidade em Brasília, no Rio de Janeiro, em Bole Horizonte, São Paulo e Porto Alegre e vejo pulsar aqui, é produto também do trabalho resolutivo mas livre e alegre de centenas de milhares de imigrantes. Penso que, ao lado de São Paulo e do Rio Grande do Sul, o Paraná é um magnífico exemplo disso. E não há dúvida de que a operosidade do imigrante, somando-se à dos brasileiros de longa data, só podia enriquecer com um sentido

Artigos

novo o progresso do País. Seria demais falar de um cunho profundamente solidário e fraternal deste progresso?

Não quero silenciar no curso desta Eucaristia um preito de afeição aos imigrantes que ajudaram a construir o Paraná – e o Brasil. Não foi sempre risonho o quadro da sua vinda para cá. Foi muitas vezes de sofrimentos e agruras a história de cada família e de cada leva que aqui chegou. Não terá faltado nenhum dos espinhos que costumam cercar a saída da própria pátria em busca de outra. Malgrado tudo, aqueles homens e mulheres souberam aclimatar-se na nova terra, construir um novo lar, criar famílias cuja pobreza material ia de par com altíssimos valores humanos, morais e religiosos. Souberam sobretudo amar sua nova pátria e trabalhar por ela. Dar-lhe filhos e netos de primeiríssima qualidade no sacerdócio, nas artes, na política, na literatura.

Fraternidade entre as raças

O terceiro aspecto é que se apresenta aos meus olhos a prodigiosa integração na miscigenação de que o Brasil dá exemplo. Tive ocasião de dizê-lo, mas repito-o de bom grado por causa da admiração – e da emoção – que o fato suscita em mim, de todas as belezas de vosso País não sei se levarei no coração imagem de beleza mais tocante e significativa do que a da concórdia, da alegria descontraída, do senso de autêntica fraternidade com que convivem aqui as mais variadas raças.

Celebrando aqui, sob a invocação de Pentecostes recordado na primeira leitura, a Eucaristia que é sacramento da unidade e da fraternidade dos discípulos de Cristo, mas que é também germe de unidade e fraternidade no mundo, eu quero fazer um pedido a vós e um pedido por vós.

Por vós eu peço a Deus, com o maior fervor, que não venha nunca a arrefecer, mas antes se alente e cresça a profunda integração racial que existe entre vós. Que nesta fraternidade entre os vários povos não falte uma especial solidariedade com vossos irmãos indígenas. Que haja ainda entre vós abertura para acolher muitos outros grupos humanos necessitados de uma nova Pátria, porque privados das suas.

A vós eu peço, com afeto de pai e confiança de irmão, que conserveis sempre este aspecto de vosso ser. E este meu pedido alarga-se em votos por que neste nosso mundo, onde há ainda tanta discriminação, os homens se compreendam sempre melhor,

Artigos

se aceitem uns aos outros por aquilo que têm em comum, a fim de crescer a solidariedade, o amor e a fraternidade entre os povos e se consolidarem as bases da paz. Receba a Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida, a oração do Papa neste sentido”.

Aos ucranianos, a exortação

Foi a seguinte a mensagem à colônia ucraniana:

“E agora dirijo-me a vós, ucranianos. Agradeço, também a vós, que quisestes saudar em minha pessoa o vigário de Cristo na Terra.

Aqui em Curitiba, onde está o centro de vossa vida religiosa e onde também é o centro da vossa diocese, que foi criada nove anos atrás pelo meu predecessor Paulo VI.

Aqui em Curitiba iniciou a vossa vida religiosa, pois aqui, 80 anos atrás, o primeiro sacerdote ucraniano católico celebrou a primeira missa no vosso rito para os vossos antepassados.

No dia de São João Batista, e por isso é dedicada a ele a vossa catedral e a vossa diocese. Agora, vós que amais Cristo, ucranianos católicos, pretendeis construir aqui em Curitiba, uma nova catedral e exatamente hoje, com muita alegria, abençoo a pedra fundamental deste novo templo. E juntamente com a pedra fundamental, de todo o coração abençoo os ucranianos, todos aqui reunidos.

Em primeiro lugar, abençoo o atual pastor, dom Efraim Krevey e seu predecessor, bispo José Martenetz, pessoa de grandes virtudes e orações. Abençoo a todos padres, tanto seculares como monges, que trabalham na catequese e na salvação das almas. Abençoo a todos aqueles que ajudam na catequese e nos trabalhos religiosos, ou seja, as irmãs da Imaculada Virgem Maria, as irmãs Basilianas, as irmãs Catequistas de Santana, as irmãs de São Josafá e as catequistas do Sagrado Coração. Abençoo o seminário maior, esperança de vossa diocese, como também os escolásticos Basilianos. Abençoo os doentes em vossos hospitais e a todos aqueles que sofrem no corpo ou na alma.

Abençoo as criancinhas de vossos orfanatos. Abençoo a todos vós, idosos e jovens, pais e filhos, todos que aqui estão presentes e todos os ucranianos e a todos os ucranianos no território brasileiro.

Artigos

Sede fiéis aos mandamentos de Deus. Sede bons cidadãos da nação na qual viveis. Respeitai o vosso rito, amai-o, porque ele guarda a vossa identidade nacional.

Que o misericordioso Senhor Deus vos tenha em sua imensa proteção, através das orações da Imaculada Virgem Maria e dos santos de vossa Igreja.

Louvado, seja o nosso Senhor”.

Aos alemães, a herança cristã

Foi a seguinte a mensagem à colônia alemã:

Quero dirigir também aos descendentes de alemães, que são numerosos na região Sul do Brasil e muito contribuem para o desenvolvimento social do País, uma palavra cordial de saudação e conagração. Como os imigrantes de outras nações, também vossos pais deram uma grande contribuição para o desenvolvimento e a cultura do Brasil. Eles deixaram aldeias, cidades e regiões inteiras com a herança espiritual e cultural de sua pátria alemã, e a trouxeram como contribuição grande ao povo e à cultura brasileira. Como supremo Pastor da Igreja, queridos irmãos e irmãs de descendência alemã, nesta ocasião e antes de tudo, gostaria de lembrar-vos que esta herança de vosso país é principalmente uma herança cristã, que a fé cristã e vossa adesão à Igreja de Jesus Cristo é um presente precioso e incomparável que recebestes de vossos pais. Lembre-se, aqui, quantos sacerdotes e religiosos saíram de vosso meio e levaram sua vida religiosa a outros cantos desta terra. A fidelidade a vossa herança espiritual e cultural implica, por isso, um verdadeiro empenho na continuação religiosa, e levar uma vida cristã em vossas famílias e comunidades, no trabalho e na sociedade. O sucessor de São Pedro quer, através desta visita, junto com todos os irmãos na fé, encorajar-vos e fortalecer-vos na fidelidade ao credo católico e no amor à Igreja. Por isso, dou a vós e a todos os vossos irmãos, descendentes de alemães no Brasil, de coração, a bênção apostólica. Abençoo os doentes em vossos hospitais e a todos aqueles que sofrem no corpo ou na alma. Abençoo as criancinhas de vossos orfanatos. Abençoo a todos vós idosos, jovens, pais e filhos, todos que aqui estão presentes e todos os alemães e a todos os alemães no território brasileiros.

Que o misericordioso Senhor Deus os tenha em sua imensa proteção através das orações da Imaculada Virgem Maria e dos Santos de Sua Igreja.

Artigos

Louvado seja Nosso Senhor.

Aos italianos, a solidariedade

A mensagem à colônia italiana foi a seguinte:

“Neste festivo encontro, estão presentes numerosos cidadãos de origem italiana, aos quais desejo uma afetuosa saudação e um cordial voto de felicidade.

Minha é a saudação do Papa, isto é, do Bispo de Roma, daquela Roma que não só é o centro do catolicismo, mas também a capital da vossa querida pátria de origem, que haveis deixado em busca de trabalho, mas que conservastes no coração e que lembrais com imenso amor, pelo que ela representou para vós e para vossos parentes, pela história do mundo e pela própria história do cristianismo.

Exorto-vos a conservar aquele tesouro de luz, de verdade, de cultura, de arte, mas especialmente aqueles grandes valores humanos e cristãos, que têm sempre caracterizado e feito a verdadeira glória do povo italiano: a sua cordialidade para todos, abertura à solidariedade universal, o grande calor humano, a união ao núcleo familiar, o sentido de dever, o empenho pelo trabalho.

Conservai intacta e fazei frutificar, como uma testemunha coerente e clara, o tesouro da fé cristão, que vos foi dado com o batismo.

Sede orgulhosos de ser cristãos; mostrai-o sempre pela palavra, com o comportamento, no ambiente de trabalho, na família, na profissão, no respeito humano.

A minha bênção apostólica confirma estes meus desejos”.

O Parque João Paulo II. Memorial da Imigração Polonesa

O Parque João Paulo II é o conjunto de edificações características da imigração polonesa no Paraná, em troncos de pinheiro – “araucária”, com mata nativa extensa, em estado natural.

Situa-se a aproximadamente três quilômetros do Setor Histórico de Curitiba – da Praça Tiradentes, da Igreja Catedral, atrás do Centro Cívico, às margens do rio Belém – de curso retificado recentemente em canal de con-

Artigos

creto, próximo à rua Mateus Leme, antigo caminho da colônia do Assungui, e das colônias São Casimiro do Taboão, São Lourenço e Abranches.

As casas típicas polonesas foram transplantadas em junho de 1980 e junho de 1981 das colônias São Miguel Arcanjo e Tomás Coelho, onde estavam ameaçadas pela inundação da barragem do rio Passaúna, que vai alagar boa parte dos municípios de Curitiba e Araucária, e da Colônia Murici, localidades dos arredores de Curitiba, do cinturão verde da Região Metropolitana.

Duas casas foram doadas por seus proprietários: aquela em que o Papa João Paulo II foi recebido, a 5 de julho de 1980, doação da família Pianowski, e o paiol. Duas casas foram adquiridas pela Prefeitura de Curitiba, em lastimável estado de conservação, após localização pela equipe da Casa Romário Martins e do IPPUC, sob orientação do professor Tempski.

Na casa Pianowski, no início de julho de 1980, montada no estádio de Curitiba (onde o Papa teve seu encontro com a colônia polonesa), e depois desmontada e transplantada até o parque, onde foi remontada em dezembro de 1980, funciona uma capela evocativa da visita de João Paulo II. A capela é dedicada a Nossa Senhora de Monte Claro, a Virgem Negra de Czestochowa, rainha da Polônia, e seu altar tem o ícone da Mãe de Deus, que o cardeal Wyszynski, primaz da Polônia, doou aos padres da Missão Católica Polonesa do Brasil. Este quadro está no mesmo local onde, em 5 de julho de 1981, o Papa o encontrou, traçando sobre ele o sinal da cruz e dando-lhe sua bênção, após minutos de recolhimento e oração.

A capela tem também as imagens de Cristo Migrante e do Senhor Crucificado dos Lavradores de Orleans.

O Cristo Migrante é talha recente, cópia de imagens de Cristo comuns nas encruzilhadas da Polônia, onde o Senhor é representado refletindo, numa atitude de “Pensador” anterior, iconograficamente, à estátua de Rodin. O Senhor Crucificado dos lavradores é um crucifixo de pinho, com Jesus recortado em folha e pintado pela devoção dos primeiros camponeses da antiga colônia Orleans, próximo a Curitiba.

Há também quadros com fotografias do “L’Osservatore Romano” da passagem do Papa em Curitiba.

Artigos

A casa, na várzea do rio Passaúna, quando foi presenteada à cidade pelos seus donos, estava desocupada. Assentada em alicerces de madeira e coberta de telhas francesas da olaria de Francisco Klemtz, da Fazendinha, servia de eventual depósito da chácara.

Os Pianowski ainda se dedicam à agricultura, vendem hortigranjeiros na feira livre da cidade de Curitiba, mas preferem residir no centro, indo à chácara só para colheita e plantio, ocasiões em que ocupam nova casa de alvenaria, construída há uns 70 ou 80 anos.

A casa é datada de 1883. A data aparece na sua viga central.

A instalação no Parque João Paulo II desta edificação obedeceu a precauções mínimas contra umidade: foi assentada em alicerce de alvenaria de tijolos, com goteiras de metal, parcialmente encoberto por taludes de grama, também para testemunho de seu transplante do sítio original. O piso da primeira sala, de tijolos antigos, procurou reconstituir o existente na colônia.

No paiol, feito de costaneiras de pinheiro, com duas celas para guarda de cereais e um abrigo do carroção, está em montagem um Museu Agrícola com instrumentos rudimentares dos primeiros tempos de lavoura dos imigrantes poloneses.

Na casa seguinte, à direita de quem entra no Parque pela ponte sobre o rio Belém, está um Museu da Habitação do Imigrante, com móveis e utensílios domésticos.

Há ainda uma quarta casa, repintada de verde, que deve ter servido de moradia e paiol, onde funciona um quiosque típico com produtos da imigração, oferecidos pelas senhoras das paróquias polonesas de Curitiba, lideradas por Henriqueta Domakowski e Danuta Lisicka.

A casa e o paiol que vieram de São Miguel Arcanjo, proximidade de Tomás Coelho, na divisa dos municípios de Curitiba e Araucária, foram doados pelos maridos de duas irmãs da família Gembarowski: os senhores Pianowski e Patyk. As duas casas que vieram de Murici foram compradas de Aleixo Mikosz e da família Grybos. Na análise arquitetônica que vai publicada neste boletim, Waldir Assis Filho, que intercedeu entre os Grybos e a Casa Romário Martins, arquiteto, fala com detalhes dos espaços e da história

Artigos

destas famílias.

Todas as edificações e outras tantas que a Memória de Cidade julga necessário transplantar e proteger – bem como o mobiliário, as máquinas e utensílios agrícolas – passarão, a partir do mês de edição deste boletim, por restauro e imunização, com recursos do convênio firmado entre a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Cultural de Curitiba, pelo interesse que estas primitivas construções de madeira do nosso “Brasil Diferente” despertaram em José Carlos Barboza de Oliveira, diretor cultural da Fundação Roberto Marinho.

Arquitetura do Imigrante Polonês

Com o advento das correntes migratórias para o Brasil, no século XIX, vários grupos étnicos europeus se instalaram no Paraná, onde era desenvolvida uma política de estímulo aos imigrantes, através da implantação de colônias agrícolas.

No município de São José dos Pinhais foi fundada a Colônia Murici que, no ano de 1878, recebeu as primeiras famílias polonesas.

A região ocupada pelos imigrantes tinha muito em comum com sua terra natal.

Aqui, os poloneses foram favorecidos por um clima menos rigoroso.

Junto com arte, cultura e tradição, os poloneses trouxeram uma técnica construtiva muito utilizada nos países da Europa Central, com base no uso da madeira encaixada. Aqui, eles encontraram em abundância o pinheiro, de características semelhantes ao abeto utilizado na Polônia, e que foi o material básico para a produção da arquitetura pioneira desta imigração.

As construções realizadas neste processo tinham as funções de habilitação, armazenamento da produção agrícola e estábulo. Com a ausência de processos, o sistema construtivo das edificações era inteiramente artesanal.

O tronco era cortado e aparado, de forma a que sua secção fosse retangular, transformando o cerne em peças utilizadas para a construção das paredes, das vigas de sustentação dos assoalhos e dos requadros para portas e

Artigos

janelas.

As aparas laterais eram usadas para a confecção do assoalho do piso inferior e do sótão, além de esquadrias, portas, beirais e tabuinhas para a cobertura.

As paredes eram constituídas de vigas sobrepostas, rejuntadas com argamassa de argila e palha de trigo.

Nos encaixes das extremidades se colocava musgo, para maior aderência entre as peças. Os beirais eram apoiados por cachorros, que são a continuidade das vigas de sustentação do assoalho do sótão.

A cobertura eram estruturas em tesouras, compostas de vigotes encaixados com pinos de madeira.

Originalmente, as construções eram cobertas de tabuinhas lascadas, mas, com o aparecimento da telha francesa na região – coincidindo com a necessidade de reposição das originais – houve generalizada substituição.

Quanto à organização espacial, os exemplos existentes compravam uma sistematização do programa das moradias e paióis. O exemplo analisado, hoje Museu da Casa do Imigrante, é composto de duas peças no térreo, uma delas de dimensão maior, como de costumes, e de um sótão.

Em sua utilização original, o sótão funcionou como dormitório, bem como a peça maior do primeiro pavimento. Na peça menor se desenvolviam as atividades domésticas. Ali ficavam o moinho de trigo e os baús para o armazenamento.

Quando ao mobiliário, era tudo produzido na própria colônia, seguindo as tradições polonesas. As peças, de linhas simplificadas, constituíam conjunto pequeno, o estritamente necessário à vida familiar.

Na parede da sala maior estavam colocados vários quadros de motivos religiosos, centralizando a composição do quadro de Nossa Senhora de Cze-stochowa.

A cozinha era uma construção à parte, de caráter mais precário, distante poucos metros da edificação principal, dissociação esta que, segundo o arquiteto Lúcio Costa, é característica dos povos de origem bárbara da Europa Central.

A casa teve, como seus primeiros proprietários, os integrantes da família

Krizanowski, que a construíram logo após a chegada ao Brasil. Com sua saída da Colônia Murici, na segunda década deste século, a propriedade foi comprada pela família Gryboge, que a transportou para a “Cruz do Galo”, na própria Colônia. Os Gryboge mantiveram a casa, em função de moradia, até 1979, quando o herdeiro João Polak, pela circunstância de uma mudança, optou pela sua demolição⁴.

Waldir SIMÕES DE ASSIS FILHO - Arquiteto

RESUMO – STRESZCZENIE

Park polski papieża Jana Pawła II w Kurytybie jest muzeum-skansenem, który odtwarza poprzez swoje drewniane budowle, części domowego wyposażenia, narzędzia rolnicze, a przede wszystkim poprzez bogatą roślinność z olbrzymimi drzewami, obrazy miejsc osiedlenia polskich emigrantów. Podane w tej części artykułu teksty znanych historyków Ruya Wachowicza i Edwina Tempskiego, ilustrują historię polskiej emigracji, jej charakterystykę i przemiany. Pokazują również jej znaczenie dla rozwoju społeczeństwa brazylijskiego. Domy w Parku są obrazem polskiej architektury o której mówi Waldir Simões de Assis Filho. Poprzez dom, przeniesiony do Parku ze stadionu w którym odbywało się spotkanie z Janem Pawłem II, a w którym papież był przyjmowany chlebem i solą, park ten stał się miejscem czci dla błogosławionego Polaka. Przemówienia Ojca św. tak na spotkaniu z Polakami jak następnego dnia na mszy św. kazanie do wszystkich etnii, wypełnia pełny obraz przeżywanych podniosłych chwil. Wywiad z Janem Pawłem II w „Tygodniku Powszechnym” o jego wizycie i spotkaniu z Polakami uzupełnia część historii naszej etnii.

⁴Em outubro de 1979, Waldir Simões de Assis Filho, com a intenção de preservar o imóvel, o comprou. Conservou-o, com todo o equipamento, até fevereiro de 1981, quando o repassou à Fundação Cultural de Curitiba, para vir a constituir o Museu da Casa do Imigrante, no Bosque João Paulo II.

A ENCÍCLICA CARITAS IN VERITATE DE BENTO XVI E AS MIGRAÇÕES DO SÉCULO XXI

Wojciech NECEL SChr*

1. Introdução

Na solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, no dia 29 de junho de 2009, Bento XVI apresentou à Igreja a sua terceira encíclica, *Caritas in veritate*¹, na qual lembra que o desenvolvimento da humanidade tem não apenas uma dimensão econômica e social, mas sobretudo antropológica e transcendente. Nesse contexto o Santo Padre, ao descrever os problemas com que o homem se defronta na época da globalização, dedica uma atenção especial a questões como a fome e a desigualdade social, a transferência desigual do capital, a mudança dos mercados de trabalho e a incerteza de emprego dos trabalhadores, as migrações em busca de trabalho, a especulação financeira, a uniformização da cultura, a depreciação do valor da vida, o conflito entre a pessoa-trabalhador e a pessoa-consumidor e a falta de liberdade religiosa. As ameaças apontadas surgem das inquietações diárias e das falhas que de forma dramática atingem muitos povos e nações, fazendo finalmente com que poucas pessoas definam a sua vida como “boa”, “tranquila” e “digna de um ser humano”.

*Doutor, professor da Universidade Católica Stefan Wyszyński (UCSW), funcionário científico-didático da Faculdade de Direito Canônico da UCSW em Varsóvia, diretor da Cátedra de História e da Literatura do Direito, vice-diretor do Instituto Inter-Institucional de Pesquisas sobre a Migração da UCSW, professor do Seminário Maior da Sociedade de Cristo.

¹ BENTO XVI. Encíclica *Caritas in veritate* (a seguir: CV).

2. Desenvolvimento integral

A interpretação dos atuais problemas dos migrantes, proposta por Bento XVI em *Caritas in veritate*, deve realizar-se no contexto do desenvolvimento integral da humanidade e da humanização dos processos de globalização. Dessa forma o Santo Padre dá prosseguimento ao ensinamento da Igreja contido na doutrina do Concílio Vaticano II e a seguir desenvolvido por Paulo VI em *Populorum progressio* e detalhado por Paulo II em *Sollicitudo rei socialis* e em *Centesimus annus*. No centro da reflexão proposta, Bento XVI localiza o desenvolvimento e o progresso entendido definitivamente no contexto da edificação de uma estrutura humanista da comunidade humana, bem como a coexistência, tanto dos diversos povos e nações como das diversas pessoas em espírito de evangélica solidariedade. A tarefa da Igreja, na era da globalização, é civilizar e humanizar o desenvolvimento. “Estando a serviço de Deus, a Igreja permanece a serviço do mundo nas categorias do amor e da verdade [...] e tem por objetivo a promoção do desenvolvimento integral do homem. A Igreja cumpre um papel público, que não se restringe à sua atividade assistencial ou educacional, mas que revela as suas energias no serviço da promoção humana” (CV 11).

O desenvolvimento integral da humanidade depende da ética da vida e do seu estreito relacionamento com a ética social (CV 15). É por isso que Bento XVI alude a um trecho de *Evangelium vitae* de João Paulo II e lembra que “não pode [...] ter bases sólidas uma sociedade que – embora se pronuncie a favor de valores como a dignidade da pessoa, a justiça e a paz – renega radicalmente a si mesma ao aceitar e tolerar as mais variadas formas de aviltamento e desrespeito da vida humana, especialmente das pessoas frágeis e marginalizada”². Esse desenvolvimento exige igualmente a liberdade e a responsabilidade a ela intrínseca (CV 17), tanto na dimensão social como na individual. Uma outra condição necessária do desenvolvimento é a sua compreensão como solicitude pelo bem do homem, tanto na dimensão integral como na global. Sem o amor do homem a Deus, proposto no Evangelho, e sem a obediência à verdade do homem diante de Deus, perdem-se

²JOÃO PAULO II. Encíclica *Evangelium vitae*, n. 101.

Artigos

os princípios da liberdade e da moralidade, bem como a hierarquia dos valores, que promovem a dimensão transcendente da pessoa humana (CV 18). Na opinião de Bento XVI, entre os fatores do desenvolvimento integral na era da globalização assume uma importância especial a fraternidade entre os povos, as nações e as pessoas em particular, que encontra a sua fonte definitiva no amor de Deus expresso no Mistério da Encarnação (CV 19). Entre os outros fatores apontados pelo Santo Padre como essenciais para o desenvolvimento integral, vale a pena enfatizar também a entrega a Cristo, a qual faz com que os processos econômicos e sociais próprios do desenvolvimento da humanidade adquiram afinal uma dimensão humanística e antropológica (CV 20)³.

Toda ação do homem é compreendida como uma contribuição sua para o desenvolvimento integral da humanidade e, como tal, é uma expressão da sua subjetividade individual e comunitária, definida antropológica e eticamente. Nesse contexto, Bento XVI aponta ao homem de hoje a caritas como uma força extraordinária, “que induz as pessoas a um corajoso e devotado engajamento no campo da justiça e da paz”, lembrando que essa força “tem a sua origem em Deus – eterno Amor e Verdade absoluta”. Cada um encontra o seu bem assumindo o plano que Deus tem diante dele, a fim de concretizá-lo plenamente, porquanto nesse plano encontra a sua verdade e, ao aceitá-la, torna-se livre (cf. Jo 8: 22). Por isso a defesa da verdade, a sua proposição com humildade e convicção e o seu testemunho na vida constituem formas exigentes e insubstituíveis da caridade, porquanto ela “se regozija com a verdade” (1Cor 13: 6)” (CV 1).

3. As migrações na era da globalização

A *Erga migrantes caritas Christi* “nos compele” (cf. 2Cor 5: 14) a uma releitura das questões atuais relacionadas com a migração e “a abordar novamente os seus problemas, que dizem respeito agora ao mundo inteiro,

³Cf. M. TASO. Una nova etica per la globalizzazione e i mercati. In: Carità globale. Commento alla “Caritas in veritate”. Libreria Editrice Vaticana, 2009, p. 23-24.

porquanto quase todos os países, de uma forma ou outra, enfrentam hoje o surgimento do problema da migração na vida social, econômica, política e religiosa; fenômeno que cada vez mais assume uma configuração permanente e estrutural⁴. Com essas palavras inicia-se a instrução do Conselho Pontifício para assuntos da Pastoral dos Migrantes e Viajantes *Erga migrantes*, aprovada por João Paulo II no dia 1 de maio de 2005, que não apenas sistematizou e elaborou uma nova regulamentação pastoral e canônica relacionada com a pastoral das “pessoas a caminho”, mas sobretudo é um estímulo da Igreja a uma visão corajosa, teologicamente aprofundada, do fenômeno da migração e dos desafios pastorais que acarreta o fenômeno da migração na era da globalização universal⁵. No contexto da encíclica *Caritas in veritate*, a instrução do Conselho Pontifício assume um significado especial, apresentando novas perspectivas para a sua análise e aplicação.

A busca do trabalho empreendida pelos migrantes que transpõem as fronteiras do seu país de origem ou as fronteiras da sua região natal, com o apoio ou sem o apoio das autoridades nacionais, diz respeito praticamente a todos os países do mundo, que para o migrante são a terra de origem, de destino ou de trânsito. Por isso Bento XVI pôde escrever: “Encontramo-nos diante de um fenômeno social de caráter notável, que exige uma firme e ampla política de cooperação internacional, para que possa ser corretamente enfrentado” (CV 62). Essa política “exige uma estreita cooperação entre os países dos quais provêm os migrantes e os países aos quais eles se dirigem”. Ela deve ser apoiada por apropriadas medidas internacionais, “capazes de harmonizar as diversas ordens legislativas, na perspectiva de assegurar as necessidades e os direitos das pessoas e das famílias dos emigrantes, e ao mesmo tempo da sociedade em que se estabeleceram” (ibidem).

⁴Conselho Pontifício para assuntos da Pastoral dos Migrantes e Viajantes. Instrução *Erga migrantes caritas Christi* (a seguir: EMCC), n. 1.

⁵A. MARCHETTO. La globalizzazione nella visione di Giovanni Paolo II. In: *La sollecitudine della Chiesa verso i migranti*, Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 41-47; W. Necel. Troska Kościoła o migrujących wg Instrukcji Papieskiej Rady ds. Migrantów i Podróżujących „*Erga migrantes caritas Christi*” z maja 2004 roku. *Collectanea Theologica* 75 (2005), n. 2, p. 193-2003.

Artigos

A elaboração de uma política migratória global em escala mundial, continental, interestatal e inter-regional é exigida pela necessidade de uma resposta adequada ao crescente fenômeno, que nos últimos anos assume um caráter cada vez mais dramático (cf. *ibidem*). Em razão da natureza do fenômeno da migração, essa política deve ser elaborada em diversos planos: político e econômico, social e demográfico, bem como cultural e religioso⁶.

A Igreja, fiel à sua missão, que recebeu do próprio Cristo Fundador, completa com obras de caridade a obra da proclamação da Palavra Divina e da alimentação dos fiéis com os sacramentos (CV 57)⁷, inclusive na era da globalização da economia e da unificação da cultura. Para os discípulos do Mestre de Nazaré e para todos os homens de boa vontade, essas obras constituem uma comprovação do testemunho de vida segundo o Evangelho e da edificação de uma solidariedade inter-humana mundial.

4. Interdependência entre o desenvolvimento e a migração

A relação entre o desenvolvimento da sociedade e a migração dos seus membros é direta e deve ser percebida de forma complexa⁸. A falta de um progresso amplamente entendido e do desenvolvimento da vida social ou um frágil dinamismo seu é o que na maioria dos casos caracteriza os países de origem dos migrantes. Esses fatores fazem com que seja difícil levar ali uma vida num nível que de forma satisfatória atenda às necessidades dos habitantes e que, acima de tudo, lhes assegure a tranquilidade e a ampla segurança. A migração gera a falta de progresso no país ou na sociedade que o emigrante deixa. Com cada pessoa que se afasta, fica faltando ali o seu talento e a sua contribuição para o progresso amplamente entendido e para tudo aquilo que com ele se relaciona (CV 62).

⁶Cf. R. MARTINO. L'Incontro del Vangelo con i problemi sempre nuovi dell'umanità. In: *Carità globale. Commento alla "Caritas in veritate"*. Libreria Editrice Vaticana, 2009, p. 11-15.

⁷BENTO XVI. Encíclica *Deus caritas est*, n. 25.

⁸Cf. A. WOŹNICKI. *Teologia społeczna ruchów migracyjnych*. *Studia polonijne* 2 (1978), p. 11-12.

Artigos

A partir de 1960, tem crescido o número dos migrantes dos países atrasados no desenvolvimento aos países em desenvolvimento ou desenvolvidos, tendo atingido a cifra de 3,3 milhões anualmente entre os anos 2005 e 2008. Calcula-se que, depois de 2010, 2,5 milhões de pessoas migrarão dos países da África, da Ásia (excluindo-se o Japão), da América Latina, da Oceania (sem a Austrália e a Nova Zelândia) aos países desenvolvidos da América do Norte, Austrália, Europa, Japão e Nova Zelândia; de acordo com as previsões, até o ano de 2050 o número desses migrantes diminuirá para 2,3 milhões anualmente⁹. Dessa forma, “a atual migração constitui o mais amplo movimento de todos os tempos. Nas últimas décadas esse fenômeno, que envolve atualmente cerca de 200 milhões de seres humanos, tem se transformado numa realidade estrutural da sociedade atual”¹⁰. O direcionamento e a dinâmica desse fenômeno são assinalados pelo grau de desenvolvimento civilizacional do país que recebe os imigrantes e tem uma influência significativa no nível de vida e no progresso da pátria deixada pelo emigrante. O fenômeno assim esboçado exige que a interdependência entre a migração e o desenvolvimento seja percebida através do princípio da solidariedade, que está estreitamente relacionado com o princípio da ajuda, e inversamente – “visto que a ajuda sem a solidariedade desemboca no particularismo social, da mesma forma que a solidariedade sem a ajuda se transforma num assistencialismo que humilha a pessoa necessitada” (CV 58).

O reconhecimento da importância da relação em análise facilita o discernimento da significativa contribuição que “os trabalhadores estrangeiros (imigrantes) trazem [...] para o desenvolvimento econômico do seu país [de estabelecimento] graças ao seu trabalho”, da mesma forma que para o desenvolvimento do seu país de origem, “graças às transferências financeiras” (CV 62). O trabalhador estrangeiro é uma “ponte econômica” que não apenas une o seu país de origem com o país em que atualmente se encontra e trabalha, mas também uma “ponte” que une as nações desses países e os seus habitantes em particular.

⁹International Organization for Migration. World Migration Report, 2008, Genebra, 2008.

¹⁰S. HAMAQ. Introdução. In: EMCC.

5. Fatores das atuais migrações

As motivações da migração de caráter econômico e demográfico, apontadas na encíclica *Erga migrantes*, de Bento XVI, encontram a sua concretização na miséria e na desigualdade social, que se acentuam na globalização. “A fome colhe ainda muitas vítimas entre aqueles ‘Lázarus’ aos quais não se permite – como postulava Paulo VI – que se sentem à mesa do rico”¹¹(CV 27) . A falta de alimentos (CV 62), os problemas do ambiente natural (CV 48) e a pobreza das fontes de geração de energia (CV 49) provocam continuamente a incerteza na existência do homem, do seu cônjuge e da sua família, e dinamizam os processos da migração econômica. As palavras de João Paulo II, mencionadas por Bento XVI, de que “a solidariedade universal, que é um fato e um benefício para nós, é também uma obrigação”¹² servem para chamar a atenção às obrigações diante dos necessitados e ao fato de que, numa época de globalização do mercado de trabalho, os seus direitos fundamentais são violados ou até não reconhecidos (CV 43). Em consequência disso é transgredida a dignidade do trabalho humano e, com isso, a dignidade do trabalhador. Tudo isso se apresenta num relacionamento de direito e obrigação. A relação entre a pobreza e o desemprego e a violação da dignidade do trabalho humano resulta no crescimento dos movimentos migratórios (CV 63).

Convém lembrar que “há lugar para todos nesta nossa terra: nela toda a família humana deve encontrar as riquezas necessárias a uma vida digna, com a ajuda da própria natureza, que é um dom de Deus aos Seus filhos, e com a contribuição do próprio trabalho e inventividade” (CV 50). Diante dos crescentes problemas relacionados com a globalização, é necessário que as pessoas sejam convencidas sempre de novo a “adotar novos estilos de vida” (CV 51), o que está estreitamente relacionado com a educação (cf. CV 61). Dessa forma a humanidade tem a oportunidade de buscar uma “nova ordem

¹¹Cf. JOÃO PAULO II. Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, n. 42; PAULO VI. Encíclica *Populorum progressio*, n. 47.

¹²JOÃO PAULO II. Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2003, AAS 95 (2003), p. 343.

Artigos

econômico-produtiva, socialmente responsável e na medida do homem” (CV 41). Nessa ordem o trabalho deve ser percebido como *actus personae*¹³ e como tal deve ser oferecido a todo ser humano. Dessa forma o trabalho se apresenta como “a possibilidade de trazer a própria contribuição, de forma que o próprio trabalhador tenha a sensação de “estar trabalhando a favor de si” (CV 41)¹⁴, para assim, como apontava Paulo VI, “todo trabalhador de certa forma” participar da obra da criação¹⁵.

Uma outra causa das atuais migrações e ao mesmo tempo um efeito seu é a globalização compreendida como “explosão de mútua dependência planetária” (CV 33), já prevista em *Populorum progressio*. O processo da globalização “transformou-se no principal motor da saída do desenvolvimento de regiões inteiras e apresenta por si só uma grande possibilidade. Entretanto, sem a direção da *caritas in veritate*, esse estímulo planetário pode contribuir para o surgimento do risco de prejuízos até agora desconhecidos e de novas divisões dentro da família humana” (ibidem). E, realmente, “uma sociedade cada vez mais globalizada aproxima [...], mas não [...] transforma em irmãos. A inteligência por si só é capaz de compreender a igualdade entre os homens e de estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não é capaz de instituir a fraternidade” (CV 19). É por isso que, a exemplo de Paulo VI, Bento XVI lembra em sua encíclica que na “busca do desenvolvimento, são necessárias pessoas capazes de uma arguta reflexão, que busquem um novo humanismo, graças ao qual o homem contemporâneo possa reencontrar a si mesmo” (ibidem)¹⁶, de maneira a finalmente apontar a mais importante causa do atraso no desenvolvimento, isto é, a “falta de fraternidade entre as pessoas e entre as nações” (ibidem)¹⁷. Por conseguinte, uma necessidade e um desafio dos tempos do início do século XX é que a aproximação das pessoas entre si seja transformada numa verdadeira comunhão. O verdadeiro progresso dos povos e das nações “depende sobretudo do reconhecimento

¹³Idem. Encíclica *Laborem exercens*, n. 24.

¹⁴Ibidem, n. 15.

¹⁵PAULO VI, op. cit., n. 27.

¹⁶Cf. ibidem, n. 20.

¹⁷Cf. ibidem, n. 66.

Artigos

de que [eles] constituem uma única família, colaborando em autêntica comunhão e composta de sujeitos que não vivem simplesmente um ao lado do outro” (CV 53)¹⁸.

Ao abordar em *Caritas in veritate* o problema da autêntica distribuição dos bens, da solidariedade internacional e da responsabilidade global pela construção do futuro, Bento XVI aponta para a fome e o mercado de trabalho como causas da migração. Entretanto, na mencionada encíclica o Santo Padre confessa igualmente: “Todos percebemos o peso do sofrimento, do dissabor e dos movimentos migratórios que os acompanham” (CV 62). Dessa forma, sem perder de vista a principal ideia diretiva, *Caritas in veritate* envolve de desvelo todos os migrantes, de maneira especial os refugiados e fugitivos por razões políticas, religiosas ou de origem nacional e tribal.

6. O imigrante busca a esperança e é um sinal de esperança

A terra para a qual se dirigem os migrantes muitas vezes se encontra longe e nem sempre espera por eles com vagas de trabalho disponíveis e com condições de vida dignas de um ser humano. Em qualquer caso, é preciso lembrar-se de que “o ser humano foi feito para a doação, que o expressa e concretiza a sua dimensão transcendente” (CV 34). É por isso que, apesar das dificuldades organizacionais com a recepção dos imigrantes (cf. EMCC 39-43), não se pode roubar-lhes a esperança cristã¹⁹, que “constitui um poderoso cabedal de possibilidades sociais a serviço do desenvolvimento humano integral, o qual deve ser buscado na liberdade e na justiça. A esperança confere coragem à inteligência e lhe proporciona força para direcionar a vontade. Ela já se encontra na fé e, além disso, por ela é despertada. A caridade na verdade alimenta-se dela e ao mesmo tempo a apresenta. Como um dom divino absolutamente desinteressado, ingressa [na vida] como algo que não nos pertence, ultrapassando qualquer direito de justiça. E o dom, por sua natureza, extrapola o mérito; a sua regra é o excesso. Ele nos precede em nossa

¹⁸Cf. JOÃO PAULO II. Encíclica *Evangelium vitae*, n. 20.

¹⁹Cf. BENTO XVI. Encíclica *Spe salvi*, n. 23.

alma como sinal da presença de Deus em nós e das Suas expectativas diante de nós” (CV 34). Bento XVI adicionou uma espécie de comentário a CV 62 na sua alocução aos participantes do VI Congresso Mundial da Pastoral dos Migrantes e Refugiados, que se realizou no Vaticano nos dias 9-12.11.2009: “Os imigrantes não constituem um ‘problema’, mas uma ‘riqueza’ e uma ‘ocasião’ que favorece o desenvolvimento [...], circunstâncias que favorecem a compreensão entre as nações e a edificação da paz e do desenvolvimento, com que deve estar interessada toda nação. Partindo de uma outra abordagem, baseada no valor da solidariedade, pode-se afirmar que as migrações lançam uma nova luz sobre a unidade da família humana e apresentam o significado da hospitalidade e do amor ao próximo”²⁰. O trabalhador estrangeiro é uma “imagem de Deus”. No seu novo lugar de residência e de trabalho, ele é afinal o sujeito do trabalho e de outras ações por ele cumpridas e empreendidas. Realizando as suas esperanças e sendo um sinal de esperança, independentemente da atividade que empreende, o estrangeiro deve realizar a sua humanidade e a sua vocação transcendente²¹.

7. A integração do imigrante num ambiente que se globaliza

A globalização da economia dinamiza o atual fenômeno da migração e faz com que um número cada vez maior de pessoas seja forçado a abandonar o lugar da sua origem em busca de condições de vida dignas de um ser humano. Os migrantes que buscam o trabalho “não podem ser considerados como uma mercadoria ou uma simples força de trabalho” (CV 62). Uma grande ameaça para os trabalhadores migrantes é que, no lugar do encontro do trabalho ou pelo menos da sua busca, diante da “diversidade” e da “estranheza” encontradas, em vez de serem um sinal de esperança, eles comecem a se isolar do ambiente que os cerca e da comunidade que os acolhe. Em volta de si vão buscar aqueles que vivenciam os mesmos problemas deles, utilizam-se da mesma língua e provêm das mesmas regiões e países.

²⁰U. FABISIAK. VI Światowy Kongres Duszpasterstwa Migrantów i Uchodźców. Głos Towarzystwa Chrystusowego, 2009, n. 12, p. 1.

²¹JOÃO PAULO II. Encíclica Laborem exercens, n. 6.

Artigos

Dessa forma, em vez de edificar uma comunidade fraterna intercultural e uma sociedade de cidadãos (CV 34-42), a globalização e o mercado de trabalho impelem os recém-chegados a um gueto cultural, à margem da sociedade que os recebe²² e à solidão, que é “uma das mais profundas formas de pobreza que o homem pode experimentar” (CV 53). Por isso a instrução *Erga migrantes* reconheceu como base da solicitude pelo migrante a “cultura do diálogo” com ele e a “cultura da recepção” dele, apesar da variada diversidade e das dificuldades de adaptação por ele vivenciadas (EMCC 39-43)²³.

No contexto da encíclica *Caritas in veritate*, ocupa o centro das atenções a problemática amplamente entendida da identidade – da diversidade do migrante e do multiculturalismo da sociedade, tanto nas categorias mundiais, interestatais como dentro das categorias nacionais, regionais e locais. Em nenhuma das dimensões assinaladas pelas mencionadas categorias “o ser humano pode viver sem uma perspectiva para o futuro”²⁴. Ao esboçarmos as fronteiras da estranheza e da identidade, deparamo-nos necessariamente com o conceito de “integração”, bastante difícil de ser verificado, mas que apresenta o total afastamento de tudo aquilo que o problema do “estranho” leva à assimilação dos “diferentes”. A integração, como uma reclassificação sócio-religiosa, é penetrada por profundos processos de recomposição do equilíbrio interior sócio-religioso dos recém-chegados, mas também dos membros da comunidade que os recebe. A proximidade das pessoas forçada pela globalização deve transformar-se numa verdadeira e interativa comunidade (cf. CV 53). O diversificado processo de integração no novo lugar de residência e de trabalho, próprio dos recém-chegados, conduz ao pleno respeito da sua identidade cultural e religiosa, ao ingresso nas condições da sua nova existência. Em razão da sua complexidade, esse aspecto engloba várias

²²Cf. idem. Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2005: O zachowaniu własnej tożsamości i uznanie tożsamości innych. In: Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (red. W. Necel), Poznań, 2009, p. 141.

²³Cf. W. NECEL. Troska Kościoła o migrujących wg Instrukcji Papieskiej Rady ds. Duszpasterstwa Migrantów i Podróżujących „*Erga omnes caritas Christi*” z maja 2004 roku. *Collectanea Theologica* 75 (2005), n. 2, p. 196-199.

²⁴JOÃO PAULO II. Exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, n. 11.

dimensões, e sobretudo várias gerações, e não se realiza em todas as áreas da vida no mesmo ritmo. A obrigação de preservar a própria identidade cultural e a criação da comunidade no lugar da nova residência constituem duas correntes do processo de integração do imigrante que afinal se identificam. A herança cultural trazida da pátria é um elemento essencial da integração e não tem um caráter estático, mas é um valor que permite ingressar sob muitos aspectos na vida da sociedade do novo lugar de residência.

Essa reclassificação sócio-religiosa relaciona-se com o conjunto das mudanças culturais do lugar de estabelecimento do “estranho” e diz respeito tanto aos “antigos residentes” como aos “recém-chegados”. No apostolado em prol dos emigrantes, não se pode também esquecer de que esses “recém-chegados” não podem ser tratados como objeto da integração, mas eles mesmos devem participar ativamente da reclassificação do espaço social do lugar de estabelecimento²⁵. A diferença que traz consigo o estranho não é algo passageiro, que somente agora e “junto de nós” vai atingir a perfeição, mas exige o reconhecimento das diversidades complementares que formam uma determinada sociedade. A Igreja, como sinal e instrumento de unidade²⁶, com o seu universalismo tem aqui a grande tarefa de mostrar às sociedades que a sua identidade não pode desenvolver-se num processo de encolhimento, que faz do “estranho” alguém a quem apenas se pode defender, conquistar ou impelir à marginalidade (CV 54)²⁷.

8. A influência da cultura no desenvolvimento integral e no progresso econômico-tecnológico

Diante da problemática da unidade de todos os homens na era da globalização e da dinâmica dos movimentos migratórios, na encíclica *Caritas*

²⁵Cf. A. MARCHETO. Religion, Migration and National Identity. *People on the Move* 41 (2009), n. 209, p. 29-44.

²⁶Concílio Vaticano II. Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 1.

²⁷Cf. W. NECEL. Wokół zasad duszpasterstwa na rzecz Polaków na obczyźnie. *Collectane Theologica* 77 (2007), 4, p. 205-216.

Artigos

in veritate Bento XVI adverte que o nivelamento “das culturas na dimensão teológica, embora a curto prazo possa favorecer a obtenção de lucros, a longo prazo perturba o mútuo enriquecimento e a dinâmica da cooperação” (CV 32). A falta de respeito à identidade cultural do trabalhador imigrante e aos processos de integração por ele vivenciados “dá origem a posturas anti-produtivas e ao desperdício dos recursos humanos, visto que [...] se inclina a uma passiva adaptação a mecanismos automáticos, em vez de expressar a sua criatividade” (ibidem). O desenvolvimento tecnológico depende da plena compreensão do sentido da ação do homem na perspectiva de uma compreensão integral da pessoa humana, e não da criação da eficácia da ação. “A liberdade humana permanece autêntica apenas quando à fascinação da técnica responde com decisões que sejam o resultado da responsabilidade moral. [...] Partindo da fascinação do homem pela técnica, é preciso o verdadeiro sentido da liberdade, que não consiste no enlevo total com a autonomia, mas na resposta ao apelo do ser, a começar pela existência” que é o próprio homem (CV 70). A doutrina social da Igreja lembra que “é possível preservar relações verdadeiramente humanas, de amizade e senso social, de solidariedade e reciprocidade, também na área da atividade econômica, e não apenas ‘fora’ dela ou ‘depois’ dela. A esfera econômica “faz parte da atividade do homem e, justamente por ser humana, deve ser eticamente estruturada e institucionalizada” (CV 36).

9. Conclusão

A encíclica de Bento XVI *Caritas in veritate*, numa era de globalização, tem um caráter de antropologia da cultura. Tendo como pano de fundo as mudanças que ocorrem, aponta para o caráter evangélico da vida do ser humano individual e apresenta as perspectivas transcendentais que lhe são próprias. Localiza a problemática abordada no problema básico que surge na era do desenvolvimento e do progresso, isto é, no fato de que “à efetiva dependência mútua entre as pessoas e as nações não corresponde uma cooperação ética das consciências e das mentes, cujo resultado possa ser um desenvolvimento verdadeiramente humano” (CV 6). Na encíclica apresentada,

Artigos

Bento XVI lembra um dos princípios básicos da doutrina social católica, de que o desenvolvimento integral inicia-se com a solidária “partilha dos bens e recursos” (ibidem), que não é assegurada “unicamente pelo progresso técnico e por relações puramente utilitárias, mas pelo potencial do amor que vence o mal com o bem (cf. Rm 12: 21) e que se abre à reciprocidade das consciências e da liberdade” (ibidem). Um dos problemas que acarreta a globalização é a migração em busca de trabalho, como consequência de uma injusta e não solidária partilha dos bens. No esforço da sensibilização à necessidade de empreender soluções globais que regulem os processos de globalização, e por isso também os movimentos migratórios, é preciso recordar a mensagem da instrução *Erga migrantes*, a qual aponta que a migração provoca “uma verdadeira e real questão ética: a busca de um sistema econômico internacional com o objetivo de uma partilha mais equilibrada dos bens da terra, o que aliás contribuiria sensivelmente para a limitação e a contenção do fluxo de uma parte numericamente significativa das nações que vivenciam dificuldades. Daí a necessidade igualmente de um engajamento mais decidido na realização de sistemas educacionais e pastorais com o objetivo de preparar para uma ‘dimensão mundial’, ou seja, para uma nova visão da comunidade mundial considerada como uma família de nações, às quais são destinados os bens da terra, na perspectiva de um bem comum mundial” (EMCC 8).

O fenômeno da migração por razões de trabalho torna-se cada vez mais um fenômeno global, estrutural e próprio de toda sociedade. A sua abordagem temerosa e medrosa, diante da diversidade do “estranho” e dos seus direitos, é um sinal de incompreensão dos processos e dos direcionamentos da globalização, bem com do fato de que afinal a coletividade humana se encaminha na direção do multiculturalismo e da multietnicidade, e de que as relações humanas se tornam cada vez mais interculturais. A percepção das migrações em busca de trabalho como próprias da globalização não significa uma violação do tecido nacional ou dos próprios valores culturais. Uma política migratória adequadamente elaborada, organicamente inserida no progresso econômico integral e no desenvolvimento econômico, enfatiza justamente a nacionalidade dos migrantes, a sua cultura e os seus valores

Artigos

étnicos, bem como lhes confere o apropriado espaço no desenvolvimento dos povos e nações, assim como das pessoas em particular. Para a Igreja Universal, o fenômeno da migração é uma ocasião para vivenciar sempre de novo os processos da aculturação do Evangelho, de fortalecer a unidade do gênero humano e a fraternidade universal e solidária. Na comunidade concreta da Igreja local e da paróquia territorial, o migrante se apresenta como um dom e uma ocasião para a mobilização e a animação do testemunho da *Caritas in veritate*. Afinal, “nenhum país pode acreditar que sozinho poderá dar conta dos problemas migratórios dos nossos tempos” (CV 62). Numa coletividade que envolve todos os homens e que trilha o caminho de uma múltipla globalização, “o bem comum e o engajamento em favor dele devem assumir a dimensão de toda a família humana, isto é, da comunidade dos povos e nações” (CV 7), de maneira a conferir um formato de unidade e paz a toda coletividade.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor w swoim tekście zaprasza nas do refleksji nad migracjami XXI wieku w oparciu o encyklikę Benedykta XVI „Caritas in veritate” z 29 czerwca 2009 r. Migracja współczesna jest owocem kwestii społecznych, ekonomicznych i religijnych. Jest ona fenomenem, który staje się stałą rzeczywistością i wpływa na kształtowanie się struktur społecznych współczesnego świata. Migrujący człowiek poszukuje nadziei i staje się zarazem znakiem nadziei. Kościół, poprzez głos papieża, domaga się uszanowania podstawowych praw człowieka w odniesieniu do tych, którzy z różnych powodów podejmują decyzję o migracji.

A IDENTIDADE NACIONAL DA JOVEM GERAÇÃO DOS POLÔNICOS NA AMÉRICA LATINA

*Aleksandra SLIWOWSKA-BARTH**

Essa identidade é um grande e fascinante desafio, visto que a história do continente latino-americano, desde o seu início, encontra-se firmemente enraizada em diversas contradições culturais, econômicas, políticas, e as consequências dessas contradições são vivenciadas pelas novas gerações dos polônicos na América. Essas contradições contrapõem a maneira de pensar inglesa ao pensamento hispano-americano, dando origem a um grande contraste da América Latina em relação à América do Norte.

A origem dessas contradições é distante. Desde o tempo em que se iniciou a expansão da Europa, a comunidade europeia perdeu a sua unidade. O cristianismo medieval dividiu-se nacionalmente na busca de novos continentes. A luta por novas terras exteriorizou-se no Tratado de Tordesilhas (1494), pelo qual o continente americano foi dividido entre Portugal e Espanha. A reação inglesa a esse tratado provocou um conflito que divide os ingleses e seus descendentes em relação aos espanhóis e portugueses e aos seus descendentes. A verificação desse contraste é muito fácil, comparando-se a mentalidade espanhola, portuguesa e inglesa na literatura. Em Cervantes se encontra o sonho, da mesma forma que o espírito ocidental idealizado; em Camões se encontram aventuras, as conquistas portuguesas, o espírito do homem idealizado. Em Shakespeare se encontra o pragmatismo, o realismo inglês, o espírito do homem em sua verdadeira essência, construtiva, mas também destrutiva.

* Diretora geral da Universidade Candido Mendes – Ipanema. Doutora em Ciências pela Escola de Química da UFRJ na área de Gestão da Inovação Tecnológica. Mestre em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ e economista formada pela Universidade Federal Fluminense. Leciona na Universidade Candido Mendes, no SENAC e na UFRJ.

Artigos

Nos séculos XVII e XVIII, os contrastes entre os espanhóis e os ingleses também ocorriam em outras áreas. A sociedade espanhola era continental, em oposição à inglesa, marítima e insular; uma mais aristocrática, aldeã, outrora teocrática; a outra, mais democrática, urbanística, laica. Uma, a sociedade cuja base total eram as honras e a hierarquia; a outra estava baseada em lucros, de acordo com a interpretação de Rousseau. Já antes da primeira revolução industrial, no ano 1750, Portugal e Espanha haviam perdido o seu poder internacional, juntamente com as suas colônias na América Latina, que eram atrasadas em relação ao Velho Continente e dependentes da importação de produtos europeus.

Após os países da América Latina haverem alcançado a sua independência nos séculos XIX-XX, a situação política, social e econômica nesses países tem sido – e continua sendo – cheia de contrastes. Cada país possui o seu caráter específico próprio: diversos passados coloniais, diversas dimensões geográficas e econômicas e estruturas de produção, de comércio exterior, de processos de urbanização, de cultura, do papel do Estado e da sociedade elitista. Os países latino-americanos possuem ainda nos dias de hoje fortes vestígios do autoritarismo civil e militar, do conservadorismo, da violência e da escravidão, que impregnam as suas estruturas sociais. Além disso, segundo o Banco Mundial, o orçamento da área da saúde na América Latina nos anos 1990-1995 era de cerca de 2,7% do PIB, sendo de 8,2% do PIB na Alemanha e de 5,7% do PIB no Japão. O endividamento internacional dos países da América Latina no ano 1996 era em média 50% do PIB. Segundo a UNESCO, a quantidade de livros publicados na Argentina, no Brasil, no Chile, no Peru e na Venezuela em 1992 foi de 40.541, dos quais 67,9% foram publicados no Brasil. No mesmo ano de 1992 foram publicados na Alemanha 67 mil, no Japão – 35 mil e nos Estados Unidos – 49 mil livros.

Levando em consideração a América Latina como área única, calcula-se que as reservas e as capacidades de produção apresentam-na como uma região autossuficiente. Segundo o Banco Mundial, a América do Sul tem condições de produzir cereais, carne, peixe, leite, frutas e legumes numa quantidade que ultrapassa as suas necessidades. Igualmente tem condições de satisfazer as suas necessidades na área da energia elétrica, da extração

Artigos

de todo gênero de minerais, incluindo os minérios de ferro, cobre, alumínio e manganês. Atualmente está se desenvolvendo a indústria extrativa do petróleo de depósitos submarinos. O continente é também autossuficiente em artigos de consumo. As maiores dificuldades da América do Sul são a conquista de uma moderna tecnologia produtiva, bem como a falta de uma marinha mercante própria e bem desenvolvida.

Foi nesse mundo contradições que foram educados os atuais descendentes dos colonos poloneses (pessoas pobres e simples, que vieram no final do século XIX) e os descendentes dos intelectuais (imigrantes do período de antes da guerra, do tempo da guerra – sobretudo da Segunda Guerra Mundial – e do posterior à guerra). A primeira geração de colonos veio a uma região que lhe era completamente desconhecida, selvagem e em geral afastada da civilização. Por sua vez os intelectuais conheceram as chamadas terras tropicais, verdes durante o ano todo, mas estranhas em razão da língua e da cultura. O que os unia era a saudade e o amor à Pátria. Com esses sentimentos foram educadas as primeiras gerações, já nascidas na América Latina, educadas segundo uma mentalidade que foi assim descrita pelo nosso papa João Paulo II: “A Pátria – quando nela penso – expresso a mim mesmo e nela me enraízo; fala-me disso o coração, como que uma fronteira oculta que a partir de mim se comunica aos outros, a fim de envolver a todos num passado mais antigo que cada um de nós: dele me origino quando penso Pátria – para encerrá-la dentro de mim como um tesouro. Pergunto-me sempre como multiplicá-lo, como ampliar aquele espaço que ele preenche”.

O desenvolvimento do polonismo nas terras da América Latina pode ser dividido em duas etapas. Na primeira etapa, desde o início do século XX até os anos quarenta, o objetivo principal dos imigrantes poloneses era educar os seus filhos dentro das tradições absolutamente polonesas e transmitir a língua polonesa às novas gerações. De acordo com o livro do Pe. Z. Malczewski intitulado *A presença dos poloneses e da comunidade polônica no Rio de Janeiro*, no Brasil, país ao qual veio o maior número de imigrantes poloneses, funcionavam no ano de 1937 – 293 escolas leigas e 37 escolas religiosas (242 escolas registradas e 88 escolas não registradas). Lecionavam nessas esco-

Artigos

las 287 professores poloneses, dando aulas a 9.316 alunos. Nas escolas do Estado estudavam 4.636 crianças polonesas. A atividade social dos emigrados poloneses é testemunhada pela existência de 491 sociedades polonesas. Além das escolas, os poloneses no Brasil desenvolviam também a cultura, razão pela qual granjearam o respeito em diversos países da América Latina. Um exemplo disso é o surgimento no Brasil, em 1929, da Sociedade Polono-Brasileira Kosciuszko, que adotou como seu principal objetivo a aproximação cultural e econômica entre o Brasil e a Polônia, bem como a cooperação na área do mútuo desenvolvimento intelectual e econômico entre ambos os países. Durante a inauguração da Sociedade Kosciuszko, o general brasileiro Ivo Soares pronunciou estas belas palavras a respeito da nação polonesa: “O romantismo polonês é o romantismo do homem ativo, que ama a sua terra e tem o seu olhar sempre voltado para o futuro. Essa forma de olhar confere ao seu rosto a expressão do romantismo. E essa forma de olhar tem a sua explicação na História da Polônia. Perseguido, dividido, em constante estado de guerra, por séculos o polonês esperou por dias melhores, que trouxessem consigo a paz e a satisfação interior. Esperou não com os olhos fechados, mas de olhos abertos, voltados com segurança para o lugar sem fronteiras chamado futuro. O amor à liberdade vinha acompanhado por um forte estímulo espiritual. E é desse estímulo que a Polônia preserva, como um grande tesouro, três símbolos pelos quais todas as nações lutariam para que pertencessem aos seus países. Vede estes três poetas: Copérnico, Mickiewicz e Chopin. Três poetas, disse eu: o poeta das estrelas, o poeta dos versos e o poeta da música. Em todos eles existe a inquietação, o sonho, uma profunda melodia. A lupa de Copérnico, os versos de Mickiewicz, as valsas, as polonesas e as baladas de Chopin não são apenas uma parcela, mas toda a alma polonesa, que da terra se eleva para as alturas, para onde o homem se encontra com Deus”.

Apesar do início do processo nacionalista na América Latina nos anos trinta, existia no Brasil um número tão grande de escolas e sociedades polonesas. O ápice do nacionalismo nesses países ocorreu nos anos cinquenta e sessenta. A maior intensificação na intervenção do Estado na Economia da América Latina no período 1930-1945 decorria da parte dos industriais, que

Artigos

exigiam a ajuda do Estado em forma de subsídios, créditos e protecionismo. Justamente nesse período surgem diversos líderes do movimento nacionalista-industrial, como Perón na Argentina, Paz Estensoro na Bolívia, Vargas no Brasil, Ibanez no Chile e Cárdenas no México. Por um lado, o processo nacionalista expressava-se na forma do desenvolvimento da produção do petróleo, do aço, dos produtos químicos básicos, da energia elétrica e da telecomunicação. Por outro lado, os estatutos nacionalistas, como por exemplo os do presidente Getúlio Vargas no Brasil, combatiam as escolas e a imprensa das minorias nacionais, o que resultou no fechamento de 335 sociedades e 200 escolas polonesas. Igualmente foram abolidos os nomes estrangeiros de fábricas, oficinas, lojas, etc.

Com o tempo os rigores nacionalistas passaram a ser menos observados, mas deixaram vestígios enraizados na sociedade. No interior, verificou-se que foram fechadas escolas polonesas em lugares onde não existiam escolas brasileiras, o que significava ao volta ao analfabetismo. A revolução dos jovens nos anos sessenta, quando surgiu o rock and roll, os jeans e a cultura americana, eliminou os lemas nacionalistas com a fórmula “é proibido proibir”. A juventude internacional e individualista, que tinha facilidade para encontrar trabalho, já não demonstrava grande interesse por saber se os seus antigos antepassados haviam passado por alguma guerra ou pela crise de 1929. A imigração polonesa do período da Segunda Guerra Mundial viu-se obrigada a assimilar quanto antes a cultura latina. O passo fundamental era o estudo da língua do país de residência, para encontrar meios de vida. É por isso que a geração nascida nas cidades após a Segunda Guerra Mundial não dava importância ao conhecimento da língua polonesa.

Nos anos oitenta, em razão do grande desemprego e da alta inflação, a situação econômica nos países da América Latina provocou uma crise econômica. Em 1983, o secretário-geral da OECD (Organization for Economic Cooperation and Development) escreveu: “Em grau elevado, o resultado da grande taxa de desemprego é o surgimento de uma distância cada vez maior entre a sociedade e a juventude, a qual, segundo as últimas pesquisas, apesar das enormes dificuldades ainda se esforça por encontrar um trabalho e espera uma brilhante carreira na vida. Existe o grande perigo de que na

Artigos

década seguinte a sociedade se torne cada vez mais distante da juventude. De um lado estarão os jovens relativamente abandonados, e – do outro lado – em oposição, uma parte da sociedade privilegiada política e economicamente, com conhecimento dos mercados de trabalho”.

Passados trinta anos, pode-se dizer que a história da América Latina é a história de um mundo que perdeu as suas referências e se aproximou da instabilidade e da crise. Na América Latina, no início do novo milênio, a situação emigratória se transformou: os problemas políticos e a recessão econômica provocaram o aumento da migração, sobretudo da Colômbia, do Peru, da Venezuela, do Equador e da Argentina para os Estados Unidos e a Europa. A percentagem do desemprego é diretamente proporcional ao nível da migração: na Colômbia 20,5%, no Peru 7,2%, na Venezuela 13,5%, no Equador 13,2% e na Argentina 14,1% de desemprego.

Nesse tipo de situação, a identidade nacional da jovem geração dos polônios na América Latina é latina. A maioria dos jovens já não falam o polonês, e o ritmo da vida diária afasta-os da história e dos costumes do país dos seus antepassados. É latina sobretudo pelo fato de que, principalmente nas grandes cidades, pouco se comove com o fato de o papa ser um polonês ou de que os seus antepassados provirem do país de Wislawa Szymborska e de Chopin. Não cabe discutir aqui quem é o culpado por tal situação, se são os pais ou os avós – que têm transmitido cada vez mais fragilmente o polonismo, ou se são os jovens – que, enraizados em seu mundo particular, não têm demonstrado interesse pelo país dos prêmios Nobel – da paz, da físico-química ou da literatura. Importa discutir aqui que tipo de valor é o polonismo e o que fazer para salvar esse valor no mundo de hoje, que se desenvolve tão rapidamente.

A versão ideal desse valor já tem sido expressa pelo papa João Paulo II no Decálogo dos Emigrados:

1. Não te esqueças de que o bem supremo é Deus e de que sem Ele não compreenderás a ti mesmo e não encontrarás o sentido da vida.

2. Não renegues a existência da tua nação nem as suas experiências históricas,

Artigos

porque essas são as suas próprias raízes, a sua sabedoria – ainda que amarga, o seu motivo de orgulho.

3. Lembra-te de que, onde quer que sejas lançado pelo destino, sempre tens o direito – até o final dos teus dias – de permanecer membro da tua família nacional.

4. Mesmo nas piores circunstâncias, tendo de mudar de ambiente ou de cidadania, não renegues jamais a fé e a tradição dos teus antepassados, se queres que os teus novos irmãos e os teus filhos não te reneguem. A família seja como uma grande Igreja, mestra e mãe.

5. Respeita a tua nação, multiplica o seu bom nome e não permitas que ele seja utilizado para fins políticos, nacionalistas ou quaisquer outros.

6. Não permitas que a tua família, a tua nação seja por alguém roubada, ofendida ou injustamente difamada.

7. Não exaltes a ti mesmo e a tua nação acima dos seus reais méritos e acima das outras nações; antes mostra aos outros o que em tua nação há de melhor.

8. Aprende com as outras nações o bem, mas não repitas os seus erros.

9. Lembra-te de que possuir uma família-nação é um grande privilégio que resulta dos direitos do homem, mas também não te esqueças de que a Pátria é uma grande obrigação coletiva.

10. Lembra-te de que és filho de uma nação cuja Mãe e Rainha é a Mãe de Deus Maria, “que nos foi dada como ajuda para a nossa defesa”. Repete com frequência a oração dos corações poloneses: “Estou junto de Ti, recordando e vigiando”.

É preciso refletir a respeito de como pôr em prática as palavras desse Decálogo e de que forma convencer as novas gerações de que os jovens continuam sendo filhos da nação polonesa e de que – sem renegar a existência

Artigos

da nação dos seus antepassados nem as suas experiências históricas – eles defenderão as suas próprias raízes.

Certas iniciativas contribuem para a realização dessas palavras do Decálogo, como por exemplo o trabalho das organizações polônicas. A comunidade polônica da América Latina recebeu um novo alento e pode preservar melhor o seu polonismo. Graças ao trabalho das organizações e dos líderes polônicos, certos pedidos têm sido transmitidos à Polônia, como por exemplo o de intensificar os esforços que têm por objetivo familiarizar com a Polônia as novas gerações dos imigrantes poloneses, preparar e tornar acessíveis às organizações polônicas na América Latina todo gênero de materiais educativos, sobretudo para o aprendizado da língua polonesa, da história e da cultura polonesa, bem como de materiais que divulgam a Polônia, a sua herança cultural, as suas belezas naturais e a sua vida diária.

Vale a pena mencionar certos sucessos da atividade polônica. No Uruguai, houve o descerramento, na catedral de Montevideú, de um monumento do nosso papa João Paulo II, e em Punta del Este – a inauguração da Praça da República da Polônia. Na Argentina, por sua vez, foi instituído o Dia do Imigrante Polonês. Atua ali a União dos Poloneses em Buenos Aires, e em Oberá desenvolve-se o escotismo polonês, promovido pelo Centro da Juventude Polonesa; funciona também a Biblioteca Inácio Domeyko, que conta mais de 20 mil livros poloneses e na qual se realizam aulas de língua polonesa e serões literários. Existe o semanário *Głos Polski* (Voz Polonesa). Em Córdoba atua o grupo folclórico Krakus, que faz apresentações na Argentina e no Uruguai. Há as realizações da Matriz Escolar Polonesa, na instituição de 8 escolas polonesas dirigidas por educadores-pedagogos. No Paraguai atua a União dos Poloneses, com o objetivo de divulgar a cultura polonesa. No Brasil não se pode deixar de citar a atividade da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol), que surgiu há mais de 20 anos e que possui, principalmente no Sul do país, um grande número de núcleos que buscam promover as tradições polonesas e o polonismo entre as novas gerações, que muitas vezes não demonstram interesse pelos assuntos poloneses. Ênfase igualmente a atividade da Sociedade Beneficente Polonia, no Rio de Janeiro, que sempre, no decorrer dos 110 anos da sua existência,

Artigos

tem assumido como seu objetivo principal a comemoração patriótica de todas as festas nacionais e a propagação da cultura polonesa no seio da nação brasileira. Com o lema “Jamais diante do poder estrangeiro, diante da espada do tirano curvaram-se os joelhos dos poloneses livres” (A. Felinski), em 1916 dois membros da Sociedade Beneficente Polônia no Rio de Janeiro, os irmãos Oscar e Osvaldo Przewodowski, em nome dos poloneses da América Latina, enviaram uma carta ao grande líder e político brasileiro Rui Barbosa, pedindo-lhe que o Brasil reconhecesse a independência da nação polonesa. Com o lema “Não abandonaremos a terra de onde provém a nossa estirpe, não permitiremos que seja sepultada a nossa língua, porque nós somos a nação polonesa, o povo polonês”, no período da Segunda Guerra Mundial a Sociedade Beneficente Polônia do Rio de Janeiro assumiu a cooperação com o Comitê Brasileiro de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia, com a Cruz Vermelha Brasileira, com a seção da Cruz Vermelha Polonesa e com o Comitê de Socorro às Crianças. Em 1953 o seu presidente, Sr. Aleksander Bole-slaw Sliwowski, e a vice-presidente, Sra. Lucyna Haczynska, representando a Sociedade Polônia, assinaram um contrato de aluguel da igreja polonesa. Em 1970, graças ao incansável trabalho do Pe. Benedito Grzymkowski, surgiu a paróquia pessoal polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro no Rio de Janeiro. A Sociedade Beneficente Polônia, no Rio de Janeiro, guiando-se pelas palavras do poeta Balinski de que “podem me expulsar do meu país, podem me ordenar que a ele eu não volte, podem me eliminar dentre os vivos, podem me expulsar e enxotar para além das cercas, mas como podem permitir que eu sinta saudade?” – paga regularmente subsídios a poloneses que se encontram em situação financeira difícil, bem como fornece bolsas a jovens estudantes.

Graças ao trabalho na área cultural, as novas gerações começam a aproximar-se da Pátria dos antepassados pelo aprendizado da língua polonesa. A vontade de estudar a língua polonesa alegra a todo polonês, mas esse fato não pode ser considerado como o caminho principal para a criação da identidade polonesa entre as novas gerações, sobretudo nas cidades grandes. No interior, a situação é diferente, em razão da distância das metrópoles. Os jovens, baseando-se na vida familiar, no trabalho dos missionários poloneses e

Artigos

nos contatos diários com outros descendentes de poloneses, preservam a língua polonesa – ainda que numa forma não muito culta – sentindo orgulho dela e das tradições do país dos seus antepassados.

Nas grandes cidades a nova geração, conhecendo a cultura e a língua polonesa, tem um estímulo para preservar o seu polonismo, inclusive para enriquecer as suas qualificações e as possibilidades de sucesso no trabalho profissional. Um estímulo para a preservação do polonismo entre os jovens seria organizar estágios ou práticas em empresas polonesas na Polônia e no exterior. Eles contariam dessa forma com um melhor ponto de partida em sua vida. Trata-se de uma ideia do Sr. Jorge Achmatowicz, do Chile, apresentada no IV Congresso da USOPAL, que se realizou no Brasil no ano 2000. Seria preciso criar uma estatística das organizações, das empresas polônicas, dos poloneses e dos seus descendentes que vivem nos países da América Latina. É muito importante a iniciativa de que a TV Polônia seja acessível na América do Sul, despertando nas novas gerações o interesse pelos sucessos da Polônia moderna.

Na Carta Pastoral do Santo Padre João Paulo II aos jovens do mundo inteiro por ocasião do Ano Internacional da Juventude 1985 lemos: “Vós, jovens, sois justamente essa juventude: a juventude das nações e das sociedades, a juventude de cada família e de toda a humanidade – igualmente a juventude da Igreja. Todos olhamos na vossa direção, visto que todos – através de vós – como que novamente nos tornamos jovens. Assim, pois, a vossa juventude não é apenas uma propriedade pessoal vossa ou da vossa geração – ela faz parte do conjunto daquele caminho que todo homem trilha em seu itinerário de vida, e ao mesmo tempo é uma espécie de bem especial de todos. É um bem da própria humanidade. Em vós está a esperança, visto que vós pertenceis ao futuro, e ao mesmo tempo o futuro pertence a vós”.

Ser a esperança do mundo e o futuro das nações não é uma tarefa fácil, porquanto apenas pela compreensão do passado o homem tem condições de edificar o seu futuro, e esse futuro só será melhor na medida em que as gerações mais velhas não renunciarem àquela responsabilidade que é a educação das gerações jovens. Guiando os seus caminhos do polonismo, daremos um grande passo para a realização das palavras do Hino Nacional polonês:

Artigos

“A Polônia ainda não pereceu enquanto nós vivemos”. Esperamos que as gerações mais velhas envidem todos os esforços para que o polonismo se desenvolva em todos os continentes no mundo moderno.

BIBLIOGRAFIA

BARTSCH, Aleksandra. *Science and Technology in Rio de Janeiro: the Cases FAPERJ and FINEP*, 2000.

CAMO, Wilson. *Suwerenność i polityka gospodarcza w Ameryce Łacińskiej*, 2000.

COSTA, Darc. *Strategia narodowa*, 2000.

HOBBSAWM, Eric. *Age of Extremes: the Short Twentieth Century: 1914/1991*, 1997.

KOWALCZYK, Józef; DZIWIŚ, Stanisław; RAKOCZY, Tadeusz. *W drodze na Jasną Górę: Jan Paweł II do młodych*, 1991.

LOVE, Joseph. *Crafting the Third World: Theorizing Underdevelopment in Rumania and Brazil*, 1998.

MALCZEWSKI, Zdzisław. *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, 1995.

SKOWRONSKI, Tadeusz. *Stronice brazylijskie o Polsce*, 1942.

UNESCO, *World Science Report*, 1998.

USOPAL, *III Kongres Polaków Ameryki Łacińskiej*, 1998.

WORLD BANK. *Knowledge for Development*, 1998/99.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka publikowanego tekstu stawia przed czytelnikiem zagadnienie tożsamości narodowej młodego pokolenia polonijnego w Ameryce Łacińskiej. Historię polonijna na tym kontynencie dzieli na dwa etapy. Pierwszy obejmuje okres od początku XX wieku po lata czterdzieste. Drugi natomiast to okres ostatnich 70 lat. W obydwu etapach obserwujemy przejawy obecności polskości w Ameryce Łacińskiej, jak też zachodzące w społeczności polonijnej zasadnicze przemiany. Ukazujące się różnorodne przemiany wśród Polonii były owocem wprowadzanych praw nacjonalizacyjnych, jak też wpływu zachodzących przemian w miejscowej społeczności i oddziaływujących na wspólnotę poloni-

| Artigos

jna. Autorka stara się ukazać współczesne oblicze młodego pokolenia polonijnego w Ameryce Łacińskiej. Cytując "Dekalog emigranta" autorstwa papieża Jana Pawła II autorka przedstawia konkretne sugestie państwu polskiemu w tym celu, aby dzięki jego konkretnemu zaangażowaniu tożsamość polska była pogłębianą i stawała się bardziej świadoma.

A GEOGRAFIA CULTURAL DA COLONIZAÇÃO POLONESA NO BRASIL

*Anna DVORAK**

Geografia física

O clima era um dos fatores que mais impeliam os imigrantes europeus. “No século XIX, existia um quase irrestrito otimismo a respeito dessas regiões não povoadas, havendo a necessidade apenas de estradas de ferro ou navegação marítima para oferecer um brilhante futuro para a colonização europeia. E somente no sul temperado [...] essa promessa podia ser cumprida” (BLAKEMORE, p. 3). Partes do Sul temperado estão cobertas pelas florestas do pinheiro-do-paraná (uma floresta subtropical que constitui um dos subtipos das florestas semiúmidas: *Araucaria angustifolia*), que se restringe às altitudes mais elevadas do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A área total da floresta semiúmida é de 281.797 quilômetros quadrados, constituindo o ambiente colonizado pelos imigrantes europeus que vieram ao Brasil na década de 1920 para se envolver em atividades de produção de alimentos (WILLEMS 1946, IBGE 1977, WAIBEL, 1979). Somente no extremo sul do Paraná havia alguns obstáculos físicos, tais como geadas que ocorriam durante um breve período de tempo no inverno, exigindo uma mudança significativa na agricultura.

A maior produtividade agrícola no Brasil ocorria nas regiões subtropicais, onde o clima permitia um amplo ciclo de plantações e colheitas. A área subtropical no Brasil meridional, onde a maior parte dos assentamentos poloneses ocorreu, localizava-se entre a latitude de 24 e 34 graus. Ali a precipitação pluvial varia de uma média anual de 500 mm nas áreas mais secas do

* Doutoranda no Departamento de Geografia da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde está escrevendo a sua dissertação a respeito da geografia histórica da colonização e da imigração polonesa no Paraná.

Nordeste a 3.000 mm em algumas partes da região Sudeste (SOARES, p. 58). Sem levar em conta os extremos do tempo quente e frio, existem muitas variedades climatológicas através do Brasil, o que torna a classificação do clima muito complexa (IBGE).

A distribuição da flora é determinada pela latitude e condições que incluem o clima, os solos, a altitude e a exposição à luz solar. A vegetação no Brasil tem sido prejudicada pela transformação humana do ambiente, com a exceção de algumas áreas não atingidas na Amazônia, ocupadas por pequenas tribos de povos indígenas. A maior parte da ocupação não indígena da terra incluía plantações ou grandes fazendas de gado de vários tipos. Nesse sentido, o Sul se diferencia pela sua história de agricultura familiar.

Colonização no Brasil, política de terra e de colonização

Antes que o Sul do Brasil tivesse sido desenvolvido pelos europeus como uma região agrícola, ocorria a criação de animais domésticos a fim de fornecer carne às regiões de mineração, transporte e animais de tração, o que tem prevalecido até o dia de hoje.

As relações Brasil-Europa foram originalmente estabelecidas no início do século XVI, quando o Brasil foi incorporado como um fornecedor de matérias-primas para a economia europeia (FURTADO, 1972). Não havia ainda empreendimentos locais que se tivessem desenvolvido, visto que o ciclo do pau-brasil não contribuía para o estabelecimento populacional. A produção de açúcar no final desse período estimulou a efetiva ocupação europeia do Brasil e a história dos ciclos econômicos de desenvolvimento (CURTIN, 1998).

As economias coloniais e imperiais do Brasil eram principalmente constituídas por dois setores, organizados numa dupla estrutura: uma representava a agricultura comercial de cultura única em grande escala, dominada pelo cultivo de produtos para os mercados estrangeiros, incluindo o açúcar, o café e o algodão, e a outra era representada pela agricultura de subsistência, que produzia um excedente mínimo de alimentos para o consumo local em assentamentos rurais orientados para a agricultura comercial. A prioridade

Artigos

era satisfazer as necessidades dos segmentos populacionais necessitados nas várias atividades agrícolas, e visava apenas secundariamente os habitantes dos centros urbanos (TOPALOV, 1978).

Em seu estudo sobre os latifúndios e a política agrária no Brasil, Warren Dean analisa a evolução da política agrária durante o Império, no período 1822-1889, numa época que coincidiu com a abolição da escravatura e com o crescimento da exportação. O governo brasileiro começou a preocupar-se com a concentração de terra e a controlar o grande poder dos fazendeiros. A falha desses esforços demonstra a dificuldade de promover uma reforma num sistema político dominado pela elite agrária.

Dean aponta como, desde o início da colonização, o Brasil foi aos poucos dividido em propriedades de grandes dimensões. O latifúndio manteve-se como a principal instituição no Brasil meridional por mais de um século. Essas concessões eram dadas arbitrariamente e muitas vezes com a ajuda da corrupção. Devido a muitos limites indefinidos, muitas propriedades se sobrepunham e dessa forma os donos muitas vezes invadiam propriedades adjacentes. Em consequência disso, direitos sobre a terra tornaram-se a causa de muitas animosidades e de violência.

Durante o governo de D. Pedro I e durante a regência subsequente, a preferência pela autonomia provincial provocou diversas revoltas regionais. Essa atmosfera política insegura continuou influenciando a política agrária. Dessa forma, algumas concessões de terras eram promovidas ilegalmente, sem qualquer forma de autorização, com o objetivo de conquistar o apoio de opositoristas locais que ameaçavam com uma possível rebelião. Independentemente da política agrária do governo central, qualquer política era difícil de ser aplicada se ela não satisfazia os proprietários de terras.

Apesar da política agrária insegura e das concessões de terras, o Sul do Brasil, ainda que não legalmente, tinha um modelo diferente de ocupação da terra no contexto das afiliações étnicas. Demonstra-se isso por um mapa que mostra as principais zonas coloniais no Sul do Brasil, utilizado na obra de Bell *Campanha Gaúcha: a Brazilian Ranching System, 1850-1920*, o qual mostra que no Rio Grande do Sul a colonização alemã geralmente se situava abaixo dos 500-600 metros, o limite inferior do pinheiro-do-paraná, um modelo

definido pela percepção que os colonos tinham da fertilidade do solo. Os italianos se estabeleceram em áreas mais elevadas a partir de 1870. Além disso, “desde os anos 1890, a extensão das ferrovias através do Planalto levou os colonos, agora já de origens mais variadas, para zonas ainda não exploradas da mata virgem” (BELL, 1998). Como se percebe, a colonização europeia ocorreu principalmente em terras de florestas, em razão da fertilidade em geral mais elevada do seu solo.

Significativamente, o citado mapa demonstra que o Paraná tinha mais europeus orientais que Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. Os poloneses constituíam uma porção significativa desses europeus orientais e desempenharam um papel crucial nas mudanças culturais e físicas da paisagem paranaense.

A imigração polonesa no Sul do Brasil

Os imigrantes poloneses começaram a chegar ao Brasil meridional na década de 1860. Os registros estatísticos relacionados com a imigração não distinguem a presença deles como significativa nem apresentam as áreas em que eles se estabeleceram. Isso acontecia porque eles eram considerados como parte dos imigrantes da origem “eslava”, que incluía russos, iugoslavos e outros de menor significado estatístico. De fato, era comum que os imigrantes poloneses viessem ao Brasil com cidadania e passaportes austríacos, alemães ou russos, sendo registrados como tais nos registros e nas estatísticas do governo (WACHOWICZ, 1981).

Enquanto Azevedo enfoca os componentes étnico-nacionais da imigração no Sul do Brasil num contexto geral, em *Uma história oculta*, René D. Decol divide a imigração polonesa em três fases principais e discute a imigração no contexto de fatores político-econômicos. Essas três fases comportam o estágio preliminar de 1830-1860, o estágio da migração econômica maciça de 1860-1918 e a fase da imigração do entreguerras no período 1918-1939.

Decol distingue três fases na imigração polonesa ao Sul do Brasil, dando ênfase especial à intermediária. A primeira fase, de 1867-1889, provinha da Polônia ocupada pela Prússia. Os poloneses eram inferiorizados e tinham

Artigos

uma participação limitada, então houve a emigração direcionada especialmente ao Brasil. A segunda fase, de 1889-1914, foi a fase conhecida como a “febre brasileira”, devido à intensidade do fluxo de poloneses em direção ao Brasil. Esses imigrantes eram constituídos por famílias camponesas cuja motivação básica era a busca de terra cultivável para sobreviver numa outra parte do mundo. Decol mostra como, durante as duas fases do estágio intermediário, cerca de 100 mil poloneses cruzaram o Atlântico em direção ao Brasil. Nessas condições, se os poloneses tivessem continuado a manter essa posição no fluxo internacional dos imigrantes ao Brasil, eles não estariam muito atrás dos japoneses (cerca de 250 mil) e dos alemães (220 mil) (BAS-SANEZI, 1996).

O período do entreguerras foi especialmente importante. Mais de 40 por cento dos cidadãos naturais da Polônia entrevistados no censo de 1991 informaram ter chegado nessa fase (DECOL, p. 8).

No final da I Guerra Mundial, a Polônia reconquistou a sua independência. Entretanto, o período do entreguerras foi assinalado por uma grande instabilidade e por uma política fragmentada. Devido a essa instabilidade, no decorrer da década de 1920 novas ondas de imigrantes poloneses deixavam a Polônia em busca do Brasil.

Ainda que em menor escala, a imigração polonesa reativou-se após a II Guerra Mundial, em parte devido aos desalojados pelo conflito mundial (FANMANN & MÜNZ, 1994). A importância da presença polonesa no Brasil é também demonstrada pelo número de naturalizações de poloneses no período 1950-1953. Em 1950 e 1951 os alemães se encontravam na dianteira com cerca de 1.500 naturalizações, mas em 1952 e 1953 os poloneses ocupam o primeiro lugar.

Colonização polonesa: fatores de impulso e atração

No início do século XVIII, os proprietários de terras na Europa Oriental, especialmente na Polônia, buscavam agricultores da Europa Ocidental, visto que eram preferidos aos da Polônia. Isso ocorria porque eles demonstravam atributos como habilidades em drenagem e técnicas agrícolas. Os flamengos,

Artigos

por exemplo, trouxeram com eles uma variedade de técnicas de irrigação, e os alemães introduziram diversas técnicas de cultivo. Os fazendeiros e governantes na Polônia ofereciam aos camponeses da Europa Ocidental não apenas melhores condições econômicas, mas também uma liberdade pessoal maior do que a proporcionada aos camponeses locais. Muitas vezes também lhes era proporcionado o direito de viver sob as leis a que eles estavam acostumados nas suas terras de origem, em vez de serem submetidos a leis que não lhes eram familiares. Os governantes também “recrutavam apoiadores com tais promessas de benefícios nas campanhas militares na Polônia” (SOWELL, 1996, p. 36).

Além disso, havia muito menos analfabetismo na Alemanha do século XIX do que nas nações eslavas daquela época. Os alemães que viviam no Império Russo eram mais alfabetizados do que os eslavos daquele império, e os alemães no Império Austríaco tinham uma taxa de analfabetismo de 6 por cento em 1900, enquanto os servo-croatas, no mesmo império e na mesma época, tinham uma taxa de analfabetismo de 75 por cento (SOWELL, 1996, p. 4). Inversamente, os poloneses que viviam na Prússia tinham taxas de analfabetismo mais elevadas do que a população local predominantemente alemã.

No final do século XVIII a Polônia deixou de existir como um Estado independente e soberano, tendo seu território dividido entre três grandes potências em expansão: os impérios da Prússia, da Áustria e da Rússia. A partilha da Polónia desencadeou uma onda emigratória que afetaria todo o país, de leste a oeste (DEMBICZ & SMOLANA, 1993).

Frequentes mudanças de fronteiras e territórios e o desaparecimento do país do mapa político no decorrer do século XIX fizeram com que milhões de poloneses fossem expulsos, voluntária ou involuntariamente, a lugares como o Brasil. No início da II Guerra Mundial, cerca de 2 milhões de poloneses viviam na Alemanha, 1,5 milhão nos Estados Unidos, 450 mil na França, 250 mil no Canadá e 195 mil no Brasil (DAVIES, 1982, p. 279).

De acordo com a historiografia polonesa (DEMBICZ & SMOLANA, 1993; KAWKA, 1996), a emigração para a América Latina começa a assumir força e proporções de imigração maciça nas últimas décadas do século XIX,

Artigos

o que foi facilitado pelo desenvolvimento da navegação marítima (apesar da arriscada aventura de atravessar o Atlântico).

Passagens subsidiadas transformavam o Brasil meridional num destino atraente e na única rota de fuga para os emigrantes rurais pobres. Um elemento crucial na emigração da Europa Oriental era a fuga em busca de melhores oportunidades. Um fator menor era a resposta à visão de um paraíso no Novo Mundo; tinha uma importância maior a pressão das condições adversas em que a mão de obra rural da Europa Oriental do século XIX se encontrava.

Os imigrantes poloneses tinham pouco conhecimento da situação ou das condições do Brasil meridional. Para esses trabalhadores rurais, o conhecimento do mundo além da sua comunidade local era muito limitado. Era a noção da abundância de terra e da existência de empregos que mais atraía os imigrantes poloneses. A maior parte dos camponeses da Polônia era analfabeta e não deixou registros escritos das suas impressões.

As suas fontes de informação eram a propaganda do governo, as companhias de navegação e as agências de colonização que promoviam a imigração europeia, bem como cartas dos poucos migrantes letrados aos parentes e à comunidade que haviam deixado. As agências de recrutamento, como era de esperar, apresentavam a nova terra com cores brilhantes (DICKENSON, p. 67). Havia belas descrições da terra abundante, bem como literatura promocional para os poucos letrados, que no entanto não mencionava os obstáculos do clima. Esses anúncios enfatizavam o “caráter europeu” do Brasil. Além disso, “a propaganda assegurava aos potenciais migrantes a hospitalidade com que seriam recebidos, a facilidade com que eles poderiam cobrir as despesas da sua viagem e com que se transformariam em donos de terras num solo fértil e num clima agradável e saudável” (DICKENSON, p. 67). Cartas enviadas pelos migrantes pioneiros enfatizavam ainda o caráter especial da nova terra encontrada e as suas atrações, menosprezando as dificuldades e os obstáculos a ser enfrentados.

Inicialmente, a política governamental brasileira relacionada com a colonização agrícola foi inconsistente até a década de 1840, quando o interesse se renovou com o estabelecimento de colônias no Espírito Santo e em Santa

Artigos

Catarina, quando o governo começou a estimular a colonização em áreas consideradas “negligenciadas” (DICKENSON, p. 68). Em consequência disso, os esquemas de colonização se concentraram na área meridional do Brasil, a fim de confirmar a ocupação brasileira. Entretanto, esse objetivo da ocupação da terra e do “povoamento do território” transformou-se numa prioridade tão grande que o governo perdeu o interesse pela viabilidade econômica dos imigrantes que se dirigiam a essa região. Dessa forma, muitos imigrantes poloneses foram estabelecidos em áreas remotas e isoladas, com poucas oportunidades de desenvolver a agricultura comercial antes que o acesso às colônias fosse melhorado.

Imigração polonesa ao Paraná

A reação inicial dos imigrantes poloneses foi que essa terra era estranha, ainda que os agricultores expressassem o seu entusiasmo com o potencial da sua nova terra, que proporcionava solo fértil, bom clima e água e terra boa para o cultivo das suas colheitas de cereais (STAWINSKI, 1976).

Embora existissem diversos obstáculos, quando os colonos poloneses do Sul do Brasil transformaram a floresta virgem em áreas de cultivo eles se apegaram a esse seu pedaço próprio de terra, que teriam para o seu próprio uso, que poderia ser cultivado com o seu próprio trabalho e que forneceria o sustento para a sua própria família. A posse de terra proporcionou aos camponeses poloneses a liberdade, e eles tinham a impressão de que a sua vida e as suas condições eram muito melhores do que aquelas encontradas na Polônia. “Para quem quer que o quisesse, havia suficiente trabalho, comida e bebida, sem a necessidade de despender muito esforço e – quanto aos proprietários das terras – eles haviam sido deixados na Europa!” (DE BONI, 1977, p. 41).

Os imigrantes poloneses haviam planejado fazer os seus próprios cultivos e desenvolver amplamente a agricultura nas condições que a região oferecia, mas a sua experiência inicial produziu uma sensação de desapontamento. Nesse novo ambiente, que exigia novos processos de trabalho, tais como a necessidade de derrubar a mata, eles não tinham condições de uti-

Artigos

lizar as mesmas práticas agrícolas com que estavam familiarizados. “Em vez disso, eles copiaram as técnicas e as culturas dos luso-brasileiros, dedicando-se às tradicionais culturas do milho, da mandioca e do feijão, utilizando-se de um sistema de rotação de culturas” (GALLOWAY, p. 369). Inicialmente, esse sistema de agricultura de subsistência só foi suficiente para garantir um padrão de vida muito modesto. Contudo, com o passar do tempo, à medida que os imigrantes europeus iam ganhando acesso aos mercados brasileiros, “foram introduzidas melhorias na agricultura” (GALLOWAY, p. 369). De Janvry discute a importância dos mercados, no sentido de que “os mercados se tornaram cada vez mais integrados, em consequência da migração permanente e sazonal” (DE JANVRY, 2000, p. 393). Em consequência, os imigrantes poloneses começaram a cultivar batata e centeio, a ter algumas vacas e a criar porcos. Em razão disso, “no final do século XIX as únicas áreas cobertas de florestas além da fronteira agrícola no Brasil meridional encontravam-se no oeste do Paraná” (GALLOWAY, p. 369): “Iam surgindo pequenas cidades e vilas, num estilo europeu, diferente do luso-brasileiro, onde a língua polonesa era mais utilizada que a portuguesa, e os colonos se mantinham com o cultivo nas suas pequenas propriedades, gozando de um nível de vida bem mais elevado do que aquele que podia ser encontrado em qualquer outra parte do Brasil rural” (p. 371). De fato, no início do século XX, além de algumas comunidades no estado do Rio Grande do Sul e nas regiões de Blumenau e Joinville, Curitiba era o lugar onde o sucesso dos imigrantes poloneses “se mostrava mais acentuado” (GALLOWAY, P. 371). Apesar da sua integração na agricultura brasileira, essas comunidades polonesas continuavam a manter-se isoladas, muitas delas desenvolvendo uma economia baseada na subsistência, mantendo poucos contatos com os centros urbanos próximos (WACHOWICZ, 1972; WAIBEL, 1979).

A produtividade agrícola mais elevada no Brasil foi alcançada pelos poloneses no Paraná, tanto por área como pelos indivíduos envolvidos nessa atividade (SOARES, p. 50). Uma das possíveis razões por que os poloneses eram tão produtivos podiam ser as condições subtropicais, as quais, após uma adaptação inicial, eram fáceis de enfrentar, em comparação com as condições adversas na Polônia, incluindo os longos e frios invernos, que

limitavam as plantações e colheitas a ciclos mais curtos.

Cultura e subsistência econômica polonesa no Paraná

A produção e o consumo do suprimento doméstico no Paraná foi alcançado através de empreendimentos capitalistas e camponeses em diferentes escalas de produção e com a utilização da mão de obra alugada. Três tipos de colheitas podem ser identificadas no processo do suprimento, incluindo produtos importados, produtos produzidos por organizações agrícolas capitalistas e produzidos pelos camponeses poloneses locais. Existem cinco categorias conceituais de mercadorias: “1) alimentos camponeses; 2) alimentos comprados; 3) produtos industriais; 4) produtos de luxo e 5) produtos de exportação” (DE JANVRY, 1981, p. 78).

Os agricultores polono-brasileiros diferenciavam-se da maioria dos agricultores no Paraná visto que eles tiveram condições de acumular poucos recursos de capital para investir na modernização da agricultura. Mas eles tinham acesso à tecnologia moderna e participavam da economia nacional como fornecedores e consumidores de vários produtos, o que contribuía para o crescimento econômico dessas comunidades.

Modelos de migração

A população nessas comunidades era bastante estável, permitindo o desenvolvimento de fortes laços culturais poloneses. Os poucos casos de migração que ocorreram foram motivados por razões como a busca de empregos nas áreas urbanas, os casamentos e a aquisição de certas habilidades de especialização que não tinham uma demanda local. Os modelos migratórios de afastamento devem ser avaliados no seu significado como um ingrediente das mudanças culturais no Paraná.

Modelos e políticas de colonização

O estabelecimento da economia agrícola no Brasil foi inicialmente re-

Artigos

alizado através de políticas populacionais que se baseava no trabalho dos escravos da África. Contudo, quando o país (como o último país) aboliu a escravidão em 1888, o governo começou a estimular no século XIX a imigração europeia, tanto para colonizar os estados do Sul, inclusive o Paraná, com agricultores independentes como para proporcionar mão de obra às fazendas de café. O governo brasileiro promoveu esforços e criou incentivos aos imigrantes europeus para melhorar a produção dos artigos de subsistência. Até então, a economia agrícola do Brasil concentrava-se no cultivo de produtos de exportação, que resultava na manutenção de uma força de trabalho envolvida apenas na produção capitalista de artigos de exportação, conciliando dessa forma a mão de obra barata com uma política de alimentação barata.

Os modelos de ocupação e da posse da terra que predominam no Brasil até o dia de hoje são muitas vezes explicados como um resultado da colonização portuguesa, baseada na concessão de terras denominadas “sesmarias”, que concentravam grandes áreas de terras e que muitas vezes se mantinham improdutivas, sendo a sua posse transmitida aos herdeiros, dentro do processo das chamadas “capitanias hereditárias”. No período pós-colonial, o Império (1822-1888), e a República Velha (1889-1930) adotaram políticas agrárias que estimulavam o desenvolvimento dessas extensas áreas improdutivas (PRADO JR., 1969; FURTADO, 1972). Os governos do Brasil independente começaram a fornecer aos “colonizadores originais” sementes e ferramentas para desenvolver nessas terras a agricultura. O pagamento das dívidas podia ser feito em longas prestações após a produção inicial, e dessa forma se estabeleceu a colonização. Além disso, era concedido um período de carência de cinco anos antes que as prestações tivessem de ser pagas (WACHOWICZ, 1972).

Os imigrantes poloneses não encontraram as grandes extensões de terras das áreas produtivas mais antigas no Brasil, incluindo o Nordeste, o Sudeste e o extremo Sul. Eles colonizaram em primeiro plano as novas áreas agrícolas que haviam sido intencionalmente parceladas para a colonização. As condições favoráveis do ambiente e a adoção inicial das técnicas agrícolas locais contribuíram para uma adaptação mais fácil desses imigrantes. Além

disso, a expansão da área dessas terras e os ciclos anuais de cultivo, o acesso à posse da terra e as linhas de crédito subsidiadas pelo governo são fatores que estimularam a alta produtividade alcançada pelos colonos poloneses a partir do início do século XX.

Técnicas de manejo da terra mais inovadoras foram introduzidas na década de 1940, a fim de desenvolver a economia de mercado dessas colônias. Até padres foram incorporados nesse processo. Por exemplo, padres poloneses têm encorajado a criação de vacas leiteiras para a produção do adubo e a incorporação de matéria orgânica agrícola para a fertilização do solo. Esses padres contribuíram igualmente “para a difusão de novas técnicas de manejo da terra, o que contribuiu para a melhoria da produção agrícola, cujo nível antes disso era bastante baixo” (SOARES, p. 52).

No início da década de 1950, começa a ocorrer um maior envolvimento e uma penetração mais profunda no mercado. Pela primeira vez, tratores foram trazidos às colônias polonesas pelo governo brasileiro, através de uma agência agrícola que os alugava aos produtores, os quais apenas pagavam pelo combustível (SOARES, p. 55). Também nesse período, a carroça polonesa, que anteriormente havia representado uma forma revolucionária de transporte de cargas, começou a ser aos poucos substituída por caminhões de carga, à medida que estradas iam sendo melhoradas.

A imigração camponesa polonesa no Paraná

Trabalhos a respeito da presença dos camponeses poloneses no Brasil começaram a ser publicados já antes da I Guerra Mundial. Embora esses estudos fossem valiosos, visto que se utilizavam de fontes originais, tais como diários, cartas e reportagens, bem como de dados estatísticos a respeito dos movimentos migratórios, eles eram subjetivos na comparação dos camponeses poloneses com os brasileiros. O camponês brasileiro tipicamente tem sido retratado como sendo “preguiçoso, ineficiente e improdutivo”, ao passo que o camponês polonês era descrito como “forte, diligente e inteligente”.

Apesar de uma das maiores colônias polonesas ter sido a Colônia Muri, estabelecida no planalto curitibano, “que constituía uma subdivisão do

Artigos

Primeiro Planalto do Paraná” (SOARES, p. 59), uma das colônias mais interessantes, que será analisada neste estudo, é Santana, no município paranaense de Cruz Machado.

Os primeiros colonos poloneses chegaram à região da atual Cruz Machado no final do século XIX. Em breve eclodiu uma epidemia de tifo que afetou toda a região ocupada. Dentro da primeira década após a vinda dos colonos poloneses, eles já fundaram um pequeno povoado, onde inclusive havia serriarias, o qual se transformou na atual Santana.

Cruz Machado e Santana

O início da colonização polonesa associada com a colonização de Santana teve início na região de Cruz Machado em 1910. Numa época em que o objetivo do governo era povoar as “áreas desabitadas”, o Serviço do Povoamento do Solo fundou a colônia oficial de Santana em julho de 1911 (AZEMBSKI, 1966).

Após chegarem à Ilha das Flores, os imigrantes continuavam a viagem num outro navio até o porto de Paranaguá, de onde eram transportados de trem para Curitiba. O destino próximo era Ponta Grossa. Lá os colonos descansavam antes de viajar até Mallet, onde carregavam as suas bagagens em carroças. O trajeto seguinte da viagem era feito em carroças até a vila de Cruz Machado. Estabeleceram-se nessa colônia 861 famílias polonesas, incluindo 5.500 pessoas (AZEMBSKI, 1966).

A história de Santana, em particular, está ligada com os efeitos deletérios de uma epidemia de tifo. Por isso, muitas das histórias contadas pelos residentes a respeito do início da colonização dessa remota área estão relacionadas com essa epidemia e com as tragédias que ela acarretou. Nessa área o governo concedeu a cada família 25 hectares de terra e, devido ao seu isolamento nessa zona de mata no interior do Paraná, as pessoas se sentiam estreitamente ligadas com a terra, da mesma forma que umas com as outras, tendo criado um profundo senso de comunidade, com um forte componente de cultura polonesa.

As práticas culturais, os processos de produção e as decisões dos imi-

Artigos

grantes camponeses, desde a sua vinda a Curitiba em 1871 até o presente, constituem o tema do presente estudo. Os processos econômicos em que os camponeses poloneses e as pessoas polonesas que vivem em Curitiba estão envolvidos serão discutidos no contexto da produção e da troca, bem como da forma como esses camponeses não se articularam com o sistema social mais amplo, do qual os imigrantes de Curitiba se tornaram uma parte significativa. O estudo analisa diferenças culturais entre os imigrantes poloneses que vivem nos dois lugares, através de uma lente histórica e de condições econômicas que por sua vez afetaram as suas condições e o seu estilo de vida.

Esses camponeses do interior não somente estão mais estreitamente conectados com as suas raízes polonesas e a cultura polonesa devido à sua localização geográfica isolada, mas o presente estudo pretende também mostrar como a agricultura de subsistência e o seu correspondente estilo de vida conduz a práticas culturais mais profundas do que o estilo de vida e as atividades econômicas dos imigrantes de Curitiba. Devido à assimilação em todos os níveis (econômico, cultural e prático), as pessoas de Curitiba se sentem menos ligadas aos seus ancestrais e às práticas polonesas, o que por sua vez afeta a sua identidade étnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEMBSKI, Mirosław. *Inny swiat*. Warszawa, 1966.

AZEVEDO, Thales de. *Italian Colonization in Southern Brazil*. The George Washington University Institute for Ethnographic Research, 1960.

BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. *Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico*. In: *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*, Ed. Neide Patarra. São Paulo: FNUAP/NESUR/NEPO, 1996.

BELL, Stephen. *Campanha gaúcha: a Brazilian Ranching System, 1850-1920*. Stanford, California: Stanford University Press, 1998.

BLAKEMORE, Harold. *Latin America. Essays in Continuity and Change*. British Broadcasting Corporation, 1974.

CURTIN, Philip. *The Rise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History*.

Artigos

London: Cambridge University Press, 1998.

DEAN, Warren. *Latifundia and Land Policy in Nineteenth-Century Brazil*. *Hispanic American Historical Review*, vol. 51, n. 4, p. 606-625, 1971.

DE BONI, Luís Alberto. *La Merica: Escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Porto Alegre – Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1977.

DECOL, René D. *Uma história oculta: A imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil*, 2004.

DEMBICZ, Andrzej; SMOLANA, Krzysztof. *La presencia polaca en América Latina. Varsovia: Centro de Estudios Latino-Americanos*, Universidad de Varsovia, 1993.

FURTADO, Celso. *The Economic Development of Brazil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

JANVRY, Alain de; SADOULET, Elisabeth. *Rural Poverty in Latin America Determinants and Exist Paths*. Pergamon: *Food Policy* 25, p. 389-409, 2000.

MINES, Richard; JANVRY, Alain de. *Migration to the United States and Mexican Rural Development: a Case Study*. *American Journal of Agricultural Economics*, Aug., 64(3), p. 444-454, 1982.

PRADO, Caio. *The Colonial Background of Modern Brazil*. University of California Press, 1969.

SOARES, Carlos Alberto Cardoso. *Adaptation, Commercial Change and Choice in a Polish-Brazilian "colônia"*. Ph.D. Dissertation. Los Angeles: University of California, 1988.

SOWELL, Thomas. *Migrations and Cultures: a World View*. Basic Books, 1996.

TOPALOV, Christain. *Se loger em liberté*. Paris: Éditions Sociales, 1978.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. Curitiba, 1972.

_____. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

WAIBEL, Leo. *European Colonization in Southern Brazil*. *Geographical Review* 40(4), p. 529-547, 1950.

WILLEMS, Emílio. *Protestantism as a Factor of Culture Change in Brazil*. *Economic Development and Cultural Change* 3(4), p. 321-333, 1955.

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyższy tekst jest kontynuacją artykułu Anny Dvorak, jaki publikowaliśmy w poprzednim numerze naszego czasopisma. Autorka ukazuje nam w tym artykule dzieje osadnictwa w Brazylii, jak też politykę rolną i kolonizacyjną tego kraju. Omówienie tej rzeczywistości staje się wprowadzeniem do ukazania osadnictwa polskiego na południu Brazylii. Osadnictwo polskie w tym regionie kraju stawało się atrakcyjne i dawało impuls dla kolejnych grup Polaków wybierających emigrację za ocean, aby tam szukać lepszych warunków życia. W kolejnej części tekstu autorka omawia osadnictwo nasze w Paranie i jego rzeczywistość. Czytelnik ma możliwość zapoznania się ze wzorem i polityką osadniczą, jakie były praktykowane w Brazylii. W końcowej części swojego tekstu autorka zajmuje się konkretną społecznością polonijną osiadłą w Santanie usytuowanej w regionie Cruz Machado, na południu Parany.

O BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. CZERNIEWICZ, EMINENTE PIONEIRO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL

*Mariano KAWKA**

No fim do século XVIII, no reinado do rei João Sobieski, a Polônia ocupava na Europa a posição de um país forte, cujo território se estendia desde o mar Báltico até o mar Negro, com uma área de 730 mil quilômetros quadrados, portanto mais que o dobro do seu território atual de 313 mil quilômetros quadrados. Sobreveio então um período difícil e trágico, marcado pelas chamadas “partilhas” do país entre as três potências vizinhas (Áustria, Prússia e Rússia). Essas partilhas, que se realizaram em três etapas – 1772, 1793 e 1795 – praticamente eliminaram a Polônia do mapa da Europa como um país soberano e independente, situação que perdurou por 123 anos, até a recuperação da independência após o término da I Guerra Mundial, em 1918.

Desde o início dessa nova e difícil fase na história do país, os poloneses não desistiram de lutar pela sua independência. São memoráveis, sobretudo, os levantes contra a Rússia, em 1830 (Levante de Novembro) e em 1863 (Levante de Janeiro). Após esses movimentos de resistência, intensificaram-se represálias sanguinolentas, durante as quais milhares de poloneses foram fuzilados ou exilados na Sibéria. Apesar da episódica existência de formas limitadas de autonomia (Ducado de Varsóvia, Reino do Congresso, República de Cracóvia e Galícia autônoma desde 1867), durante todo esse tempo a Polônia foi tratada como um país conquistado, não se poupando nenhum esforço para a russificação e a germanização das suas populações.

Um dos efeitos dessa situação, das lutas pela independência e das repressões daí decorrentes foi o deslocamento de uma parcela significativa da população polonesa para fora da sua terra de origem, para países da Eu-

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

Artigos

ropa ocidental, para os Estados Unidos e para os novos países que no século XIX haviam conquistado a sua autonomia política na América Latina. Com efeito, enquanto a Polônia trilhava um caminho de desestabilização política e perda de autonomia, na América do Sul iam surgindo novos países independentes (por exemplo, o Chile em 1810, a Argentina em 1816, o Brasil em 1822, o Peru em 1824 e o Uruguai em 1828), que atraíam muitos europeus, inclusive poloneses.

Precursos da imigração polonesa no Brasil

Antes que a imigração maciça dos poloneses ao Brasil se iniciasse a partir de 1869, muitos cidadãos da Polônia para cá vieram por iniciativa individual, ou até na onda da imigração alemã a partir de 1824. Com efeito, pesquisas realizadas pelo pe. João Pitoñ no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, revelam – no período 1822-1880 – a presença de várias dezenas de imigrantes com sobrenomes poloneses (PITONÍ, 1973, p. 89), os quais, entretanto, devido à situação política em que naquela época a Polônia se encontrava, nem sempre eram registrados como poloneses. Ao contrário da imigração grupal posterior, que englobou quase que exclusivamente camponeses, entre esses pioneiros poloneses no Brasil encontramos pessoas das mais variadas profissões, como marinheiros, militares, negociantes, geólogos, naturalistas, médicos... Encontra-se nessa relação também o nome de Pedro Napoleão Luís Czerniewicz, que desembarcou no Brasil em 1839.

A presença e a obra de um ilustre médico polonês no Brasil

O Dr. Czerniewicz nasceu no dia 11 de setembro de 1812 em Łuków, na província de Podlasie, o que significa que se comemora no presente ano o bicentenário do seu nascimento. Na Universidade de Varsóvia ele iniciou os seus estudos de medicina, que foram interrompidos pela eclosão do Levante de 1831. Czerniewicz participou desse levante, tendo atingido o posto de subtenente num batalhão de sapadores. Com o objetivo de evitar a perseguição das autoridades russas, emigrou para a França e inicialmente

Artigos

fixou residência em Avignon. Concluiu os estudos de medicina em Montpellier e a seguir trabalhou como cirurgião em Nimes. Em 1835 recebeu uma medalha do governo francês pela sua contribuição no combate à cólera. Em 1837 obteve o doutorado em medicina com a dissertação *Des tumeurs du scrotum*, após o que exerceu a prática da medicina em Nimes e Genolhac, sendo ao mesmo tempo membro da Sociedade Democrática Polonesa.

Viajou ao Brasil em 1839 e estabeleceu-se no Rio de Janeiro, adotando o sobrenome Chernowicz, que era mais fácil de pronunciar para os brasileiros. O seu sobrenome também aparece no Brasil grafado como Chernoviz ou Czernowitz. Aos seus amigos na Polônia ele se queixava que as despesas nos primeiros meses da estada no Rio de Janeiro eram desproporcionais aos seus baixos rendimentos. Entretanto isso não o desanimou, pois ele tinha a convicção de que essas dificuldades seriam passageiras. Foi o que de fato aconteceu, porque, depois de dominar a língua portuguesa e após dois anos de residência no Brasil, submeteu-se a um exame de revalidação com a apresentação da tese *O azoto argêntico no tratamento das vias urinárias*. Esse trabalho serviu para quebrar certa frieza brasileira diante do médico estrangeiro, o que posteriormente lhe abriu o caminho à Academia Brasileira de Ciências.

No Brasil, o médico polonês se convenceu das péssimas condições sanitárias da sociedade, provocadas principalmente pela falta de higiene. Para solucionar isso, o Dr. Czerniewicz escreveu um livro de divulgação da ciência médica, o qual lhe trouxe o sucesso profissional e até a fama entre os médicos e farmacêuticos locais. Essa obra tinha o longo título de *Formulário e guia médico, contendo a descrição dos medicamentos, as doses, as doenças em que elas são empregadas, um compêndio alfabético das águas minerais, uma seleção das melhores fórmulas, um memorial terapêutico, remodelado em harmonia com as modernas ideias e progressos mais recentes da Medicina, etc.* (Rio de Janeiro, 1841). Visto que no Brasil não havia então escolas de medicina e os médicos eram poucos, porque nem todos tinham condições de estudar no distante Portugal, o livro de Czerniewicz provocou uma boa impressão. Quando o autor ofereceu um exemplar dessa obra ao imperador D. Pedro II, este ficou muito satisfeito e, em reconhecimento pelos méritos do médico polonês, outorgou-lhe a alta condecoração de “Cavaleiro de Cristo”. A popularidade dessa obra

Artigos

é testemunhada pelo fato de que, desde a sua primeira publicação, em 1841, até 1927 surgiram dezenove edições! A 1ª edição, de 1841, tinha 1 volume e menos de 1.000 páginas; a 19ª edição (1927) tinha 2 volumes e mais de 4.000 páginas. Em razão do desenvolvimento da medicina, com a qual o autor se mantinha em permanente contato, ele continuamente aperfeiçoava e completava a sua obra. Diversas edições desse trabalho foram publicadas em Paris.

Além da obra acima mencionada, o Dr. Czerniewicz publicou um outro trabalho, não menos importante, intitulado *Dicionário da medicina popular e das ciências acessórias para uso das famílias* (Rio de Janeiro, 1841), que teve seis edições brasileiras. A 1ª edição tinha 2 volumes (o vol. I com 471 p. e o vol. II com 488 p.); a 6ª edição (1890) tinha 2 volumes, somando mais de 2.500 páginas. Em razão do seu valor científico, essa obra foi traduzida para a língua espanhola e publicada em diversos países da América Latina, tendo gozado de especial sucesso no México e na Colômbia, embora certamente também tenha sido utilizada em outros países.

Como se pode perceber, ambos os trabalhos desse médico polonês emigrado tiveram uma significativa influência no desenvolvimento da medicina brasileira e latino-americana, tendo servido também para a popularização da ciência médica entre a população latino-americana do século XIX. Nessa área ele cumpriu o papel de um divulgador científico em nível pan-americano, o que, considerando a falta de comunicação entre os países do Novo Mundo daquela época, constitui um fenômeno de significado excepcional.

A volta à Europa

Após quinze anos de permanência no Brasil, em 1854 o Dr. Czerniewicz voltou à França. Entretanto a sua atividade científica não foi esquecida, visto que em 1874 o imperador Dom Pedro II outorgou-lhe a comenda “Cruzeiro da Rosa”, que lhe foi entregue pelo embaixador do Brasil na França.

Os livros do médico polonês, publicados em língua portuguesa, tiveram uma avaliação positiva também na Europa, o que é testemunhado por um longo comentário publicado no *VI Rocznik Wydziału Nauk Medycznych Uni-*

Artigos

wersytetu Jagiellońskiego (VI Anuário do Departamento de Ciências Médicas da Universidade Jagiellônica), em 1843. Desse comentário, de autoria do Prof. J. Mayer, ficamos sabendo que as obras do Dr. Czerniewicz despertaram um especial interesse na literatura médica alemã. Também fala dessas obras o Dr. Ludwik Gaşiorowski, em seu *Zarys historyczny nauk medycznych w Polsce* (Esboço histórico das ciências médicas na Polônia), vol. III, Poznań, 1854.

Acrescente-se ainda que o Dr. Czerniewicz possuía amplos interesses humanístico-pedagógicos, o que testemunha o seu livro *História natural para meninos e meninas* (Paris, 1860), que tinha por objetivo a educação dos jovens latino-americanos.

Durante a sua residência no Brasil, o Dr. Czerniewicz não interrompeu os seus contatos com a Polônia, visto que mantinha correspondência com o país natal. Essa correspondência foi publicada com o título *Listy z Brazylji i Rio de Janeiro* (Cartas do Brasil e do Rio de Janeiro), na *Biblioteka Warszawska* (Biblioteca de Varsóvia), vol. III, 1842, p. 438-449.

Os méritos do Dr. Czerniewicz foram lembrados no XVIII Congresso Internacional de Medicina, que se realizou em Varsóvia em 1962, pelo professor brasileiro Dr. Carlos da Silva Araújo, membro da Academia Brasileira de Medicina no Rio de Janeiro.

O Dr. Czerniewicz casou-se com Julie Bernard, uma brasileira de origem francesa, e teve seis filhos. Esse ilustre pioneiro da imigração polonesa no Brasil faleceu na França em 1882.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALCZEWSKI, Zdzislaw; WACHOWICZ, Ruy C. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 2000.

PITOŃ, Jan. U źródła emigracji polskiej w Brazylji. In *Kalendarz Ludu 1973*. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1973, p. 89-101.

URBAŃSKI, Edmund Stefan (org.). *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XIX i XX wieku*, vol. I. Stevens Point, WI: Artex Publishing, Inc., 1991.

RESUMO – STRESZCZENIE

W XIX wieku, w wyniku rozbiorów Polski, znaczna ilość Polaków, często ludzi wykształconych, szukała schronienia w różnych krajach Europy i Ameryki Północnej, a także w nowo powstałych krajach Ameryki Łacińskiej, do których należała Brazylia. Między nimi znajdujemy nazwisko dra Piotra Napoleona Ludwika Czerniewicza (1812-1882), którego Powstanie Listopadowe wypędziło najpierw do Francji – gdzie ukończył studia medyczne – a następnie do Brazylii. W tym kraju dr Czerniewicz przebywał przez 15 lat (1839-1854). Osiągnął tam znaczne sukcesy w swoim zawodzie lekarskim i napisał po portugalsku kilka ważnych prac w formie podręczników i książek propagujących znajomości medyczne. Za swoje osiągnięcia został kilkakrotnie odznaczony przez ówczesny rząd brazylijski. Powrócił do Europy w 1854 r. i zmarł w Paryżu w 1882 r.

O LEGADO DOS POLONESES NA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA

*Nazareno Dalsasso ANGULSKI**

O movimento da colonização da região Sul do Estado de Santa Catarina, sob a orientação do Governo Imperial, pode ser creditado ao Presidente da então Província, Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay. Segundo Mattos (1917), em sua visita em setembro de 1876 ao Vale do Tubarão, Taunay ficou admirado pela fertilidade e beleza da região e, como consequência, sugeriu a formação de colônias naquele Vale e no de Araranguá.

Pode-se dizer que o empenho do ilustre estadista foi determinante para que o Ministro da Agricultura enviasse uma comissão chefiada pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, visando proceder os primeiros e necessários estudos ainda em dezembro de 1876, fato que resultou na escolha das “[...] terras do ribeirão Armazém, nas divisas das sesmarias dos herdeiros de João Pacheco dos Reis.” (Mattos, *op. cit.*, p. 180).

Os primeiros estudos permitiram que o núcleo de Azambuja fosse fundado a 28 de abril de 1877, no Vale do Rio Pedras Grandes, afluente do Rio Tubarão, entretanto, ainda segundo Mattos (*op. cit.*), no dia 16 de abril, 291 imigrantes, a grande maioria de origem italiana, foram conduzidos à sede do núcleo colonial que estava em formação. Há que se registrar, que o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira exerceu o cargo de Diretor da colônia Azambuja até 13 de julho de 1881, quando foi substituído pelo engenheiro João Thomaz Nogueira.

Importa destacar que por conveniência das várias comissões que se organizaram no Vale do Tubarão o território da ex-colônia, Azambuja foi dividido em quatro núcleos coloniais a saber: Presidente Rocha (Treze de Maio), Urussanga, Azambuja e Accioly de Vasconcellos, sendo que este último núcleo compreendia inicialmente as seções coloniais de Criciúma e Cocal.

*Pesquisador da temática polonesa em Santa Catarina.

Artigos

O núcleo de Urussanga foi constituído no dia 26 de maio de 1878 e os primeiros colonos, todos de origem italiana, foram assentados em seus lotes no dia 12 de junho de 1878, enquanto que o Núcleo de Criciúma, Cocal e Presidente Rocha (Treze de Maio) foram constituídos nos anos de 1880, 1885 e 1887 respectivamente. No entanto, observa Dall’Alba (1971, p. 10),

[...] bem poucas terras do Vale do Tubarão haviam sido ocupadas até o terceiro quartel do século passado. Acima do Tubarão só havia umas fazendas em Pedras Grandes e Gravatal. Uns poucos moradores, fugidos de Florianópolis, haviam-se embrenhado até Braço do Norte. No atual município de Orleans havia a Sesmaria dos Pacheco.

Ainda sob a ótica de Dall’Alba (1983, p. 24),

Há porém, muito espaço para colocar colonos. Também não faltam as facilidades que o Governo e as companhias oferecem aos imigrantes, para que se colonizem estes terrenos, aptos, por suas condições, a assegurar ao imigrante e sua família uma pequena prosperidade e um modesto bem-estar.

O movimento de colonização do Vale do Tubarão foi intensificado também quando, segundo Piazza (1983 p. 389), “[...] os Condes d’Eu decidiram dar início à venda a colonização do seu patrimônio [...] e, para tanto, encarregaram o engenheiro Charles S. Leslie de fazer um relatório sobre a situação das terras e as suas potencialidades.” Assim nasceu um plano de colonização denominado Colônia Grão Pará, a partir da organização de uma empresa de terras e colonização juridicamente constituída no dia 08 de julho de 1882 e cuja Sede Central da Colônia Imperial foi solenemente inaugurada aos dois de dezembro de 1882 no atual município de Grão Pará.

Para a concretização deste plano de colonização das terras recebidas como dote matrimonial, os príncipes firmaram contrato com o comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior, que, instalado em Paris, organizou uma rede que recrutava imigrantes em toda a Europa, para a ocupação da novel colônia.

[...] os primeiros imigrantes partiram de Gênova, a 22 de novem-

bro de 1883, formando um grupo de 22 famílias, num total de 132 pessoas, embarcadas no vapor "Scrivia" e chegaram à Sede da Colônia, a 25 de Dezembro. E, assim, sucessivamente, vão en-grossando os números de habitantes da Colônia" (Piazza, 1983, p. 390).

O movimento de colonização observado no Sul Catarinense, entretanto, está diretamente relacionado, segundo Dall'Alba (1971, p. 16), com a LeiGlicério de 28 de junho de 1890, "[...] concedeu enormes facilitações à imigração. Tanto que publicada na Europa, suscitou grande entusiasmo. Muitos poloneses, alemães, tirolese e russos encaminharam-se para o Brasil atraídos pelo que nela se prometia."

Importa esclarecer que Decreto de 28 de junho de 1890, chamado comumente de Lei Glicério, nome do Ministro que sugeriu sua elaboração, na realidade tem dois aspectos relevantes: o primeiro trata do transporte e introdução do imigrante no território da então República e o outro regula a colonização das propriedades agrícolas privadas.

É visível que o deslocamento imigratório planejado e organizado a partir do Vale do Tubarão, foi determinante para o estabelecimento dos "nacionais", bem como dos italianos, alemães, poloneses, austríacos, letos, russos e está diretamente relacionado com a criação e consolidação de vários municípios e às transformações na estrutura do desenvolvimento regional.

Os poloneses vêm chegando

Nesse contexto verifica-se a presença da corrente imigratória polonesa que seguiu, em muitos casos, os roteiros das colonizações italianas e alemãs. Dentro dessas levas de imigrantes poloneses, é possível constatar camponeses, artesãos, carpinteiros, ferreiros e religiosos, que com seus conhecimentos e habilidades contribuíram para o progresso econômico e social da região Sul do Estado de Santa Catarina.

[...] a partir de 1882, em função do Contrato "Caetano Pinto", já se tem o ingresso de poloneses em várias áreas da então Província de Santa Catarina, atingindo, naquele ano, um grupo polonês a

localidade de Pinheirinho, na área do atual município de Jacinto Machado no sul catarinense. (Piazza, 1983, p.386).

Marques (1978, p. 111), por sua vez, destaca que “nos livros de registro da Paróquia de Urussanga é possível identificar a presença dos poloneses pelos anos de 1885 na hoje Paróquia de Cocal do Sul”.

É importante destacar que, segundo Mattos (1917, p. 191), “De outubro de 1890 a Abril de 1891, entraram para os cinco núcleos, que constituíam a ex-colônia Azambuja 312 famílias russas, 1 família alemã e 7 italianas, em total de 1.600 indivíduos.”

Prosseguindo, Mattos (op. cit., p. 191) afirma que “foi a primeira entrada de elementos russos, sendo os mesmos localizados nos núcleos de Crescuma e Accioly de Vasconcellos. Na maioria, esses colonos eram tecelões, cervejeiros, ferreiros, sapateiros, sendo apenas cerca de 25 % agricultores”.

Tudo leva a crer que os “elementos russos” eram em grande parte poloneses, pois a Polônia naquele contexto da história estava dividida e foi forçada a viver sob a tutela de três invasores: a Prússia, a Rússia e a Áustria, portanto não existia o Estado polonês, somente a nação polonesa.

Por sua vez, Wachowicz (1981) constata que o desejo de ser tornar um respeitável proprietário de terras, mesmo que fosse em paragens estranhas, num país desconhecido e a gratuidade da passagem transoceânica ofertada pelo governo brasileiro, funcionava como um magnetismo impulsionador da emigração, absorvendo a maioria dos emigrantes do Reino da Polônia.

[...] no segundo semestre de 1889, verdadeiro delírio coletivo apoderou-se de centenas de aldeias na parte russa da Polônia. Os mais desencontrados boatos referentes ao Brasil propagaram-se com se fosse uma epidemia. Era o início do que logo foi denominado de febre brasileira. Trabalhadores rurais, pequenos e médios proprietários, trabalhadores urbanos, todos divisaram uma rara oportunidade para emigrar (Piazza, 1983, p. 389).

Assim, entre 1890 e 1900, a *gorączka brazylijska*, nacionalmente conhecida como “febre brasileira”, atraiu milhares de polonesas às terras do Brasil Meridional, notadamente ao Estado do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Artigos

Considerando apontamentos de Tibincoski (1997), constata-se que em 1890, quando a cidade de Criciúma completava 10 anos de sua fundação, chegaram os primeiros imigrantes poloneses em número de quinze famílias. O grupo chegou no dia 31 de outubro de 1890 e instalou-se nas localidades de Linhas Três Ribeirões, Linha Anta e Linha Batista e estava assim constituído: Pedro Bykoski, Jacob Sklarski, Stefano Ptasinski, Francisco Kurosewski, Paulo Strazaukoski, Francisco Bialecki, Stanislaw Kostrzeski, João Zenler, João Kuboski, Leon Piechatoski, Stanislaw Kuroski, Edmundo Langer, Stefano Macieski, Felix Opocsjnski e Jejorski, os últimos dois solteiros, os quais mais tarde migraram para o Rio Grande do Sul.

Em janeiro de 1891, chegou a segunda leva de imigrantes, que foram assentados na Colônia Accyoli de Vasconcelos, atual município Cocal do Sul, instalando-se nas localidades de Linha Cabral, Linha Espanhola, Linha Torres e Linha Ferreira Pontes. Entre eles as famílias: Puziski, Prais, Lubawy, Formanski, Wasieski, Wistowaty, Bartosiak, Pelusek, Boacianoski, Wronski, Koslark, Nowak, Rutkowski, Kupinski, Ranieszowski, Mrocoskoski, Raieczyk, Radvanski, Ruzanski, Suchenski, Sulceski, Golombyeski, Szczesnj, Smieleski, Zadroski, Kuniarski, Rycrkok, Krystkieviecz, Szlachta, Cizeski, Angulski e Kanarek.

Ainda segundo Tibinkoski (1997), em maio de 1891, chegou o último grupo de imigrantes, os quais se instalaram na Linha Batista, local em que são registrados os nomes de: João Klima, Roque Machinski, Eduardo Stachoski, João Mieziwski, José Choinaski, Gabriel Bartochak, Francisco Trzosek, Miguel Budny, Stanislaw Machiski, Antônio Demboski, Wosniewski, João Rzatki, Miguel Pietrzak, Kazmiecraak, André Studzinski, Wadislau Ranachoski, Mateus Budny, Simão Tibinkoski, Pedro Krawcsyk, Szouvincski, José Bartochak, Tomas Stachoski, Jacó Selinger, Vicente Gaidzinski, Mateus Galant, Wadislau Demboski, Ignácio Rzatki, João Milack, José Selinger e Martin Woicichoski.

Devemos lembrar, contudo, que, segundo Tibinkoski (1997), deste último grupo de imigrantes nem todos ficaram na Linha Batista. Um número significativo se instalou na Linha Três Ribeirões, mais precisamente onde hoje se encontra a Capela do Morro do Caravágio. Entre o grupo são regis-

Artigos

trados os nomes de Adão Wisowaty, André Bieliski, André Guzliniski, Augusto Wrubleski, Boleslau Getner, Carlos Zincoiski, João Levandoski, Lourenço Siminski, José Getner, Miguel Lucinski, Vicente Guzliniski, Wadislau Folc, Waldemiro Barabas, Leonardo Stracowski.

Werpachowski (1964) assinala que a maioria desses imigrantes procedia das regiões de KUJAWY, MAZOWSZE, LÓDZ, KALISZ, POZNAN. Valorizavam, sobretudo, três coisas: a religião, a pátria e a cultura, e se preocupavam muito em alfabetizar seus filhos.

Importa destacar, segundo Dall'Alba (1971), que poucos poloneses vieram diretamente da Polônia para Orleans e conseqüentemente para o município de Grão Pará. A grande maioria veio do núcleo Accyoli de Vasconcellos, atual município de Cocal do Sul, pois era nesse espaço geográfico que os imigrantes poloneses foram inicialmente assentados no sul do nosso estado.

Piazza (1983) constatou que a partir de 1887 foi se acentuando a fixação de poloneses no município de Orleans, nas localidades de Rio Minador e Chapadão, como também o ingresso ainda em 1900 de um número maior de famílias, nas localidades de Linha Antunes Braga, São Camilo e Braço Esquerdo, nas terras da antiga Colônia "Grão Pará".

Nesse contexto, conforme constata Pítton (1969, p. 132), fixaram-se na Linha Antunes Braga, Braço Esquerdo, São Camilo, Morro da Palha e Chapadão "além do Sr. Estevão Matusiak, [...] os veteranos Félix Kawka, os Maciejwski, Pachock, Danilewski, Gaidzinski, Badziaki, Spancerski, Spierski, Liszewski, Matuszewski, Herki, Fabisiaki, Krajewski, Radwanski, Selinger.", sendo que podemos complementar com as famílias Szczepaniak, Demay, Kowalski, Macieski, Danielski, Zawaski.

Conforme Nikodem (1964), a passagem de uma "Expedição Polono-Brasileira à Pé", pelas colônias polonesas do sul do estado no longínquo ano de 1914 permitiu a identificação das famílias Staszak e Skierniewski, estabelecidas com comércio na cidade de Laguna, e dos Angulski, Trojanowski e Wojtucki em Tubarão, que atuavam profissionalmente junto à Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina.

Destacamos, também, entre as personalidades que contribuíram para o desbravamento, colonização e progresso de Grão Pará e Orleans, o ilustre

Artigos

polonês Etienne Gaudenty Stawiarski, diretor da Empresa de Terras e Colonização, cuja direção assumiu em 1895, mantendo-se no cargo por mais de 45 anos. Segundo Dall’Alba (1986, p. 21), “Depois dos fundadores é certamente a figura que mais se destaca no período de formação de Orleans.”, tendo chegado no ano de 1885 e colaborado como agrimensor no traçado do perímetro urbano do novel povoado que surgia nas encostas da Serra Geral.

A paróquia e a fé polonesa

Conforme já destacado, o clero polonês desempenhou um importante papel na sustentabilidade da cultura polonesa entre os imigrantes e colaborou decisivamente em todos os aspectos, não se limitando aos fins pastorais. Essa visão dominante na literatura especializada é reforçada por Besen (2009, p. 12) quando afirma que “Graças ao trabalho da Igreja católica (ser polonês era ser católico), esses pobres imigrantes puderam manter seus valores familiares e culturais. Os Padres da Missão (Vicentinos), Salesianos e Diocesanos, todos vindos da Polônia, deram-lhes atendimento espiritual”.

Conforme Tibincoski (1997, p. 10)

[...] em 1898 chegou em Araranguá um padre polonês, o qual chamava-se Padre Francisco Chylinski, que passou a atender os imigrantes poloneses de Cocal e Linha Batista; posteriormente, foi transferido para Tubarão e Braço do Norte, onde continuava a dar assistência aos poloneses.

Assim, o padre Francisco Chylinski foi o primeiro e grande missionário dos poloneses do sul catarinense, notadamente de Cocal. A fluência nas línguas alemã, polonesa e italiana favoreceu o seu apostolado no mosaico das colônias ali existentes.

O padre Francisco Chylinski foi o pai e o líder espiritual da etnia polonesa na região Sul do Estado, principalmente no município de Cocal do Sul e arredores. Segundo Besen (2009), os poloneses necessitavam de um padre, e assim, no dia 1º de junho de 1910, Chylinskié nomeado pároco de Araranguá e primeiro cura do Curato de Nossa Senhora da Natividade em Cocal do Sul, granjeando a confiança dos padres alemães e italianos, pois o eixo da

Artigos

unidade era a fé e não a nacionalidade. Falava perfeitamente o português, polonês, alemão e italiano, conseguindo assim, com relativa facilidade, harmonizar poloneses e italianos na prática de sua fé em consonância com suas tradições religiosas.

Importa destacar, conforme Besen (2009), que o padre Francisco Chylinski nasceu na Polônia em 14 de setembro de 1864 e foi ordenado presbítero em Cracóvia em 01 de julho de 1888, recebendo o nome de frei Boleslau, tendo chegado ao Brasil em 1895. Dessa forma, Cocal do Sul tornou-se com o padre Chylinski o centro de convergência dos imigrantes poloneses. As festas e a liturgia eram celebradas como na Polônia, com as belas melodias e com hinos cantados em sua língua-pátria. São Casemiro, Santa Edwiges e Nossa Senhora de Czestochowa foram venerados e festejados com grande afluência de público até a morte do padre Francisco, ocorrida a 14 de março de 1931.

É importante lembrar, contudo, que segundo Marques (1978) a divergência de língua e costumes provocou também a divergência de mentalidade entre italianos e poloneses, que deste modo construíram duas igrejas na mesma localidade de Cocal do Sul, uma em honra a Santa Edwiges, a dos poloneses, e outra em honra a Nossa Senhora da Natividade, a dos italianos.

Em um contexto que se busca um eixo de unidade, em que a fé é primordial e não a nacionalidade, portanto atendendo a todos com o mesmo afeto pastoral, destacam-se Dom Anselmo Pietrulla, natural de Knurów, próximo de Katowice, que foi nomeado bispo da Diocese de Tubarão no ano de 1955 e os padres: Stanislau Cyzewski, que desde 1954 atuou no município de Criciúma; Boleslau Smielewski, nascido em 1920 em Içara e que atuou em Tubarão, Laguna e Joinville; Hilário Rózycki, ordenado padre em 1967 após estudar em Roma, que trabalhou no atual município de Capivari de Baixo; Wadislau Milak, que atualmente se encontra na Polônia, prestando serviços religiosos na cidade de Cracóvia.

E foi também com esta vocação missionária, segundo Tibincoski (1997, p. 31), “que dois jovens da família Macieski, sentindo o chamado de Deus, ingressaram no seminário”. Estamos nos referindo aos irmãos gêmeos Ivam e Ivanor Macieski, que nasceram aos 12 de abril 1969 em São Lourenço do

Artigos

Oeste (SC) e ingressaram no seminário menor dos padres capuchinhos em Capinzal (SC) em 1982. Atendendo ao convite dos padres da Congregação Sociedade de Cristo, em 1987 os dois jovens deixaram o Brasil para completarem seus estudos teológicos na Polônia, terra de seus antepassados. A ordenação dos novos sacerdotes se deu no dia 09 de abril de 1994 na Paróquia de Nossa Senhora da Natividade em Cocal do Sul, onde, segundo Tibincoski (1997, p. 31), na cerimônia

[...] grande multidão também se fez presente, bem como bispos e uma comitiva de padres vindos da Polônia e mais uma vez a comunidade polonesa da Linha Batista se fez presente na liturgia, com o coral e o grupo de danças que, após a cerimônia de ordenação, fez apresentação de danças folclóricas no salão de festas para todos os presentes.

Assim, no dia seguinte, conforme afirma Tibincoski (1997, p. 32), “os novos padres Ivam e Ivanor celebraram sua primeira missa na Capela de São Casemiro na comunidade polonesa de Linha Batista”, missa que foi celebrada no idioma polonês com a participação do coral local, revivendo o legado deixado pelo padre Francisco Chylinski.

Merecem destaque a Capela de Santo Estanislau na comunidade de Linha Antunes Braga no município de Grão Pará, a Capela de São Adalberto na comunidade de Chapadão, município de Orleans, onde a celebração das missas e as festas de seus padroeiros permitem que conservem a herança conquistada pelos antepassados e a fé que trouxeram no coração para fazer desse país sua nova pátria.

A contribuição social, cultural e econômica para o desenvolvimento regional

A educação não foi esquecida pelos imigrantes poloneses que colonizaram o Sul catarinense. Tibincoski (1997, p. 11) assinala que “vencidas as primeiras dificuldades com a moradia, os imigrantes poloneses começaram a se preocupar com a educação dos filhos”. Os educadores eram escolhidos entre os que, segundo os pensamentos da época, sabiam mais. Assim, nos

Artigos

principais núcleos assumiram a educação os seguintes professores: Linha Batista - João Machinski e Gabriel Bartosiak, Linha Anta - Jacob Sklarski, Cocal do Sul - João Wronski e Casemiro Kubascki e Braço Esquerdo - Józef Drill. Com a chegada do padre Francisco Chylinski a educação teve significativos avanços, pois estimulou a formação de uma biblioteca e, com seu apoio, assinaturas do Jornal *Lud*, editado em Curitiba, chegaram às mãos dos agricultores, além de sua dedicação ministrando aulas para os filhos dos imigrantes.

A evolução maior na colônia, contudo, se deu com vinda de um casal de intelectuais no ano de 1915. Trata-se da atuação do Dr. Stanislaw Werpachowski, farmacêutico e prático, e de sua esposa Helena Grzywinski Werpachowski, professora e parteira, que graças a seu ativo e incansável trabalho humanitário salvaram muitas vidas e muitas crianças trouxeram para este mundo de Deus, deixando atrás de si lembranças inesquecíveis e memória eterna. O casal Werpachowski, em conjunto com o padre Chylinski, incentivou a cultura, a educação, a religião, a polonidade, enfim, eles fundavam sociedades, escolas e erguiam capelas, exercendo com maestria uma liderança exemplar e incontestável.

Tibincoski (1997, p. 12) distingue ainda que “a passagem do casal Werpachowski, valeu a pena, pois fundaram a Sociedade Tadeusz Kosciuszko, que posteriormente foi transformada em Sociedade Agrícola, com finalidade de dar assistência aos agricultores”. Nesse contexto, a família Bialecki, uma das mais respeitadas no município de Criciúma na figura de Leonardo Bialecki, líder da comunidade de Linha Batista, fundou com seus patrícios a Sociedade ROLNIK e a Cooperativa Agrícola Mista de Linha Batista. As famílias Demboski, Rzatki e Milak tiveram destacada atuação comunitária, contribuindo dignamente para o desenvolvimento do núcleo de Linha Batista.

Embora a maioria dos imigrantes poloneses que se radicaram nas paragens sulistas de nosso estado fossem camponeses, havia também artesãos, tais como: sapateiros, marceneiros, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, entre outros. Nesse contexto, Tibincoski (1997, p.18) afirma que “a profissão mais rendosa naquele tempo era a de ferreiro, pois não havia oficinas sofisticadas,

Artigos

tudo era resolvido na ferraria por encomenda”.

O Józef Angulski montou também a primeira oficina em Tubarão, pois Criciúma não comportava uma oficina naquele tempo. Seguindo na mesma direção, Miguel Novak instalou uma sapataria em Cocal, que mais tarde transferiu para a Linha Três Ribeirões. Ainda, segundo Tibincoski (1997), verifica-se que o Casimiro Wasnieski montou uma ferraria em Morro da Fumaça, bem como as habilidades de marceneiros Francisco Bialeski e André Studzinski e dos serviços de carpintaria executados pelo Wadislau Ranachowski, foram por demais utilizadas na região. Embora de forma esporádica, os conhecimentos de pedreiro foram exercidos pelos Simão Tibincoski e José Bartosiak.

No campo político, entre os homens ilustres que honram sua terra está Lecian Slovinski, nascido em Cocal do Sul, na localidade de Linha Torrens, hoje pertencente a Morro da Fumaça. Deputado Estadual pela região do Vale do Araranguá de 1951 a 1969, exerceu na Assembleia Legislativa as funções de vice-presidente e presidente de 1965 a 1968. Destaca-se também a atuação do Deputado Estadual Jarvis Gaidzinski, que em duas ocasiões, no período 1983/1986 e 1987/1990, esteve no legislativo catarinense e que, no período 1991/1994, representou a gente polonesa catarinense na Câmara Federal, além de ter exercido o mandato de Prefeito Municipal de Cocal do Sul, no período de 1997/2000. Mais recentemente registramos a eleição também do seu filho Jarvis Gaidzinski Filho para administrar o progressista município de Cocal do Sul, no período de 2005/2008, além do prefeito Aldair Kozuchovski, que administrou com uma visão social e participativa o município de Sombrio no período de 1993/1996.

Segundo Zumblick (1987), muitos outros poloneses no final do século passado e início deste contribuíram nas mais diversas áreas de atuação, como Józef Angulski, que do ano de 1902 a 1916 foi eficiente chefe das oficinas da Estrada de Ferro Teresa Cristina, em Tubarão. Ainda, conforme afirma Dall’Alba (1971), importa destacar que se deve ao competente técnico nascido na Polônia a transferência da sede das oficinas de Imbituba para Tubarão, ocorrida no ano de 1906, além de sua atuação na cidade de Lauro Muller junto ao empreendimento que o Henrique Lage havia instalado.

Artigos

O espírito empreendedor esteve presente também nos polônicos, como Edmundo Angulski, que, segundo Lottin (1998), atuou no comércio de Orleans por muito tempo, implantando a fábrica de Café Royal e uma feclaria em sociedade com a família Sandrini. Não podemos esquecer o arrojo e competência da família Zavaski, que fez surgir em 1973 no município de Braço do Norte uma empresa de torrefação e moagem de café e que posteriormente direcionou seus negócios para a produção de material de limpeza, higiene e conservação de reconhecida qualidade na região e no estado.

Já Tibincoski (1997) também destaca o José Wasnieski, que construiu uma fábrica de velas de cera na Linha Cabral, sendo que mais tarde a transferiu para a cidade de Criciúma, bem como a visão empreendedora do Vicente Gaidzinski, emigrante que se instalou na comunidade de Linha Batista em maio de 1891, atuando inicialmente na agricultura e posteriormente com sua destreza e habilidade montou uma pequena indústria de calçados.

Tibincoski (1997) salienta que os filhos mais velhos do Vicente Gaidzinski, José e Júlio, não só deram continuidade ao pequeno empreendimento inicial, como também ampliaram e diversificaram novos negócios na região, inclusive adquirindo e explorando minas de carvão com singular competência e maestria gerencial. Digna de referência foi a atuação do Julio Gaidzinski no comércio de automóveis, quando investiu na revenda e distribuição de veículos da marca Chevrolet, formando assim a JUGASA S/A, marca estrategicamente conhecida e referenciada.

No campo industrial e comercial, em janeiro de 1960, Maximiliano Gaidzinski, filho caçula do Vicente Gaidzinski, começou a história de uma grande empresa catarinense: a ELIANE. Produzindo revestimento cerâmico, pisos e azulejos, a indústria revolucionou a produção cerâmica no Brasil. A marca ELIANE é hoje conhecida internacionalmente. A história da ELIANE se confunde com a história de Cocal do Sul, Forquilha, Morro da Fumaça, Criciúma e de outras tantas localidades que de alguma maneira mantêm vínculo com o grupo. Nesse contexto, merece destaque a contribuição do Dr. Edson Gaidzinski, que, juntamente com membros da família, buscou, enquanto esteve à frente da empresa Eliane Revestimentos Cerâmicos, profissionalizar a gestão dos negócios, garantindo a sustentabilidade institucional,

Artigos

legado reconhecido pelos colaboradores, acionistas e a sociedade de uma maneira geral.

Verifica-se, portanto, que embora a maioria dos imigrantes poloneses tivessem uma origem camponesa, o espaço geográfico que lhes foi atribuído e o contexto regional permitiram o surgimento de inúmeros empreendimentos, inclusive de filhos, netos, enfim de novas gerações, como bem afirma Tibincoski (1997), que fez questão de não esquecer do João Bialecki, que se destacou também no comércio de automóveis, fundando no ano de 1967, a FORAUTO LTDA, consolidando suas estruturas empresariais nos municípios de Criciúma, Araranguá e Içara.

Da mesma forma constata-se nas paragens sulistas a presença e atuação da primeira médica mulher a exercer a função em Santa Catarina. Estamos nos referindo à Dra. Wladyslawa Wolowska Mussi, nascida em Curitiba no ano de 1909, onde se formou na faculdade de medicina no ano de 1933, conhecendo ali seu esposo Dr. Antônio Dib Mussi. Seus primeiros anos no exercício de sua profissão se deram na capital paranaense, posteriormente chegaram a Santa Catarina no ano de 1935, onde atuaram na cidade de Laguna durante três anos e na sequência mudaram-se para Orleans, permanecendo até os primórdios de 1946, quando se instalaram definitivamente em Florianópolis. Importa destacar, conforme Lottin (2000), que o Dr. Antônio Dib Mussi foi prefeito de Orleans no período de 01 de agosto de 1945 a 15 de novembro de 1945 e de 13 de fevereiro de 1946 até 24 de março de 1946. Nesse contexto é digno de registrar que a “*Doutora*”, carinhosamente assim chamada, quando de sua participação no 1º Simpósio Cultural Brasil-Polônia, realizado em abril de 1988 na cidade de Curitiba, afirmou “[...] a cultura polonesa, predominante na infância e juventude, influenciou toda a minha vida, quer nos ideais de liberdade e democracia, quer nos hábitos cotidianos, como a leitura de livros, orações, músicas ouvidas e os acalantos para os netos”.

A vertente artística e criativa é também motivo de orgulho dos poloneses na Região Sul do nosso Estado. Seguindo os rastros de Jan Matejko, famoso pintor polonês, há que se destacar José Paulo Angulski, artista plástico nascido em Lauro Muller, mas orleanense por adoção, autodidata que se es-

Artigos

merou por direcionar-se nos estilos dos mais renomados mestres da pintura universal, resultando obras de inquestionável talento e domínio.

Além desse talento, foi autor do projeto arquitetônico do Pórtico do Centenário de Colonização do Município de Orleans, criando inclusive a cronologia antropológica esculpida em sua testada. Idealizou a primeira bandeira oficial do município. Sua versatilidade oportunizou a execução em prancheta dos engenhos de farinha de mandioca existentes no Museu ao Ar Livre, cuja técnica de montagem veio através de imigrantes europeus no século XIX, trabalho esse inédito na América Latina. Projetou e colaborou para a construção do Centro de Vivência e na inauguração do Museu ao Ar Livre em 30 de agosto de 1980.

Seu irmão Carlos Luiz Dalsasso Angulski, nascido em Urussanga e radicado em Braço do Norte desde 1967, é também artista plástico, autodidata e seu dom pelo desenho e pintura despertou na infância, quando com cinco anos de idade já fazia seus primeiros rabiscos no chão de areia. Participou de várias exposições em nível local, regional, estadual, nacional e com destaque para a feira internacional do turismo, realizada em Buenos Aires na Argentina em 2008, quando expôs e pintou ao vivo temas com motivos de Santa Catarina.

Seu estilo é eclético, vai desde o acadêmico ao abstrato e atualmente realiza trabalhos em espátula. Seus temas preferidos são vinhos e casarios típicos contidos em sua memória dos tempos de infância. Possui estilo próprio, onde concentra seus trabalhos na luz e sombra e em cores harmoniosas passando tranquilidade a quem aprecia seus trabalhos. Possui um ateliê em Braço do Norte, onde mantêm um curso de pintura nas técnicas em óleo e acrílico sobre tela e madeira e também outro estúdio em Garopaba, o que lhe permite na estação do verão produzir e expor seus trabalhos e comercializá-los aos turistas nacionais e estrangeiros que lá desfrutam seus momentos de lazer.

O espírito de “ser polonês” preservado

Como é sabido, o Estado Polonês renasceu quando no dia 11 de novem-

Artigos

bro de 1918 a Polônia tornou-se um país independente, livre e soberano, fazendo com que a bandeira branca e vermelha voltasse a tremular nos pavilhões do mundo inteiro, porém não tinha as condições econômicas adequadas para fornecer ajuda às necessidades do imigrante polonês no Brasil e por via de consequência nos demais países. Entretanto Kula (1988, p.5) destaca que “[...] essa ajuda era com frequência dirigida não para satisfação das necessidades do corpo, mas do espírito: concretamente, para manter o espírito de ser polonês”.

Com este espírito de ser polonês e objetivamente com o intuito de preservar e difundir os valores culturais e das tradições polonesas, foi formado no ano de 1975 um pequeno coral que começou a ensaiar cantos folclóricos e religiosos, onde se destacaram pelo empenho e dedicação as famílias Machinski, Milak, Demboski, Rzatki, Bialecki, Bartosiak.

Para Tibincoski (1997), esse pequeno coral, permitiu a formação do Grupo Folclórico ORZEL BIALY, com sede em Linha Batista, composto de dançarinos e que participa constantemente de muitos eventos locais, no Estado e fora dele, em festas populares, religiosas e cívicas, exibindo danças de várias regiões da Polônia, com seus trajes coloridos do rico folclore polonês.

Pode-se afirmar que esse grupo folclórico da cultura polonesa, além de preservá-la e difundi-la, desempenha um extraordinário trabalho de inclusão social, pelo que foi agraciado no ano de 1999 com a inauguração do “Centro Cultural Octávia Búriço Gaidzinski”, espaço detalhadamente construído com apoio incondicional da empresa ELIANE – Revestimentos Cerâmicos. Mais recentemente, com muita criatividade, ousadia e visão de futuro, estabeleceram parceria para a instalação do Instituto Mazowsze do Brasil, ou seja, uma filial da Escola Mazowsze, ícone da música e dança folclórica polonesa em terras catarinense e brasileira.

Importa destacar que a figura do Governador Luiz Henrique da Silveira, um homem que sonha, foi mais do que nunca inspiradora para que lideranças políticas e culturais da cidade de Criciúma, entre as quais o Ex-Prefeito Municipal de Criciúma, Dr. Anderlei José Antonelli e a Ex-Presidente da Fundação Cultural de Criciúma Iara Maria Silva Gaidzinski, que, aliados com outras lideranças do Estado, tivessem a coragem, ousadia e a competên-

Artigos

cia de transformar um sonho de milhares de poloneses que vivem em solo catarinense: *a criação de um Centro de Referência da Cultura Polonesa em Criciúma, tendo o Grupo Nacional Folclórico de Canção e Dança “Mazóvia”, de Tadeusz Sygietyński, como fonte inspiradora para busca de conhecimento e informações metodológicas de canto e dança folclórica.*

Assim realizaram-se um conjunto de ações planejadas e coordenadas que culminaram com a assinatura do protocolo de intenções, possibilitando a criação do Instituto de Canto e Danças Folclóricas “Mazowsze” no Brasil e sua instalação na Capital Brasileira do Carvão, no dia 26 de novembro de 2008.

Essa corrente de imigrantes poloneses e seus descendentes marcou também a paisagem das localidades onde se estabeleceram, especialmente no campo agrícola. Mas é sobretudo na religião, na música e no folclore que muitas famílias conservam ainda hoje os velhos costumes de sua distante pátria, de maneira muito nítida, na celebração de suas principais festas. Marques (1978, p. 108) sintetiza: “[...] a soma quase infinita de sacrifícios e privações de toda ordem, agravada pelo abandono de sua velha Pátria, só podia ser superada, como o foi, por uma fé profunda e inabalável confiança em Deus”.

Com esforço e persistência coletiva da família, os camponeses e artesãos poloneses se integraram na sociedade sul catarinense, contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento e, como destaca Marques (1978, p. 108), “[...] vencendo as feras e dominando as intempéries, para a conquista definitiva dos vales e montanhas”.

Swierczek (1980), Marques (1978) e Slowinski (s. d.) procuraram relacionar uma extensa lista de famílias de imigrantes poloneses, com nomes sibilantes que, pronunciados por nós, ciciam tão bem como as nossas melodiosas canções folclóricas e religiosas que marcaram positivamente a região Sul de Santa Catarina.

Gaidzinski, Angulski, Bialecki, Czyzewski, Rzatki, Demboski, Slowinski, Milak, Tyskoswki, Wasniewski, Smielewski, Dabrowski, Galant, Tybinowski, Leksinski, Wojciechowski, Krystkiewicz, Michalak, Rozanski, Studzinski, Kubacki, Werpachowski, Furmanski, Machinski, Trzoska, Ptasinski,

Artigos

Bartosiak, Biela, Klima, Szlachta, Wroblewski, Szulcycki, Putrykus, Zazdrowski, Rajczyk, Koniarski, Nowakowski, Plaskiewicz, Bonk, Kanarek, Koniarski, Raniszewski, Kupinski, Porzycki, Nowak, Bocianowski, Stachowski, Strzalkowski, Kaminski, Smielewski, Mroczkowski, Budny, Ziolkwski, Siminski, Raczycki, Wasilewski, Folc, Stawiarski, Matusiak, Kawka, Krajewski, Maciejewski, Badziak, Danilewski, Siepierski, Liszewski, Matuszewski, Pacholek, Spancerski, Herek, Fabisiak, Rutkowski, Suchenski, Ranachowski, Radwanski, Demay, Bank, Wronski, Czyzewski, Golembieski, Demski, Guzliniski, Krajewski, Sieklucki, Baranowski, Szczepaniak, Nowak, Kazmierczak, Nolc, Nowotny, Chylinski, Lewandowski, Piasecki, Wisowaty, Stachenski, Plaskiewicz, Chojnacki, Machenski, Niedzwiecki, Bojanowski, Mroczkowski, Uczenski, Zawadzki, Pietrzak, Sztozoszek, Barabas, Getner, Buchelt, Pokumajer, Tyburski, Kubowski, Mroczek, Kuniarski, Zavaski, Macieski, Wojtki, Trojanowski, Staszak, Skierniewski, Kozuchowski.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maria Terezinha Sobierajski. *Poloneses em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1983.

BESEN, José Artulino. *Padre Francisco Chylinski – missão junto aos poloneses*. Jornal da Arquidiocese de Florianópolis, julho de 2009.

MAFRA, Alcides. *Criciúma, amor e trabalho*. Itajaí: Malusan Editora, 1975.

DALL' ALBA, João Leonir. *Colonos e mineiros no grande Orleans*. Orleans: Instituto São José, 1986.

DALL' ALBA, João Leonir. *Imigração Italiana em Santa Catarina – Documentário*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

DALL' ALBA, João Leonir. *Pioneiros nas terras dos condes: Orleans: Prefeitura Municipal de Orleans e Instituto São José*, 1971.

KULA, Marcin. *A emigração polonesa no Brasil à luz do estado das pesquisas conduzidas na Polônia*. Palestra no 1º Simpósio Brasil-Polônia, Curitiba, 1988.

LOTTIN, Jucely. *Orleans 2000: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Elbert, 1998.

Artigos

MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Urussanga: Edição do Autor, 1978.

MARQUES, Agenor Neves. *Imigração Italiana – Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga – 1878 – 1978*. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.

MATTOS, Jacintho Antonio de. *“Colonização” do Estado de Santa Catarina – Dados Históricos e Estatísticos*. Florianópolis: Secretaria Geral dos Negócios do Estado, Gab. Typ. D’O DIA, 1917.

MUSSI, Wladyslawa Wolowska. *A Experiência da 1ª Médica formada pela Universidade Federal do Paraná*. Palestra no 1º Simpósio Brasil-Polônia, Curitiba, 1988.

NIKODEM, Pawel. *Jak to było pół wieku temu – Z Kurytyby do Buenos Aires na piechotę*. In LUDU, Kalendarz. Rok 1964, Curitiba: Redakcja i Administracja “LUDU”, 1964.

PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: Sua História*. Florianópolis: UFSC, 1983.

PITON, J. *Emigracja polska w Brazylii - 100 lat osadnictwa*. Warszawa:, 1971.

SLOWINSKI, Lecian. *Nome das famílias polonesas nos municípios de Urussanga (Cocal) e Criciúma*. Anotações Datilografadas e Manuscritas. Florianópolis: s.d.

SWIERCZEK, Wendelin. *A seara do semeador*. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda, 1980.

TIBINCOSKI, Casemiro. *História da Colonização Polonesa – Linha Três Ribeiros – LIRI*, Supergraf. Içara: Indústria Gráfica Ltda, 1997.

WERPACHOWSKI, Félix. *Criciúma – Santa Catarina*: In: LUDU, Kalendarz. Rok 1964. Curitiba: Redakcja i Administracja “LUDU”, 1964.

WACHOWICZ, Ruy C. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda, Casa Romário Martins – Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

ZUMBLICK, Walter. *Teresa Cristina a ferrovia do carvão*. Florianópolis: UFSC, 1987.

RESUMO – STRESZCZENIE

Polskie dziedzictwo w południowym regionie stanu Santa Catarina. To tytuł powyższego artykułu. Autor pisze, że dzięki dekretowi prawnemu z dnia 28 czerwca 1890 r. (Lei Glicério) rozpoczęła się gorączka osadnicza emigrantów europejskich w tym regionie stanu. Natomiast już od 1882 r. odnotowujemy w tym regionie obecność polskich emigrantów. Od 1887 r. Polacy zaczęli osiedlać się w regionie dzisiejszego municypium Orleans (Rio Minador,

Artigos

Chapadão, Linha Antunes Braga, São Camilo, Braço Esquerdo). Wymienione kolonie położone są na terenie dawnej kolonizacji noszącej nazwę Grão Pará. Dzięki prowadzonej pracy duszpasterskiej przez polskich misjonarzy, Polacy zachowali swoją tożsamość narodową, podtrzymują wartości religijne, kulturowe i rodzinne. Autor wymienia w publikowanym artykule konkretne nazwiska osób polskiego pochodzenia i ich wpływ na rozwój ekonomiczny i kulturowy omawianego regionu stanu Santa Catarina.

CONVERSANDO COM WISŁAWA SZYMBORSKA

Rita de Cassi Pereira dos SANTOS*

Querida Amiga, Wisława Szymborska, gostaria de te poder ler no original (desculpa-me a intimidade do “tu”, porém é assim que te sinto, amiga). O polonês é ainda para mim uma língua meio estranha. Posso entender algumas palavras ou distingui-la de outras línguas eslavas. Contudo não a compreendo intelectual e imagetivamente. Ela, língua polonesa, assemelha-se a mim com a floresta amazônica em sua parte mais densa, não fotografada. É bela, misteriosa, insondável e atraente. O meu pesar é porque perco, dos teus versos originais, a beleza dos sons, a riqueza das imagens, os idiomatismos de tua língua e outras sugestões imagéticas que um leitor pode sentir quando ler um poema na língua original. Embora a tradução seja muito boa, suponho. Sei que perdi muito daquilo que é intraduzível de uma língua para outra. No entanto conhecer-te mesmo em tradução foi para mim uma grande alegria, um imenso prazer. Já havia começado a te admirar através de teus compatriotas, meus amigos. Primeiro conheci-te por meio da *História da literatura polonesa*¹, onde apareces e depois pela tradução simultânea, feita pela minha amiga de um poema sobre gato. O que me fez lembrar de tantos poetas que escreveram sobre gatos. Mais tarde por meio de teus Poemas², uma antologia na qual estão incluídos os teus livros e, publicados entre 1957 e 2002. Nela encontrei um poema falando de gato, “Não abandones um gato em apartamento” (94), e de alguém, cuja morte “esvaziou” o ambiente. Comoveu-me a tua solidariedade com o sofrimento, quase humano, do gato

* É doutora em Literatura Brasileira pela USP e professora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB).

¹SIEWIERSKI, Henryk. *História da literatura polonesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p.207.

²SZYMBORSKA, Wisława. *Poemas*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Poemas

pela ausência de alguém muito querido. Impressionou-me a tua sensibilidade em captar e expressar em palavras cada gesto do sofrimento do gato em sua busca pela presença amiga, embora “Nada aqui parece mudado/ e no entretanto algo mudou”. Ele percebe que

*Alguém esteve aqui e esteve,
e de repente desapareceu
e teima em não aparecer.*

Outro poema que me agradou muito por razão diferente do anterior foi “Muito divertido”, (40) por tua perspicácia e ironia sobre as vaidades ou presunções humanas:

*Mal distinguiu o sono do despertar
mal deduziu que é ele
[...]
só vê com os olhos
só ouve com os ouvidos
[...]
mas a cabeça cheia de liberdade, onisciência e o ser
acima da carne insensata,
olhem só!*

*[...]
Seja como for, divertido.
Pobre-diabo.
Uma pessoa de verdade.*

A expressão “olhem só!” (“patrzcie go!”), que aparece como uma espécie de refrão no final das três primeiras estrofes, julgo que seja uma expressão coloquial polonesa. Traduz a tua ironia e compaixão aos inconscientes anseios humanos:

Poemas

*Anseios de felicidade
anseios de verdade
anseios de eternidade
olhem só!*

A anáfora reforça estes desejos tão humanos, apesar de que mal distinguem “o sono do despertar”.

Chamou-me a atenção o espectro da última guerra mundial que aparece de modo diverso em vários poemas ora de maneira sutil, alusiva ora mais explícita, como nos poemas “Ocaso do século”, “Filhos da época”, “Torturas”; o último traz uma dimensão temporal maior. Estes estão colocados, na obra, um após o outro. O quarto selecionado sobre este motivo, guerra, é “Fim e Começo”.

Estes poemas são uma síntese reflexiva e clara sobre os acontecimentos bélicos do século XX e suas consequências, que marcaram indelevelmente no mínimo três gerações de europeus e deixaram vestígios em outras. No poema “Ocaso do século”, levaste-me a refletir sobre o século XX. Dele não guardo como tu a experiência visceralmente dolorosa, porque não sou testemunha pessoal dos acontecimentos cruciantes deste século que obliterou os momentos bons, principalmente para os europeus, daquele momento, fazendo com que aquilo que “Era para ter sido melhor que os outros o nosso século XX”,

*Agora já não tem mais jeito,
os anos estão contados,
os passos vacilantes,
a respiração curta.*

Valendo-te do mais que perfeito, em lugar do futuro do pretérito do indicativo que além de ser um recurso estilístico traz a ideia de um futuro, de uma aspiração frustrada e frustrante. Tal ideia acha-se reforçada pelo pretérito perfeito, no verso seguinte, que pode exprimir um fato consumado, isto é, o século XX:

*o que o que era para ter sido
não foi.*

*Era para chegar à primavera
e à felicidade, entre outras coisas
era para o medo deixar os vales e montanhas.*

“Era” para a verdade prevalecer sobre a mentira. “Era” para não acontecerem mais desgraças como a guerra e a fome. Mostras-me, ainda, que os fracos e os confiantes não foram levados a sério. Isto faz-me recordar os milhares ou milhões de pessoas do campo ou da cidade que queriam apenas seguir suas vidas sem sobressaltos, contudo foi-lhes arrancada uma perspectiva de vida simples, porque

*Quem quis se alegrar com o mundo
depara com uma tarefa
de execução impossível.*

Fizeste-me compreender melhor que tal acontece porque

*A burrice não é cômica.
A sabedoria não é alegre.
A esperança
já não é aquela bela jovem
et cetera, infelizmente.*

Os versos acima confirmam-me com mais ênfase a impossibilidade de alegria plena, de esperança mesmo hoje. O paralelismo sintático dos primeiros versos desta última estrofe mostra a contradição do mundo – burrice sem comicidade e sabedoria sem alegria – com isto é destruída a alegria, a esperança. E a única possibilidade de esperança, que poderia existir no senso do divino, no entanto aponta para outra possibilidade como se ler

Poemas

nos versos abaixo:

*Era para Deus finalmente crer no homem
bom e forte
mas bom e forte
são ainda duas pessoas.*

A possível crença Ocidental em Deus como “pilar supremo”, no dizer de Vatimo, subvertida pelo homem. Contudo este se vê dividido em suas qualidades, pois a bondade e a força estão em duas pessoas. E ele, homem comum, acha-se impotente, como mostras no poema “Filhos do século”.

Este poema aponta para o poema anterior, cuja causa de tudo que foi negado ao homem no século XX encontra-se explicitado aqui, são frutos de decisões políticas que levam em conta apenas o fator econômico quer com esteio para o poder quer como objetivo final, sem se preocuparem com o social, com o humano. Todos como filhos desta época estamos envolvidos neste jogo político querendo ou não, porque

*Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.*

Além disso, a recorrência da palavra “político” treze vezes ao longo do poema com variações prefixais e sufixais – “políticos”, “apolíticos – não nos deixa dúvida de que somos um animal sem escolha contrária, uma vez que nossos “gens têm um passado político”, nossa pele, “um matiz político, nossos olhos, um aspecto político”. O que se diz e o que se silencia “tem um eco de um jeito ou de outro político. Todas as nossas ações, gestos são políticos, mesmo os “versos apolíticos também são políticos”. A manifestação “apolítica” ao ato de poder imposto lembra-me o pintor van Delft, citado no teu poema “Elogio dos sonhos” – “Nos sonhos/eu pinto como Vermeer van Delft. Ele viveu, como sabes, na Holanda do século XVII, no momento da Guerra dos Trinta Anos. Os seus quadros pareciam ignorar aquele momento

Poemas

bélico e retratavam cenas comuns domésticas, ou uma rua, um canal. Tu não pudeste olvidar totalmente o teu momento de guerra como escreves: “Sou, mas não tenho que ser/ filha da minha época”. Aqui deixas claro a tua consciência do espaço-tempo em que viveste tanto do durante como do depois, marcado pela dominação de país estrangeiro em tua terra natal. Embora a guerra que envolveu o teu país tivesse sido de menor duração do que a de van Delft, todavia o processo de invasão por potências externas foi de uma atrocidade sem limites (será que atrocidade tem limites?). Estavas no meio do furacão. Contudo atenuas os horrores da guerra por meio de uma linguagem sutil e irônica, geral e universal. Estes últimos procedimentos mostram que o problema é de todos nós. Cada um que lê os teus poemas referentes a guerras explícitas ou não, rememora algum evento similar vivido ou não, principalmente hoje, que o mundo virou uma “aldeia global”.

Lembra-nos, ainda, que mesmo os produtos como o petróleo, “ração concentrada ou matéria reciclável”, têm significado político. O primeiro produto nos leva de início à guerra do Iraque e tantos outros conflitos generalizados pelo planeta do Oriente ao Ocidente. Todos estes acontecimentos são fruto de decisão de uns poucos que arbitram “sobre a vida e a morte/numa mesa redonda ou quadrada”, meses e meses

*Enquanto isso matavam-se os homens,
morriam os animais,
ardiam as casas
ficavam ermos os campos
como em épocas passadas
e menos políticas.*

Todos estes problemas tão reais e dolorosas dos teus versos trazem os resultados das guerras: o medo, a fome, o desabrigo, o desrespeito aos fracos. Daí a impossibilidade da alegria, que é não só uma questão de época como nos deixa perceber o poema “Torturas”. Entretanto, quem sabe, o século XX tenha sido o mais cruel e mais violento para nós, porque foi nele que vivemos e vivenciamos, como no teu caso e de outros, ou participamos

Poemas

indiretamente por meio de telejornais, rádio, nós dos países não envolvidos diretamente nas guerras. Perto ou longe, com maior ou menor intensidade fomos afetados pelas guerras e conflitos do último século. A ingenuidade e as crenças desapareceram para muitos.

O poema “Torturas” fecha a trilogia seguida sobre guerras e conflitos do século XX e outros séculos. Aqui denuncia o que há de mais cruel e desumano em todos os tempos, as torturas, como expressa o verso que inicia todas as estrofes – “Nada mudou”, o qual assinala enfaticamente a persistência da crueldade humana: guerras antigas dos gregos, dos romanos, dos godos e visigodos, bárbaros germânicos, inquisição, colonizações. Só para citar alguns dos acontecimentos de um passado mais distante e próximo. Os do século XX ainda estão vivos em nossa memória, as duas guerras mundiais, Vietnã, Camboja, Golfo pérsico, Bósnia, Sérvia, e outras, sem que se esqueça das ditaduras da América Latina. Toda dor e sofrimento cruentos que estes nomes encobrem sob o vocábulo político.

A generalização do título do poema, “Torturas”, a sutileza e a sensibilidade da tua linguagem lírica não nos deixa olvidar a selvageria humana em relação ao outro do qual escolhe os pontos mais frágeis, vulneráveis do corpo humano: a capacidade de sentir dor, a “pele tenra”, a “reserva de unhas e dentes” os “ossos frágeis”, as “juntas alongadas”. “Nas torturas leva-se tudo isso em conta”. Nos milênios, séculos recuados e próximos

Nada mudou.

Treme o corpo como tremia

antes de se fundar Roma e depois de fundada,

no século XX antes e depois de Cristo,

as torturas são como eram, só a terra encolheu

e o que quer que se passe parece ser na porta ao lado.

Esta estrofe e as seguintes reiteram a continuidade das torturas. Aqui, a meu ver, os três últimos versos se destacam. Eles se colocam como versos emblemáticos do século XX. O primeiro deles evidencia um fato comum, principalmente, entre artistas e intelectuais em geral, a perda do senso divino. Esta

Poemas

vai surgindo em um crescendo, tendo no decorrer do século XVIII (“Século das Luzes”). A religião começa, então, a perder a sua áurea de prestígio. Nesta época, na segunda metade do século, surgem também poetas como Blake, que questiona os fundamentos da religião cristã, com o seu livro *Casamento do céu e do inferno*, e filósofos como Schleiermacher, cujo livro *Discurso sobre a religião* trata mais da vida religiosa e não de Deus ou de filosofia. Afirma ele: “Tantos homens, tantas religiões”³. Destrói com seu relativismo e subjetivismo a religião específica e um Deus singular. O que prevalece para ele é a apreensão do Universo pelo ser religioso. No século XX, a ideia de Deus, que já não era forte no antes de Cristo, foi praticamente obliterada pelo “depois de Cristo”. Tens razão, querida amiga, o século passado concretiza a perda quase total do senso divino pela desumanidade das torturas, que parecem insolúveis, pelas guerras e conflitos gerados pela ânsia de poder e dinheiro, ou seja “a barbárie capitalista”, pela publicidade que, filiada a esta, divulga tais “feitos” com os mesmos propósitos econômico e tantas outras coisas. Se guerras, conflitos e capitalismo selvagem foram aperfeiçoados, as torturas ganharam requintes de maldade com choques elétricos, surras violentas que não deixam marcas porém provocam hemorragias internas. No entanto em sua essência “as torturas são como eram, só a terra encolheu/ e o que quer que se passe parece ser na porta ao lado”. Assim não podemos nos eximir das dores do mundo. Os mass media nos mostram e comentam superficialmente os horrores das tortura. Estas nos lembram que o alvo delas é um ser humano em geral indefeso ou recordamos de nossos amigos que viveram ou morreram em países em guerra.

O fantasma da guerra aparece mais uma vez no poema “Exemplo”, publicado na *Revista Piauí*⁴ como em outros poemas da Antologia, sem contar os já citados. Aqui é uma imagem desfocada, porque o poema, a princípio, afigura-se tão simples, tão real ao referir-se a um fenômeno da Natureza, um vendaval que desfolha agressivamente “uma árvore”. Contudo ele é apenas uma alegoria da violência bélica. A palavra “Violência”, no verso

³BORNHEIM, Gerd. “Filosofia do Romantismo”. In Romantismo. Org. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva 1978, p. 95.

⁴Revista Piauí, nº 66, março, 2012. Tradução de Henryk Siewierski.

Poemas

7, em maiúscula alegorizante, não me deixa dúvida sobre a analogia entre vendaval e violência de guerra. Reforça esta ideia o título do poema, estabelecendo uma comparação entre a impiedade da Natureza e da guerra. Daquela,

*O vendaval
à noite arrancou todas as folhas de uma árvore,
menos uma.
deixada
para balançar só num galho nu.*

Similarmente é o que a guerra faz, ceifa vidas e deixa uns poucos sobreviventes com suas feridas internas e externas, além de uma região (ou um país) devastada, figurada em “uma árvore”, no singular, verso 2. No entanto, a delicadeza e sutileza de tua linguagem deixa-nos perceber a ironia e denuncia em relação ao sadismo, a crueldade dos dominadores:

*Com este exemplo
a Violência demonstra
que sim –
às vezes ela gosta de se divertir.*

Os poemas comentados antes de “Exemplo”, “Ocaso do século”, “Filhos da época” e “Torturas” e “Exemplo” – formam dentre outros uma síntese lírica das devastações sofridas pelo ser humano, principalmente, em zonas de guerra ou conflitos. Levaram-me a entender melhor o poema “Discurso na seção de achados e perdidos” (47). A aparente banalidade do título me fez pensar inicialmente em coisas materiais. No entanto os primeiros versos marcados pelo pretérito perfeito, passado cuja ação se limita a um tempo, ou seja, a um acontecimento irreversível. Este tempo verbal, em diferentes verbos – “perdi”, “extinguíram-se”, “mergulhou”, “deixei” e mais – está ligado a fatos que, talvez, sem a conotação de perdas desse um tom menos triste, menos melancólico ao eu lírico, como se lê: “Perdi algumas deusas no

Poemas

caminho do sul ao norte,/ e também muitos deuses no caminho do oriente ao ocidente.// *Extinguiram-se* as estrelas, [...]// *Morreram* meus irmãos[...] /[...] *fechei* meu terceiro olho para isso tudo”. Todos os verbos assinalados por mim trazem o sema da perda irrevogável.

O poema deixa-me vislumbrar os danos psíquicos e afetivos feitos aos seres humanos pelas guerras e conflitos. Estes são piores nos que viveram e sofreram as perdas e as consequências imediatas. São piores do que perdas materiais, que podem ser reconstruídas, substituídas de um modo ou de outro. Aqueles não o são. Trazem não só a perda dos entes queridos, mas a perda dos sonhos, das crenças em Deus ou deuses, nos homens e, muitas vezes, na Vida como um bem. No entanto toda esta tragédia pessoal e de muitos deve ser colocado de lado como se lê no poema “Fim e Começo”:

*Os que sabiam
o que aqui se passou
devem dar lugar àqueles
que pouco sabem.
Ou menos que pouco.
E por fim nada mais que nada.*

Nestes versos, querida Amiga, vejo que sentiste consciente e magistralmente várias gerações. Nos dois primeiros versos têm-se os que viveram e sofrem e procuraram reconstruir o próprio espaço, assim “Alguém tem que jogar o entulho para o lado da estrada/ para que possam passar/ os carros carregando os corpos”. Porém, na medida em que a memória é, no presente, a presença do passado, pode ser estendida pela lírica para os próximos, ou para os mais distantes. Todos trazem a experiência pessoal ou conhecimento intelectual da realidade bélica do mundo. Tudo isto pode-se entrever em teus versos. Contudo os reflexos imediatos da guerra precisam ser deixados de lado para que possam “dar lugar àqueles/ que pouco sabem”. Aqui tem-se as gerações nascidas pós-guerra que trazem a memória atenuada dos fatos relatados pelos avós, pais ou conhecidos. Vem, então, a geração que “por fim nada mais que nada” sabem. São os netos ou bisnetos cujos ecos de guerra

Poemas

lhes chegam através dos livros de história, de filmes ou documentários como algo que lhes parece tão distante como as guerras púnicas.

Se isto vai acontecendo com as gerações seguintes às guerras, os sobreviventes trazem a memória que uns procuram exorcizar pela arte, outros procuram fazer da arte, no teu caso a lírica, um legado para as gerações futuras para que não oblitarem completamente o passado, pois o futuro de esperanças e sonhos depende do que se aprende com o passado, porque quem viveu um passado bélico sabe que o ganho é tão pouco ou nulo e que as perdas são tantas como se constata nos versos finais de o “Discurso na seção de achados e perdidos”:

*Surpreendeu-me quão pouco de mim ficou:
uma pessoa singular, na espécie humana de passagem
que ainda ontem somente perdeu a sombrinha no trem.*

O primeiro verso desta estrofe nos diz da perda irreparável daquilo que amaste ou acreditaste. O que restou? “uma pessoa singular”, cujo arsenal consiste em um imenso cabedal de perdas, aumentando a tua consciência da realidade passageira dos seres e coisas. Daí a tua consciência de que estás “de passagem”. O último verso que parece querer neutralizar as perdas irreparáveis do passado pela referência ao que “ainda ontem perdeu a sombrinha no trem”, na realidade nos leva a perceber a fugacidade do tempo e a sua persistência na memória, mostrando que o passado vivido e o sentido permanecem no *presente* como se fosse o dia de ontem. Nós, os distantes deste presente, apenas sentimos as ressonâncias de tudo isto, de perdas tão densas que mesmo distantes nos emocionam.

Lógico que em teu livro tocaram-me e encantaram não apenas os poemas sobre as guerras, mas a variedade de temas desde os aparentemente comuns como nos poemas “Funeral”, “Sob uma estrela pequenina”, “Primeira foto de Hitler”, “Impressões do teatro” e tantos outros. Transmites o tom de des-caso comum dos que participam de um “Funeral” e nos demais imprimes tons de tristeza e/ou de ironia sutil.

Querida amiga, se eu fosse comentar, mesmo superficialmente como es-

Poemas

tou fazendo, sobre todos os poemas do teu livro, não haveria espaço, porque todos encantam-me quer pela tua capacidade expressiva, quer impressiva dos teus versos e, ainda, pela acuidade de tuas observações, sensibilidade e delicadeza. Os poemas que não entraram nesta nossa conversa foi porque seria uma conversa infundável, ou porque se fecharam para mim e não me deixaram vislumbrar nada como ocorre nas líricas de imagens densas, apesar da aparente simplicidade da linguagem.

Contudo o meu deslumbramento maior com sua poesia foi por descobrir que pertences à minoritária casta de poetas os quais têm o dom de iluminar os vãos escuros de nossas mentes, fazendo-nos tomar maior consciência das realidades objetivas dos homens, do mundo e de nós mesmos. Teus versos falam de “coisas ausentes ou de coisas profunda e secretamente sentidas”⁵, como nos diz Valéry ao se referir aos versos líricos. Desse modo os teus versos tornam-nos mais humanos e mais tristes, porque nos deixam conscientes como se lê em “Ocaso do século”:

*Quem quis se alegrar com o mundo
depara com uma tarefa
de execução impossível.*

Reafirmo que gostaria de ter lido os teus poemas em tua língua, embora a tua tradutora seja muito boa. Consegui passar-me um pouco do teu sentir reflexivo sobre o antes e o depois dos anos das guerras. Aqueles trazem a marca indelével de uma vivência profunda da Vida. Na não leitura dos teus poemas em polonês, sei, perdi a musicalidade original e os idiomatismos de tua língua. Iriam me dizer mais ainda do pouco que consegui captar. Pertença àquela “minoria” que gosta de poesia de quem falas no poema “Alguns gostam de poesia”. Gosto de poesia, não como se gosta de coisas, mas como se gosta de pessoas, como diz o poeta brasileiro Murilo Mendes, ao

⁵VALÉRY, Paul. Variedades. Org. e introdução de João Alexandre Barbosa, tradução de Mariza Martins Siqueira, posfácio de Aguinaldo Gonçalves. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 208.

Poemas

referir-se a sua paixão pelos livros. Para ele, os livros trazem a substância, o próprio sangue do homem⁶. É neste sentido que amo a poesia. É vínculo que me une às mulheres e aos homens poetas e ao ser humano. Estamos irmanados em um mesmo espaço terrestre e como escreves em “Torturas”, “e o que quer que se passe parecer ser na porta ao lado”. Os poemas são para mim esta “porta ao lado”, um compartilhar de experiências que passam a ser minhas também, na medida em que me solidarizo com esta irmã-amiga ou este irmão-amigo poeta que não conheço fisicamente, mas que me deu o melhor de si: a sua visão de mundo, a sua “substância”, o seu “sangue”, a sua maneira de sentir “profunda e secretamente” a Vida, os homens, o mundo, as coisas.

Por estas razões, o teu cantar é para mim um cantar em surdina e por isto mesmo me envolve de modo inelutável. Arrebata-me, não como a torrente de um rio caudaloso, mas como o murmurejar cantante de riacho que de modo suave traz-me notícias de ontem sobre as destruições de sonhos, de esperanças, dos homens, e de hoje dizem-me sobre o embrião de esperança naqueles que sobre a guerra “pouco sabem” ou “nada mais que nada” sabem, da perda do senso do divino que grassa as gerações principalmente destes dois últimos séculos.

Encerro esta conversa, mencionando alguns versos do teu poema, “A alegria da escrita” que fala sobre o “destino independente” do poeta. É também o teu destino e nele dispões de um mundo diferente do que todos conhecem:

[...].

*Outras leis, preto no branco aqui vigoram.
Um pestanejar vai durar quanto eu quiser,
e se deixar dividir em pequenas eternidades
cheias de balas suspensas no voo.*

[...]

Sem meu querer nem uma folha cai

⁶MENDES, Murilo. A idade do serrote. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968 p. 9.

Nem um caniço se curva sob o ponto final de um casco

*Existe então um mundo assim
sobre o qual exerço um destino independente?
Um tempo que enlaço com correntes de signos?
Uma existência perene por meu comando?*

*A alegria da escrita.
O poder de preservar.
A vingança da mão mortal.*

Sei que, como já partiste daqui, essa conversa pode parecer um solilóquio. Mas o poder da escrita faz com que não tenhas partido com tudo, nem toda. Non omnis moriar – já disse Horácio. A nossa conversa pode continuar.

RESUMO – STRESZCZENIE

Rita de Cassi Pereira dos Santos, autorka powyższego tekstu, jest nauczycielem akademickim na Uniwersytecie w stolicy Brazylii i zajmuje się teorią literatury. Swój tekst prezentuje w formie rozmowy z Wisławą Szymborską, polską poetką i laureatką Nagrody Nobla w dziedzinie literatury (1996 r.) i odznaczonej Orderem Orła Białego (2011 r.).

HOMENAGEM AO POETA POLONÊS JANUSZ SZUBER

*Francisco José dos Santos BRAGA**

I - Introdução

Hoje meu homenageado é um dos mais distintos poetas polacos contemporâneos. Janusz Szuber nasceu em 10 de dezembro de 1947 em Sanok, na região da Galícia, situada no canto sudeste da Polônia, encruzilhada de influências culturais polonesas, ucranianas, judias e austro-húngaras. Estudou filologia polaca na Universidade de Varsóvia. Szuber já escreveu 18 livros de poesia na Polônia, tendo sido traduzido para 14 línguas. Foi agraciado com vários prêmios literários importantes, incluindo o Prêmio Literário da Cidade de Sanok, o Prêmio Barbara Sadowska, o Prêmio Kazimiera Iłkiewiczówna, o Prêmio de Topo da Fundação Polaca de Cultura e o Prêmio da Fundação Władysław and Nelly Turzański de Toronto por realizações marcantes no

*É natural de São João del-Rei, MG, onde reside atualmente, depois de ter atuado profissionalmente em São Paulo, Curitiba, Porto Velho e Brasília, tendo-se aposentado do Senado Federal como Consultor Legislativo. É graduado em Letras pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João del-Rei (1971) e em Música pela UnB (2008). Além disso, obteve o grau de Mestre em Administração de Empresas pela EAESP-Fundação Getúlio Vargas (1983), onde também lecionou de 1976 a 1980 e de 1984 a 1985. Escreveu e traduziu livros em Administração Contábil e Financeira. É portador dos seguintes certificados de proficiência em língua estrangeira: TOEFL e GMAT (inglês) e ZDaF (alemão). Durante quatro semestres, estudou língua polonesa na UnB sob a orientação da Prof^a Malgorzata Siewierska, tendo sido indicado pelo Prof. Dr. Henryk Siewierski, em 2004, para participar do Curso de Verão de Língua e Cultura Polonesa na Universidade de Varsóvia, que lhe conferiu um certificado de aproveitamento do curso em nível intermediário. Escreve artigos e ensaios para revistas e jornais, bem como gerencia dois blogs (Blog de São João del-Rei e Blog do Braga), nos quais, respectivamente, aborda assuntos locais relativos à sua cidade natal, bem como assuntos universais de natureza literária, musical, literomusical, histórica e genealógica.

campo da cultura polaca. Além de poeta, Szuber é também ensaísta e colunista.

II. Poeta Janusz Szuber na visão dos críticos norte-americanos

Quando fez seu primeiro aparecimento nos Estados Unidos o livro de poemas selecionados de Janusz Szuber, traduzido por Ewa Hryniewicz-Yarbrough e publicado por Alfred A. Knopf, de New York, em maio de 2009, denominado "**They Carry a Promise: Selected Poems**" (Eles cumprem uma promessa: poemas selecionados), desde então os poemas ali constantes têm sido muito bem acolhidos e seu autor, considerado revelação pela crítica especializada.

A seguir, em minha tradução apresento uma crítica das mais autorizadas: o crítico **Patrick Kurp** (2009), estabelecido em Houston, Texas, possui um blog chamado "Anecdotal Evidence" e é um desses que se debruçaram detidamente sobre a obra poética de Janusz Szuber. Ele vê inúmeras similitudes entre este e os mestres da poesia polonesa que o antecederam no século XX, Czesław Miłosz (Prêmio Nobel de Literatura em 1980) e Zbigniew Herbert, afirmando que "Szuber repetidamente se volta para os exemplos fixados por esses grandes poetas poloneses", embora reconheça que "ouve mais Miłosz do que Herbert nas linhas de Szuber, mais de uma religiosa sensibilidade." Em 'Forja' (pol. Kuźnia), escrito aos 80 anos de idade, Miłosz escreve: 'Parece que fui convocado para isso: glorificar coisas apenas porque elas existem.' (pol. Do tego byłem wezwany: Do pochwalania rzeczy, dlatego że są.) Tanto esse poema de Miłosz, quanto o de Szuber 'Sobre um rapaz mexendo com pota', tratam de uma banalidade lembrada da infância. Szuber, por sua vez, escreve: 'Há salvação no detalhe lembrado.' Observe a afeição pela linguagem religiosamente sugestiva, que faz de Szuber uma anomalia entre os poetas, mas aparentado com Miłosz. Na maioria dos poemas daquele, existe um escritor maduro escrevendo para leitores maduros.

(...)

Poemas

Eu ouço ecos múltiplos de Herbert, o menor dos quais é a colagem de referências culturais.

(...)

Para Herbert e Szuber, pedras e outros objetos são inteiramente eles próprios, autossuficientes, de uma forma que os humanos nunca poderão ser. Seu silêncio é eloquente e admirável."

Depois de discorrer sobre algo a que Eugenio Montale se referiu em seu discurso, ao ser-lhe concedido o Prêmio Nobel de Literatura em 1975, a saber, que a poesia podia ser descrita como um produto completamente inútil, mas dificilmente ser acusada de nociva, o que considerava uma de suas características de nobreza, Kurp cita Shakespeare e Milton em tempos passados e Zbigniew Herbert mais recentemente como modelos de nobreza poética, tendo o cuidado de se justificar pela escolha de Herbert: "Através de dom inato, vasta erudição, dedicação e uma variada sorte de opressão política, Herbert, com alguma relutância, tornou-se um poeta nacional, a voz da consciência da Polônia, sem sacrificar o valor puramente poético de seu trabalho."

Szuber é apreciado por Kurp sob outro prisma, não o da nobreza, mas de "uma qualidade que o redime: seu respeito saudável e interesse pelo mundo cotidiano dos pássaros, bosques, livros e casos de amor. É estranho notar isso como uma virtude. Devia ser óbvio, um dado para todos nós, poetas ou não, mas muito verso contemporâneo se situa numa visão infantil da terra de Cockaigne. Quando Szuber renuncia a gracejos e a um iluminismo barato, ele nos pouca numa terra estrangeira que todos nós reconhecemos." E continua: "Szuber é mais bem sucedido quando sua voz se parece mais com o tom de distanciamento do Olimpo de Herbert — provavelmente ele não gostaria de ouvir nenhuma apreciação. Seus poemas fazem poucas referências claras ao passado recente da Polônia — Nazismo, Comunismo, confusão pós-comunista. Nada sobre Katyn, Gomulka ou Gdańsk. O inimigo já era, e a Polônia é uma nação entre nações. Szuber foi deixado, como muitos outros poetas, com uma realidade mundana, uma que menos aponta para a

Poemas

nobreza."¹

Outro crítico, **Piotr Florczyk** (2009), tradutor do polonês e poeta, natural de Cracóvia, professor na Universidade de Delaware, analisa a obra do poeta polonês sob um prisma um tanto diferente, em minha tradução. "Estabelecido na cidade de Sanok no sudeste da Polônia, uma região que é tão rica em história e beleza natural quanto pobre em condições econômicas, Szuber é um poeta da reflexão e da busca pela transcendência. O mundo de Szuber pode ser fisicamente diminuto, mas suas buscas espirituais e intelectuais estão além disso. No poema 'Sobre um rapaz mexendo compota', o narrador expressa o desejo humano de apreender a essência integral do seu ser, antes de perceber afinal que mais importante do que a soma são os átomos individuais: **'Para alguém que não pode abraçar a totalidade, / Há salvação no detalhe lembrado.'** Esse poema termina com o narrador lembrando-se do papel que desempenha no fazer e desfazer dos seus arredores: **'Agora sei / Que a distração é um pecado imperdoável / E cada partícula do tempo tem uma dimensão definitiva.'**

Como um grande cronista, Szuber gastou uma considerável quantidade de tinta invocando seus antepassados, e o fez, — é importante destacar — sem transpor os domínios da mistificação superficial.

(...)

Evidentemente, alguns podem ponderar que há algo barroco sobre essas linhas e Szuber em geral, mas o que é digno de elogio é como ele renega fogos de artifício linguísticos e estilísticos em prol do retorno às mesmas verdades universais que nos impelem a continuarmos procurando e explorando quem somos. De fato, preso a uma cadeira de rodas desde seus dias de universidade, a história pessoal de Szuber poderia municia-lo com razões infundáveis para escrever sobre si mesmo, entretanto, quando ele o faz, sem-

¹KURP, P.: They carry a promise by Janusz Szuber in The Quarterly Conversation, 9 dez. 2009, ou no link <http://quarterlyconversation.com/they-carry-a-promise-by-janusz-szuber>.

Poemas

pre une sua própria experiência a um todo mais amplo, do jeito que apenas o melhor dos poetas sabem fazê-lo.

(...)

Cheios de sabedoria, inteligência, beleza e graça, os poemas de Janusz Szuber aprofundam e reforçam nossos liames conosco mesmos e o mundo em geral."²

A descrição do livro "**They Carry a Promise: Selected Poems**" traz as seguintes observações sobre seu autor, em minha tradução: "Esta coletânea estimulante marca a primeira aparição em língua inglesa do poeta polonês Janusz Szuber, aplaudido como a grande descoberta na poesia polonesa em fins do século XX, quando, com a idade de quase 50 anos, começou a publicar a obra que estivera produzindo por quase 30 anos. A poetisa laureada com o Prêmio Nobel, Wisława Szymborska, o tem chamado de 'poeta excelente', enquanto Zbigniew Herbert disse que 'sua poesia fala à parte dura do espírito'.

Janusz Szuber é um escritor intensamente elegante cujos poemas são curtos e acessíveis; sua obra está equilibrada entre os rigores de fazer poesia e a vida mesma em toda a sua glória desordenada, entre as devastações da história e o ato calmo de observar nosso lugar nisso tudo. De um extremo ao outro, há uma intensa calma e modéstia no verso de Szuber, quer esteja observando a garça em luta, a espuma de macieiras fluorescentes ou as imagens humanas num velho álbum de fotos."³

Publishers Weekly o saudou com as seguintes palavras (em minha tradução): "Cuidadoso, profundo e muito celebrado na Polônia, Szuber parece o herdeiro lógico, a certos respeitois, de Czesław Miłosz... (repre-

²FLORCZYK, P.: Janusz Szuber. They Carry a Promise: Selected Poems in The Free Library, 1º set. 2009, ou no link <http://www.thefreelibrary.com/Janusz+Szuber.+The+y+Carry+a+Promise%3A+Selected+Poems.-a0215865236>.

³SZUBER, J.: They Carry a Promise: Selected Poems (trans. Ewa Hryniewicz-Yarbrough), Knopf, New York, 2009, 112 p.

Poemas

sentando) não a nova voz da Polônia pós-comunista, mas o último florescimento dos dons líricos de nível internacional – alegóricos, pios, cuidadosos, autoalienados, – que cresceram à sombra da Cortina de Ferro.”

III. Minha tradução para poemas selecionados de Janusz Szuber

Tenho em mãos o livro, em polonês, de poemas selecionados de Janusz Szuber, intitulado “**Pianie kogutów: wiersze wybrane**” (O cantar dos galos: poemas selecionados), em sete partes, publicado pela Editora Znak, de Cracóvia, em 2008.⁴

A denominação do livro rouba o título de um poema célebre dedicado a Czesław Miłosz, estampado na p. 60 da referida edição, a saber:

Pianie kogutów

Czesławowi Miłoszowi

*Pianie kogutów na zmianę pogody:
Pod siną chmurą sine jądra śliwek
Z popielatym nalotem i lepłą szczeliną –
Tam słodkie strupy brudnego bursztynu.*

*Język próbuje wygładzić chropowatość pestki
I lata mijają. A ona dalej rani podniebienie
Obiecując, że dotknę sedna – dna tamtego dnia
Kiedy koguty piałły na zmianę pogody.*

⁴SZUBER, J.: *Pianie kogutów: wiersze wybrane*, Wydawnictwo Znak, Cracóvia, 2008, 145 p.

Poemas

Cantar dos galos

A Czesław Miłosz

Cantar dos galos por mudança do tempo:
Sob uma nuvem roxa os roxos testículos de ameixas
Com uma capa cinzenta e viscosa fenda –
Lá há doces crostas de âmbar sujo.

A língua tenta aplanar a aspereza do carço
E os anos passam. Mas ela continua a ferir o palato,
Com a promessa de que vou tocar a essência – o âmago daquele dia
Quando os galos cantavam por mudança do tempo.

Na p. 41 da mesma edição polonesa se encontra o poema abaixo, cujo título também é nome de um dos livros de Szuber:

O chłopcu mieszającym powidła

Staszкови Dłuskiemu

*Łyżka drewniana do mieszania powideł,
Ociekająca słodką smołą kiedy w rondlu
Bełkoce bąblami śliwkowa magma,
I dla kogoś, kto nie może objąć całości,
Jaki taki ratunek w zapamiętanym szczególe.
Bo, ostatecznie, cóż o nich wiedziałem?
Prawdziwe, o twardości diamentu, miało się
Przecież dopiero wydarzyć w nieokreślonej bliżej
Przyszłości i, jak mi się wydawało, wszystko dotychc-
zasowe
Było jedynie zapowiedzią tamtego. Naiwny. Teraz wiem,*

*Że nieuwaga jest grzechem nie do wybaczenia
A każda drobina czasu ma wymiar ostateczny.*

Sobre um rapaz mexendo compota

A Staszek Dłuski

Uma colher de pau p'ra mexer compota,
Pingando melação mole, enquanto no tacho
Balbuciam bolhas dum magma de ameixas.
Para alguém que não pode abraçar a totalidade,
Há salvação no detalhe lembrado.
Pois, afinal de contas, eu sabia algo sobre essas coisas?
O real, como a dureza do diamante, estava
Para acontecer apenas num futuro próximo,
Vago e, como me parecia, tudo até agora
Foi apenas tal prenúncio. Ingênuo! Agora sei
Que a distração é um pecado imperdoável
E cada partícula do tempo tem uma dimensão definitiva.

Pokorny

*Pokorny? Nie pokorny.
Szukam dla siebie formy.
Diabłu zapalam świecę
I w potępienie lecę.*

*Gdzie tortur czarcia wanna,
Bez "gloria" i "hosanna" —
Tam wygładzany heblem
Tekst wiersza szczelnym kneblem.*

Poemas

Humilde

Humilde? Nem um pouco.
Busco uma forma p'ra mim.
Acendo uma vela ao diabo
E caio na condenação.

Onde está a banheira satânica das torturas
Lá não há "glória" nem "hosana" —
O texto de um poema será aplinado
Com uma mordaca hermética.

Lektury

*Kiedy mój zegar dobiegał południa
Pośród znajomych znalazłem się lasów
Po lewej stąpał wielki Aligherus
Pantera oswojona biegła jego śladem
Po prawej krztusił się ze śmiechu
Przechodzień lasu ardeńskiego
Widząc na korze głupawe wierszyki.*

*Byłem wpół drogi. Oni odchodzili.
Trzaskały suche gałązki borówek.*

*Może zbyt cielesny jestem zbyt wrośnięty w ciało
Żeby się miała spełnić obietnica
Tu gdzie nad dębem rośnie zimny obłok —
Myślałem idąc brzegami parowu
W którym mamrotał strumień Heraklita.*

Podniosłem kamyk. Był dokładnie w sobie.

Leituras

Quando meu relógio se aproximava do meio-dia,
Eu me encontrei no meio de florestas conhecidas
À esquerda pisava o grande Aligherus⁵
Uma pantera domesticada corria na sua pegada
À direita engasgou-se com um riso
Um transeunte da floresta de Arden
Ao ver estúpidos poematos em casca de árvore.⁶

Estava eu a caminho. Eles partiram.
Estalavam galhinhos secos de morangos.

⁵Aligherus ou Alighieri. Trata-se do poeta Dante, autor da Divina Comédia.

⁶Aqui Szuber, em seu poema Leituras, faz questão de demonstrar seu conhecimento da obra shakespeariana, especialmente da comédia do grande poeta inglês intitulada *As You Like It*. A citada Floresta de Arden está localizada no condado de Warwickshire, Inglaterra, e não fica muito distante da cidade onde nasceu William Shakespeare, Stratford-Upon-Avon, ao sul de Birmingham. Toda essa região, cruzada por rios e canais, é hoje chamada de “terra de Shakespeare”. Embora ele tenha passado grande parte da sua vida de trabalho em Londres, as referências presentes na obra do poeta inglês indicam uma contínua afinidade com a natureza e o campo.

Porém, na sua comédia intitulada *As You Like It* (que em português é conhecida pelos mais variados títulos, desde *Como Vos Aprouver* até *Do Jeito Que Você Gosta*), a ação de desenrola na França, numa época em que estava dividida em províncias (ou ducados, como lhes chamavam), reinando em uma delas Frederick, um usurpador que depusera e banira seu irmão mais velho, o duque legítimo.

Shakespeare, na referida comédia, faz pulsar forte paixão entre Rosalind e Orlando no interior dessa floresta, ambiente de instabilidade política, punição e exílio, já que o pai dela, Duke Senior, o duque proscrito, para ali se retirou com alguns poucos que lhe permaneceram fiéis, enquanto sua terra e rendimentos enriqueciam o seu irmão usurpador. O costume logo lhes tornou a vida simples e modesta, mais doce do que a pompa e o esplendor da Corte. Viviam como o velho Robin Hood, da Inglaterra. E diariamente recebiam, na floresta, jovens fidalgos que se retiravam da Corte para ali passarem o tempo despreocupadamente, como se vivessem na Idade de Ouro.

A filha de Duke Senior, Rosalind, permanece na Corte em companhia do tio usurpador e de sua prima Celia. Ambas são unidas por tão estreita amizade que nem

as desavenças paternas conseguem interromper. Certo dia, as duas estão a falar de Orlando, por quem Rosalind se apaixonara, quando Frederick penetra no quarto e, irritado por ouvir o nome do filho de seu desafeto Rowland de Boys, ordena que Rosalind deixe imediatamente o palácio e vá fazer companhia a seu pai no exílio. Não conseguindo demover seu pai da sentença contra Rosalind, Celia decide acompanhar a sua prima em direção à Floresta de Arden, onde já se encontrava o duque deposto. Para disfarçarem sua elevada posição, resolvem trocar seus vestidos da corte por trajés de camponesas e, para o disfarce ficar ainda mais completo, decidem que Rosalind usaria trajés masculinos, assumindo o pseudônimo de Ganymede, enquanto Celia, com o pseudônimo de Aliena, ficaria sendo irmã do rústico e corajoso pastor Ganymede.

Furioso com a fuga de sua filha Celia e sabendo que diariamente homens de grande mérito vão à floresta juntar-se ao duque legítimo, Frederick sente inveja de ver o irmão tão respeitado na adversidade.

Certo dia, chega àquela paragem um fidalgo que se diz chamar Orlando, acompanhado de seu velho criado. O duque indaga quem é Orlando e, quando fica sabendo que se trata do filho de seu fiel vassalo e velho amigo Rowland de Boys, toma-o sob sua proteção. Assim, Orlando e o velho criado ficam morando com o duque na floresta. Já no interior da floresta, o pastor Ganymede e sua irmã Aliena (na realidade, Rosalind e Celia) compram a cabana de certo pastor e, logo nos primeiros dias, ficam surpresos por encontrarem o nome de Rosalind gravado nas árvores e sonetos de amor pregados nelas, com dedicatória. Esforçam-se por descobrir como podia ser aquilo, quando encontram Orlando, o homem que Rosalind ama, e percebem-lhe, no pescoço, o colar que ela lhe deu, quando se encontraram pela primeira vez na Corte.

Com malícia e humor, o pastor Ganymede decide permanecer no disfarce para testar os sentimentos de Orlando por Rosalind, contando a Orlando sobre certo namorado “que – diz Ganymede – frequenta nossa floresta e estraga as árvores, gravando nelas o nome Rosalind e pendurando odes nos espinheiros e elegias nas macegas, tudo em louvor dessa mesma Rosalind. Ah, se eu pudesse achar o tal namorado, lhe daria uns bons conselhos para curá-lo desse amor”. Orlando confessa ser ele o referido namorado e pede a Ganymede o bom conselho de que falara. O remédio que Ganymede prescreve é que Orlando apareça todos os dias na cabana onde moram ele e a sua irmã Aliena, de modo a ensinar-lhe como seduzir uma mulher, acrescentando ainda:

“Então, fingirei que sou Rosalind e tu fingirás cortejar-me da mesma maneira como farias se eu fosse Rosalind. Depois, imitarei as divertidas momices das damas para com seus namorados, até que te envergonhes do teu amor. Este é o modo pelo qual pretendo curar-te da tua febre do amor”.

É quando Ganymede descobre que essa mentira pode colocar sua relação amorosa em risco.

Poemas

Talvez eu seja carnal demais, corpóreo demais,
Para que a promessa possa ser cumprida
Aqui onde sobre um carvalho cresce uma nuvem fria —
Pensei, enquanto ia pelas margens dum córrego
No qual murmurava o riacho de Heráclito.⁷

Peguei uma pedra. Ela era exatamente em si mesma.

Filologia

*Gąszcze trochejów, jambów, anapestów
Jakby to był agrest, leszczyna i rdest. Nad nimi
Jej ptasie rh, rh, rh. Mamy już za sobą*

Embora haja outras peripécias que não cabe referir aqui, o desfecho da comédia é - comme il faut - o de um final feliz, tendo Rosalind se casado com Orlando, enquanto sua prima Celia se unia ao irmão mais velho de Orlando, Oliver, que tinha ido à floresta em busca de seu irmão.

⁷ Panta rhei os potamós (“πάντα ῥεῖ ὡς ποταμός”) foi a expressão utilizada pelo filósofo grego pré-socrático Heráclito (544-484 A.C.) de Éfeso, cidade da Jônia (atual Turquia). Ele a empregou na acepção de que tudo muda, tudo flui como um rio, nada persiste. A metáfora surgiu de sua constatação de que não é possível banhar-se no mesmo rio duas vezes, ou, dito de outra forma, aquele rio, um milésimo de segundo depois do primeiro banho, já não era mais feito da mesma água. Segundo o pensador grego, tudo é móvel, transitório, passageiro. “Tudo flui como um rio” é o célebre “motto” no qual a tradição filosófica subsequente relacionou sinteticamente o pensamento de Heráclito com o tema do devir, pelo qual todas as coisas são sujeitas ao tempo e estão em contínua transformação, chegando mesmo a identificar a forma do Ser com o Devir.

Nie jeden podział Galii, i kości dawno zostały rzucone.

*Ktoś dziś idzie ulicą Bolívara czy Chile
I może być szczęśliwym, lub nim nie by.
Któż może sprawić, abym był tym kimś.*

*A nasza łacinniczka, Wanda K.,
Emigrantka ze Lwowa, w letnim kapeluszu i sukni
Z nakładanym białym kołnierzykiem,
Wraca właśnie od franciszkanów, z dziewiątówki
Przed świętym Antonim.*

*Kwitnie mięta, pachną papierówki, są teraz,
Kiedy to piszę, mieszkaniac nowego eonu,
Zamieniając w zdania tamto coś, co na pozór
Z filologią niewiele miało wspólnego.*

Filologia

Selvas de troqueus, jâmbicos, anapestos
Como se fossem groselha, avelã e sempre-noiva. Sobre elas
Seus rrr, rrr, rrr de ave. Temos já atrás de nós
Várias divisões da Gália, e a sorte há tempos foi lançada.

Alguém anda hoje pela rua Bolívar ou Chile
E pode ser feliz, ou não.
Alguém pode fazer com que eu fosse aquele.

E nossa professora de Latim, Wanda K.,
Emigrante de Lvov⁸, em chapéu de verão e vestido

⁸Em polonês, Lwów, hoje cidade ucraniana (desde 1939). Até a II Guerra Mundial,

Poemas

Com colarinho branco, destacável,
Está justo voltando dos franciscanos, da missa das nove,
Na igreja de Santo Antônio.

Florirá hortelã, maçãzinhas cheirarão, elas existem agora
Quando escrevo isso, habitante de um novo éon,
Transformando em orações aquele algo que
Aparentemente tinha pouco a ver com filologia.

RESUMO – STRESZCZENIE

Francisco José dos Santos postanowił przybliżyć Brazylijczykom współczesnego polskiego poetę Janusza Szuberta (ur. 10 grudnia 1947 r. w Sanoku). Publikujemy powyżej artykuł, który po raz pierwszy pojawił się na blogu współpracownika naszego czasopisma. W artykule autor prezentuje: krótka biografię poety, odbiór poezji J. Szuberta przez krytyków amerykańskich, a także własne tłumaczenie na język portugalski wybranych wierszy polskiego poety.

chamava-se Wilno e foi território polonês de 1340 até 1772, quando passou a ser possessão austríaca, e de 1919 até 1939, quando então foi ocupada por tropas soviéticas e depois pelos alemães (1941-1944). Em 1945 foi cedida pelos Aliados à URSS, passando a fazer parte da República Socialista Soviética da Ucrânia. Nessa ocasião, sua população, quase na sua totalidade polaca, foi expulsa, sendo a maioria deportada para Wrocław (que até 1945 tinha sido alemã, com o nome de Breslau).

LINHAS DE FORÇA DE UM GÊNIO*

Ubiratan BRASIL

A chegada às livrarias da Ficção Completa de Bruno Schulz (1892-1942), em tradução direta do polonês, renova o interesse por sua obra, que discute a preservação da ordem do mundo.

Mago que sabia transformar tudo em poesia, o polonês Bruno Schulz deixou uma obra curta, mas intensa o suficiente para provocar a sensação de deslocamento e de falta de chão. As observações são de Henryk Siewierski, professor do Departamento de Teoria Literária da Universidade de Brasília, mestre em filologia polonesa e doutor pela Universidade de Cracóvia, responsável pela tradução de *Ficção Completa*, volume lançado pela Cosac Naify no qual estão reunidos *Lojas de Canela* e *Sanatório Sob o Signo da Clepsidra*, livros de contos editados pela Imago nos anos 1980, além de quatro textos curtos inéditos no Brasil. **Escritor absolutamente original, além de inspirado desenhista, Schulz consegue vencer, na visão de Siewierski, a comparação com Kafka, autor de quem se distancia pela exuberante prosa poética, que contrasta com o estilo menos ousado do ficcionista checo. Fiel à investigação da palavra, Schulz construiu uma obra nutrida por um triângulo de culturas, a polonesa, a judaica e a alemã, com as quais conviveu intimamente até ser morto por um oficial nazista, em 1942. Sobre a difícil, mas fascinante, tarefa de traduzir direto do polonês o conjunto de escrito, Siewierski conversou com o Sabático.**

A ficção de Schulz é muito comparada à de Kafka, como se observa em muitos ensaios. Você considera justa essa comparação? Como distingui-

*Texto publicado no suplemento "Sabático" do jornal Estado de São Paulo do dia 19 de maio de 2012.

los?

Essas comparações resultam mais da vontade de situar Bruno Schulz num determinado contexto histórico e geográfico do que de uma análise da sua ficção. Porque apesar de certas convergências temáticas, são os universos e estilos artísticos bem diferentes. A exuberância poética da ficção de Schulz e seu riquíssimo imaginário divergem do estilo protocolar da prosa kafkiana. Se procurarmos as convergências, elas podem ser encontradas sim, mas no plano que aproxima os escritores cujas obras têm caráter universal, pela intensidade com que enfrentam o mistério da vida humana e sua inserção no drama da história. No seu posfácio à primeira tradução do *Processo* em polonês, o próprio Schulz sinaliza em que poderia consistir o parentesco entre os dois, quando fala que as obras de Kafka são uma realidade autônoma que, além das alusões místicas e religiosas, tem a sua própria vida poética, polissêmica, impenetrável, que nenhuma interpretação pode esgotar.

Existe algum aspecto da ficção de Schulz que você acredita não ser suficientemente enfatizado?

A obra de Schulz é muito estudada, principalmente na Polônia, mas não só. Por exemplo, um dos mais significativos livros sobre ela foi publicado na Suécia, *On the Margins of Reality - The Paradoxes of Representation in Bruno Schulz's Fiction*, de Krzysztof Stala. Seria difícil apontar um aspecto da sua prosa que até agora não tivesse despertado o interesse da crítica. A cada dois anos é organizado em Drohobycz, cidade de Schulz, hoje na Ucrânia, um festival e um congresso que reúne os tradutores e estudiosos da sua obra do mundo inteiro. Tive a oportunidade de participar dos dois últimos e observar como é amplo o leque temático e problemático dos estudos schulzianos. Para o congresso deste ano, que ocorrerá em setembro, os organizadores propuseram como tema o pensamento crítico e teórico de Schulz, sua “filosofia da literatura”, considerando este aspecto da sua obra ainda pouco estudado. A “teoria” ou “filosofia” da literatura, embora por ele mesmo nunca sistematizada, pode ser reconstruída, principalmente a partir da sua obra ficcional. Existem também outras fontes como seus ensaios críticos e cartas, sem esquecer dos desenhos que se correspondem com a prosa. Já

Entrevistas

foi apontada a familiaridade da sua concepção da literatura com a tradição do realismo mágico e/ou maravilhoso. Mas ela talvez merecesse ainda um olhar mais preciso.**

O que o senhor diria do senso de humor de Schulz que não é imediatamente evidente, mas que está presente em sua prosa?*

Sim, o senso de humor é sem dúvida um dos traços característicos da prosa de Schulz. O humor faz com que a prosa ganhe uma boa dose de poesia. Não foi Edmond Jabès que disse “o humor é poesia, o cômico é prosa”? Vejamos, por exemplo, o conto O Segundo Outono, em que é apresentada uma teoria climatológica do Pai, segundo a qual, o outono tardio, que se prolonga até ao inverno, é o resultado da contaminação do clima pela arte barroca, acumulada nos museus da região. Não deixa de ser uma tentativa de aproximação entre a ciência e a poesia, mas ao mesmo tempo sentimos aqui um piscar de olho do narrador a dizer que este casamento não pode ser tomado muito a sério. Schulz foi um observador atento da ciência contemporânea, e percebia como os físicos e os filósofos do novo século iam aos poucos desmanchar a visão coesa e familiar do universo, situando o homem numa realidade fragmentada e caótica. Mesmo sabendo que não há retorno ao passado, ele procurava, assim como os neognósticos do século 20, reconstruir, unir o que foi desintegrado pela ciência, unir de novo numa estrutura mítica, universal, homens, coisas e signos. Porém, seria difícil considerar Schulz mais um representante da gnose contemporânea, justamente pelo seu distanciamento da seriedade dessas ambições holísticas e pelo caráter não confessional de suas ideias. A sua opção pelo sentido e contra o absurdo parece ter a ver com a convicção de que para salvar o sentido da sua vida, o homem tem que se desprender da seriedade paralisante e mortífera das teorias, e com um senso de humor - que é a poesia -, com uma boa dose de ternura, tentar religar as partes separadas do seu universo. O humor de Schulz tem várias faces, coexiste com o patético e o burlesco, leva ao limite da paródia, é lírico, mas também interage com a ironia tão presente na sua obra. Numa carta ao colega Stanislaw Witkiewicz, ele diz que nos seus livros reina “um clima próprio dos bastidores, atrás da cena, onde os atores, tirando os

seus trajes, morrem de rir ao pensarem no patético dos seus papéis” .**

Quais são os perigos e as armadilhas da tradução de sua obra em português? Qual o risco de perda de um tradutor?*

Mais do que as armadilhas semânticas que aparecem, porque elas sempre aparecem na tradução literária devido às diferenças culturais e linguísticas, neste caso específico foi preciso ficar especialmente atento ao ritmo. Os períodos sintáticos longos compostos de orações subordinadas, ramificadas, emaranhadas, mantêm-se unidos não só pelos recursos da sintaxe, mas também pelo ritmo, pela musicalidade, e perdê-los seria perder a alma dessa prosa. Outro perigo pode vir da ousadia e da originalidade das construções metafóricas. Elas podem parecer muito estranhas para o leitor da tradução, parecer até um tropeço do tradutor e, ele, pode sucumbir à tentação de domesticar o que é estranho. Mas a graça da tradução não seria justamente levar o leitor a outras regiões do imaginário, mesmo as que cheirassem heresia, fazer com que ele esteja surpreendido assim como é surpreendido o leitor do original? Porém, quando a questão não é só surpreender, mas também encantar, como o faz o original, não há como recorrer aos métodos ou roteiros preestabelecidos, tem que entrar em jogo a intuição e aquilo que é chamado a arte de tradução. Os perigos não faltam, por isso também a dívida que o tradutor tem com os revisores, os verdadeiros parceiros de tradução. **

O que seria mais duradouro e convincente da ficção de Schulz?*

O mundo desta ficção, bem ancorado na tradição da mitologia e da cultura, se apresenta ao leitor como uma variante própria e inconfundível desta herança. Ela resulta da uma transfiguração dos modelos e poéticas existentes num processo de criação de uma mitologia pessoal, bastante divertida, poeticamente exuberante, repleta de humor e de ironia, mas em que está em jogo a preservação do sentido do mundo diante dos processos de sua desintegração. É o que talvez torne esta ficção duradoura e se não convincente, pelo menos sedutora. **

É possível explicar o motivo de Schulz escrever em polonês e não em

íidiche?***

Sim, é possível, mas se ele escrevesse em íidiche, também não seria difícil explicar o motivo. Na cidade de Lvov, próxima a Drohobycz, havia um meio literário judaico muito dinâmico que antes da 2.^a Guerra produziu muitas obras em íidiche. Por exemplo, a escritora Debora Vogel, amiga de Schulz, escrevia em polonês e em íidiche, e até em hebraico. Havia também escritores judeus que escreviam só em polonês. Schulz participava desse meio, identificava-se com ele, publicava alguns dos seus textos nas revistas judaicas. Ele nasceu e até os 16 anos viveu no império austro-húngaro, numa cidade pequena, mas cosmopolita. A irradiação de Viena fazia com que ele fosse bem familiarizado com a literatura da língua alemã. Falava tão bem alemão como polonês. Mas a identificação com a língua polonesa deve ter sido mais forte, não só porque em sua casa paterna se falava essa língua, mas contavam também a iniciação na sua literatura e cultura e, depois, as intensas relações com o meio literário polonês. Escrever em polonês não o impedia de lembrar e parafrasear o que na tradição judaica era mais significativo e mais universal, como o culto do Livro, como a autoridade do Pai. O trabalho do artista era uma tarefa messiânica que dava continuidade ao Livro. A última obra de Schulz, que se perdeu na guerra e até hoje não foi encontrada, tinha o título de *O Messias*.

RESUMO – STRESZCZENIE

Ubiratan Brasil opublikował wywiad z Henrykiem Siewierskim na temat poezji Brunona Schutza (1892-1942) w dzienniku „Estado de São Paulo” (19 maja 2012 r.). Tekst ukazał się w związku z ukazaniem się na brazylijskim rynku księgarskim w związku z wydaniem tomu wierszy polskiego poety. Redakcja w/w dziennika wyraziła zgodę na publikację powyższego wywiadu w naszym czasopiśmie. Dzięki temu większa liczba czytelników brazylijskich i polonijnych będzie mogła zapoznać się z bogactwem literackim polskiego poety.

Resenhas

MALACARNE, Altair. *Vila Valério: de mata a município*. Vitor Samuel Editor, [2011], pp. 97.

Cláudia Regina KAWKA MARTINS*

O livro trata da história da colonização polonesa no município de Vila Valério, no Espírito Santo. Aborda também o histórico de outros municípios colonizados por imigrantes poloneses no final dos anos 20 e 30 do séc. XX, tais como Águia Branca e São Gabriel da Palha.

O nome do município Vila Valério é uma homenagem ao Dr. Walery Korszarowski, que era o chefe da Towarzystwo Kolonizacyjne, a Companhia de Colonização que trouxe os imigrantes poloneses para o Estado do Espírito Santo. Foi ele que organizou todo o contato com o governo do Estado e que assinou o contrato pelo qual o governo estadual concedeu 50.000 hectares de terras para o assentamento de 1.800 famílias polonesas, em 1928. Também foi ele que assinou a Ata de 1936, a qual concedia mais terras para a abertura de novas colônias e prorrogava por mais dez anos o prazo para a colonização polonesa na região. O Dr. Walery morou em Águia Branca até sua morte, em 1952.

A história da colonização do município de Vila Valério foi repleta de percalços, pois, em 1939, houve uma epidemia de febre amarela, que causou a morte de mais de cinquenta famílias. Somente depois de cinco anos a região recomeçou a ser povoada. Inicialmente a região era chamada de Walery. Foi em 1948 que ela foi rebatizada com o nome de Vila Valério. Até o ano de 1994, Vila Valério pertencia ao município de São Gabriel da Palha. “No dia 28 de março de 1994, pela lei estadual número 4.892, foi criado o Município de Vila Valério, que foi instalado em 1º de janeiro de 1997; era o registro definitivo de um endereço, no coração do norte do Espírito Santo, onde, à bravura pioneira da águia polonesa, vieram se juntar várias gentes de outras origens para fazer renascer a chama humana da luta pela vida”. (p. 43)

*Professora de História do Colégio Militar de Curitiba.

Resenhas

Hoje o município de Vila Valério é um grande produtor de café “conilon” e passa por um grande progresso.

A obra também traz fotos de época referentes à colonização polonesa nos municípios da região, além de alguns documentos importantes, tais como a Ata de 1936, citada anteriormente.

Na última parte do livro, o autor traz depoimentos de pessoas da região, que contam como chegaram ao Espírito Santo, os percalços dos primeiros anos e como vivem hoje.

O livro de Altair Malacarne, pesquisador incansável da história da colonização polonesa no Estado do Espírito Santo, não apenas registra o histórico do município de Vila Valério, mas é também uma homenagem ao Dr. Walery, um grande nome na colonização polonesa da região.

RESUMO – STRESZCZENIE

Altair Malacarne opracował historię kolejnego regionu położonego w brazylijskim stanie Espírito Santo. Jedną z książek wspomnianego wyżej autora omawia historię osadnictwa polskiego w Orle Białym. Książka, której recenzję napisała Cláudia Regina Kawka Martins, dotyczy municypium Vila Valério. Nazwa miasteczka municypalnego jest oddaniem hołdu Waleremu Koszarowskiemu – szefowi Towarzystwa Kolonizacyjnego, które osiedlało emigrantów polskich w stanie Espírito Santo. Książka Malacarne jest nie tylko szkicem historii municypium Vila Valério, ale tak uczczeniem Polaka, który odpowiadał za polską kolonizację w okresie międzywojennym w stanie Espírito Santo.

JUBILEU ÁUREO DE ORDENAÇÃO PRESBITERAL DOS PADRES VICENTINOS

*Lourenço BIERNASKI, CM**

No domingo 16 de outubro de 2011, às 10 h, foi celebrado solenemente o Jubileu de Ouro dos Padres Jorge Morkis e Marian Litewka, na Igreja de São Vicente de Paulo. A Concelebração Eucarística foi presidida pelo Pe. Marian, e usou da palavra também o Pe. Jorge. Houve ainda a participação de outros sacerdotes, religiosas e amigos e fiéis da paróquia. Alguns dados da vida de cada um deles.

– Pe. JORGE MORKIS - Natural de Myslowice, Silésia, onde nasceu aos 30 de junho de 1938. Filho de Maximilian Morkis e de Maria Pilarek. Terminados os estudos fundamentais em Myslowice, ingressou no Seminário da Congregação da Missão, a 28 de outubro de 1955. Emitiu os votos perpétuos a 6 de janeiro de 1961, durante os estudos de Filosofia e Teologia, quando foi recebendo os Ministérios e o Diaconado das mãos de Dom Karol Wojtyla, então Arcebispo de Cracóvia. A sua ordenação presbiteral teve lugar no dia 18 de outubro de 1961, por Dom Jan K. Lorek. No ano seguinte, 1962, dirigiu-se para os trabalhos missionários no Brasil.

Suas atividades no Brasil:

Professor de música no Seminário de Araucária. Em 1969, Diretor do Seminário Maior em Curitiba. Exerceu o ofício de pároco de São Vicente de Paulo (duas vezes) e de Dom Pedro II. Em seguida foi Diretor Provincial das Filhas de Caridade durante 6 anos, Superior da Casa Central, redator do jornal LUD e Regente do Grupo Folclórico Polonês. Foi Vice-Presidente de USOPAL e participou do Encontro de Jornalistas Poloneses do exterior,

*Sacerdote da Congregação da Missão. Autor de vários livros. Atualmente é responsável pela documentação e arquivo da sua congregação religiosa em Curitiba - PR.

realizado na Polônia.

Cursos de pós-graduação: Curso de Música Belas Artes, Curso de Comunicação Social, na PUC e Curso de tradutor oficial do polonês-português vice-versa.

A partir de 2009, exerce o múnus de exorcista da Arquidiocese. Em janeiro de 2011, teve um derrame facial AVC e permaneceu um tempo em convalescença.

– Pe. MARIAN LITEWKA - Natural de Cracóvia. Seus pais, Pawel Litewka e Anna Pawlik. Veio à luz do dia a 7 de agosto de 1937. Terminados os estudos fundamentais, sentiu o apelo de Deus para algo maior, durante o tempo em que era coroinha do Pe. Karol Wojtyla, na igreja de São Floriano. Procurou e entrou na Congregação da Missão a 28 de outubro de 1955. Colega de estudos do Pe. Jorge Morkis e Hubert Sinka. Fez os estudos de Filosofia e Teologia em Stradom, onde emitiu os votos perpétuos e recebeu os Ministérios e o Diaconado de Dom Karol Wojtyla e a ordenação presbiteral em 18 de outubro de 1961, de Jan Kanty Lorek, CM. Como voluntário para as missões do Brasil, ali chegou a 8 de março de 1962.

Exerceu as diversas atividades no ministério presbiteral: vigário paróquial em Abranches, Curitiba, São Mateus do Sul, Mafra e Órleans. Em Curitiba foi também Reitor dos Poloneses na Igreja de São Vicente. Pároco de Imbituva de 1971 a 1976.

Nesta época, ele constatou a infinidade de caminhões transportando e rodando pelo Paraná e Brasil, sem assistência nenhuma, mais de 2 milhões de caminhoneiros, enquanto que a Polícia Militar, o Exército, com muitos capelães. Juntamente com Dom Geraldo Pellanda, Bispo de Ponta Grossa, que não somente acolheu mas apoiou e lhe deu o poder de atuar em nome da Diocese, pois a Província ainda não estava preparada. Assim, em 1972 iniciou lentamente a Pastoral Rodoviária, que foi se expandindo pelo Brasil inteiro. Conseguiu duas Irmãs durante alguns anos e mais coirmãos para dar continuidade. Devido ao fator saúde, está atualmente na Casa Central e ajuda nas paróquias nos finais de semana. Mesmo assim, participou dos Congressos da Migração em Roma, Brasília, Buenos Aires, comunicando a

Crônicas

sua experiência com os caminhoneiros.

Por duas vezes foi também Conselheiro da Província.

Logo no início da sua vinda ao Brasil, procurou a PUC para fazer um Curso de Ciências Sociais, obtendo a Licenciatura pela Faculdade de Filosofia da PUC/PR.

– Pe. HUMBERTO SINKA - Filho de Aloizy Sinka e Emilia Krykon, moradores de Dzieckowice, Tychy-Silésia. Nasceu a 26 de janeiro de 1935. Completou os seus estudos fundamentais em Dzieckowice e Myslowice, e seguiu os passos dos seus tios e primos na Congregação da Missão. Após o Noviciado (Seminarium Internum), fez os estudos de Filosofia e Teologia, recebendo os Primeiros Ministérios e o Diaconado, e após a conclusão do Curso eclesiástico foi ordenado presbítero no dia 8 de dezembro de 1961, por Dom Juliusz Groblicki.

Ao chegar ao Brasil em março de 1962, juntamente com os outros dois, Marian e Jorge, trabalhou como vigário paroquial, em Mafra e Irati, quando foi nomeado Diretor do Noviciado em Curitiba. Em 1969, voltou para a Polônia e se apresentou como voluntário para as Missões de Madagáscar. Lá trabalhou de 1970 a 1983. A partir de 1989 voltou à Província de Curitiba e foi nomeado pároco de Guaraqueçaba, diocese de Paranaguá, tendo ali permanecido por seis anos, evangelizando o povo do litoral. Nomeado pároco de Santa Cândida em 1996, foi ao mesmo tempo, Conselheiro Provincial. No Ano do Grande Jubileu foi nomeado Diretor do Seminário Propedêutico. Em 2002 viajou para a Polônia e de lá passou por Haiti, trabalhou um tempo na França e em Angola, na cidade-porto de Lobito. Devido ao estado de saúde, voltou para o Brasil e prestava serviços nas paróquias. Ultimamente está residindo na Casa de Repouso de São Miguel em Tomás Coelho e dá assistência às Comunidades da paróquia e também à Missa dos Poloneses na Colônia Cristina.

Festejou o seu Jubileu na paróquia de Dom Pedro II no dia 11 de dezembro de 2011.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor informuje czytelnika o świętowanym jubileuszu 50. lecia kapłaństwa trzech polskich księży ze zgromadzenia misyjnego św. Wincentego. 16 października 2011 r. w kościele św. Wincentego w Kurytybie ks. Jerzy Mor-kis i ks. Marian Litewka sprawowali uroczystą Eucharystię za 50 lat życia kapłaństwa. Z kolei trzeci jubilat ks. Hubert Sinka świętował swój jubileusz 11 grudnia 2011 r. w kościele parafialnym w Dom Pedro II, niedaleko Kurytyby.

EXPOSIÇÃO MOSTRA O BRASIL AOS POLONESES

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

A exposição “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece”, organizada por ocasião dos 90 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre ambos os países, foi aberta no dia 12 de fevereiro de 2012 no Museu da Pequena Cidade em Biezuń, Departamento do Museu da Aldeia de Mazóvia em Sierpc. Trata-se de uma versão polonesa da exposição “Poloneses no Brasil”, preparada por um grupo de poloneses e brasileiros de origem polonesa no Brasil. O autor do cenário é o prof. Henryk Siewierski, do Instituto de Literatura da Universidade de Brasília. A versão polonesa da mostra foi preparada pela Sociedade Polono-Brasileira. A exposição foi acompanhada por uma mostra de publicações a respeito da imigração polonesa no Brasil e sobre a comunidade polônica brasileira, e por uma mostra de bonecas – baianas, obra de Beatriz Warchalowski, de Vilha Velha, Espírito Santo, neta de Casimiro Warchalowski. Os visitantes puderam também contemplar uma série de cartazes sobre o Brasil, mostrando as belezas do país, inclusive do estado do Paraná, ver um filme sobre o Brasil e ouvir diálogos com representantes de organizações polônicas de Porto Alegre, gravados pelo jornalista da TVP Polonia Andrzej Wróbel.

Da abertura da exposição participaram: o curador do Museu Jerzy Piotrowski, o presidente da Sociedade Polono-Brasileira Stanisław Pawliszewski, representantes das autoridades locais e um numeroso grupo de convidados. Durante o encontro foi lida uma carta do embaixador do Brasil, Carlos Alberto Simas Magalhães, e do presidente da voivódia da Mazóvia, Adam Struzik, com agradecimentos e expressões de reconhecimento pela organização da exposição e pela divulgação de conhecimentos a respeito do

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira, de Varsóvia, e ex-embaixador da Polônia no Brasil.

| Crônicas

Brasil e da comunidade polônica nesse país. Após a parte oficial apresentou-se o conjunto “Beribazu”, que fez uma demonstração da dança capoeira. Uma dançarina mostrou também danças carnavalescas, visto que o evento se realizou no último dia do carnaval.

A temática da exposição – focada na imigração polonesa no Brasil e na comunidade polônica brasileira – despertou o grande interesse dos visitantes. Os jornais, o rádio e a televisão locais fizeram uma ampla cobertura da exposição e da sua temática. Essa exposição permitirá, sem dúvida, à população local conhecer mais de perto a imigração polonesa no Brasil e a vida dos brasileiros de origem polonesa, a sua contribuição para o desenvolvimento da cultura, da ciência e da economia da sua pátria, bem como o cultivo das tradições dos seus antepassados.

A exposição estará aberta na cidade de Biezuń até meados de agosto deste ano. Planeja-se a organização de um concurso sobre a sua temática, promovido entre a juventude escolar.

* * *

A exposição “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece”, foi aberta no di 12 de março de 2012 no Museu da Nobreza da Mazóvia em Ciechanów, voivodia da Mazóvia. Foram apresentados nela os principais acontecimentos em diversas áreas das relações entre ambos os países no decorrer desses dos 90 anos decorridos desde o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países. Uma boa parte da exposição é dedicada à história da imigração polonesa no Brasil e aos brasileiros de origem polonesa e à sua contribuição para a cultura, a ciência e a economia do seu país. Também foi mostrada a atividade pastoral do clero polonês no Brasil. Há muitos materiais que ilustram o cultivo das tradições, da religião e da cultura dos antepassados poloneses por parte dos seus descendentes. A exposição vem acompanhada de uma mostra de fotografias relacionadas com a imigração polonesa no Brasil, provenientes das coleções do Museu da História do Movimento Popular Polonês. Os visitantes puderam igualmente conhecer uma série de publicações dedicadas à imigração polonesa no Brasil e aos brasileiros de origem polonesa, editadas principalmente pela Biblioteca Ibérica,

com a redação de Jerzy Mazurek – vice-diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês.

A exposição apresentou igualmente um conjunto de cartazes apresentando as belezas do Brasil, além do que os visitantes puderam ver um filme sobre o Brasil e apreciar a música brasileira.

Os materiais fotográficos, as reproduções de documentos e de outros materiais foram cedidos por diversas instituições polonesas e brasileiras, por organizações polônicas no Brasil e por muitas pessoas particulares. Dentre os muitos materiais fotográficos relacionados com a comunidade polônica brasileira, encontram-se os materiais cedidos pelo pe. Zdzislaw Malczewski SChr, redator-chefe de *Polonicus*.

Da abertura da exposição participaram: a diretoria do Museu da Nobreza da Mazóvia Hanna Długoszewska-Nawratowska, a curadora do museu Irena Kotowicz-Borowy, o presidente da Sociedade Polono-Brasileira Stanislaw Pawliszewski, Bogusław Zakrzewski – ex-embaixador da Polônia no Brasil e Tadeusz Chwaliński, representante do Museu da História do Movimento Popular Polonês, bem como representantes das autoridades locais. O embaixador do Brasil Carlos Alberto Simas Magalhães enviou uma carta com agradecimentos e expressões de reconhecimento ao Museu da Nobreza da Mazóvia e a Stanislaw Pawliszewski, autor da exposição, pela organização do evento e pela divulgação de conhecimentos a respeito do Brasil e da sua história.

A temática da exposição despertou o profundo interesse do numeroso público visitante, que lhe permitirá conhecer melhor a história das relações entre ambos os países, a história da imigração polonesa no Brasil e a vida dos brasileiros de origem polonesa.

A abertura da exposição se tornou possível graças ao apoio financeiro da parte da Embaixada do Brasil e da Chancelaria do Senado da Polônia – como tarefa no âmbito do apoio aos poloneses e seus descendentes no exterior em 2010.

RESUMO – STRESZCZENIE

Stanisław Pawliszewski w powyższym tekście wspomina o wystawie “Polska i Brazylia – bliżej niż się wydaje” zorganizowanej z okazji 90 lat stosunków dyplomatycznych pomiędzy Polską i Brazylią. Wystawa została zorganizowana przez autora tekstu i była wystawiana 12 lutego 2012 r. w muzeum w Bieżuniu i 12 marca 2012 r. w muzeum szlachty mazowieckiej w Ciechanowie.

O FALECIMENTO DO BISPO POLÔNICO DOM LADISLAU BIERNASKI CM

*Zdzislaw MALCZEWSKI Schr**

Na manhã do dia 13 de fevereiro do ano corrente, após permanecer hospitalizado durante uma semana em Curitiba, faleceu o primeiro ordinário da diocese de São José dos Pinhais, o bispo polônico Dom Ladislau Biernaski.

Filho de Francisco e Carolina, Dom Ladislau nasceu no dia 24 de outubro de 1937 em Almirante Tamandaré, estado do Paraná. Após concluir a escola fundamental e média, fez os estudos de filosofia e teologia no Seminário S. Vicente de Paulo, dos padres vicentinos, em Curitiba. Dom Ladislau era membro da congregação dos padres vicentinos. Foi ordenado sacerdote no dia 6 de julho de 1963 em Curitiba. A seguir estudou no Instituto Católico de Paris (1963-1965), onde obteve o grau de mestre em filosofia. Após voltar ao Brasil, exerceu diversas funções educacionais em sua congregação religiosa. Nos anos 1975-1979 ocupou o cargo de provincial dos padres vicentinos. No dia 27 de maio de 1979 foi sagrado bispo em Roma pelo papa João Paulo II. O seu lema episcopal eram as palavras: "Ele é a nossa paz!". Durante 27 anos foi bispo auxiliar na arquidiocese de Curitiba. Por delegação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), esteve engajado em diversas pastorais de caráter social. Na Comissão Pastoral da Terra, exerceu a função de vice-presidente (1997-2003), e nos últimos três anos foi o seu presidente. Em todo o Brasil era conhecido como o bispo da reforma agrária. Ainda no ano passado, durante a apresentação do relatório anual da Comissão Pastoral da Terra "Conflitos agrários 2010", ele reivindicava que fosse promovida no Brasil uma justa reforma agrária. Após o papa Bento XVI ter criado a nova diocese de São José dos Pinhais, no dia 6 de dezembro de 2006 Dom Ladislau foi nomeado o seu primeiro ordinário. No dia 19 de março de 2007 assumiu

*Redator da revista "Polonicus".

solenemente essa diocese.

Numa nota oficial, o bispo Dom Leonardo Steiner, secretário-geral da CNBB, escreveu: “O consolo que nos fortalece nesta hora é a contemplação, em forma de ação de graças, da vida de um homem justo!”. Por sua vez, numa nota da Comissão Pastoral da Terra lemos: “Dom Ladislau deixou o testamento da luta pelos direitos dos camponeses, contra a injustiça na terra!”.

As solenidades do sepultamento realizaram-se no dia 15 de fevereiro na catedral de São José dos Pinhais, presididas por Dom Moacyr Vitti, arcebispo metropolitano de Curitiba. Com o arcebispo concelebraram 16 bispos, 2 bispos do rito ucraniano, o abade dos trapistas e um grande número de padres. A catedral se mostrou pequena para abrigar os fiéis vindos da diocese e da próxima Curitiba. Das solenidades de sepultamento participou o ministro Gilberto Carvalho – amigo pessoal do falecido bispo, chefe de gabinete da presidência do Brasil, e o vice-governador do Paraná e secretário da educação Flávio Arns, que representou igualmente o governador Beto Richa. Durante a celebração, um coral polonês, acompanhado pelos fiéis, cantou em polonês o cântico “A barca”.

Após a morte do bispo Dom Ladislau Biernaski, na CNBB encontram-se hoje 5 bispos poloneses e 4 brasileiros de origem polonesa.

RESUMO – STRESZCZENIE

13 lutego 2012 r. zmarł biskup Władysław Biernaski – ordynariusz diecezji São José dos Pinhais, utworzonej 6 grudnia 2006 r. przez papieża Benedykta XVI. 19 marca 2007 r. biskup Władysław objął tę diecezję, jako jej pierwszy ordynariusz. Pogrzeb zmarłego biskupa polonijnego odbył się 15 lutego 2012 r. i ciało zostało pochowane w miejscowej katedrze.

HOMENAGEM A DOM LADISLAU BIERNASKI, UM PASTOR E PROFETA DA JUSTIÇA AOS POBRES*

*Dom Guilherme Antônio WERLANG***

“Tanto bem lhe queríamos que desejávamos dar-lhes, não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida” (1 Tes 2,8).

A Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz, vem, de público, prestar sua homenagem a D. Ladislau Biernaski, bispo diocesano de São José dos Pinhais. Em primeiro lugar, nossa palavra é de gratidão a Deus por ter presenteado a Igreja do Brasil com este pastor profeta marcado pela grandeza de espírito e firmeza de caráter.

D. Ladislau viveu e pensou a fé a partir dos ‘condenados da terra’ e, com eles, fez caminhos pouco frequentados pelos grandes deste mundo. Mas é nestes caminhos, percorridos por D. Ladislau, que encontraremos o Senhor da Vida. Ele soube traduzir em gestos e palavras a Eucaristia celebrada com olhos abertos para enxergar os apelos de Deus presentes na vida dos pobres e seu clamor por justiça. Sua atuação enquanto bispo membro da Comissão das Pastorais Sociais e no Mutirão pela superação da miséria da fome traduzia esta índole.

Nos últimos meses, na luta contra a enfermidade, soube transformar a dor em esperança, como durante toda sua vida o fez, junto aos camponeses que lutam em defesa da reforma agrária e da justiça no campo.

A vivência cristã e pastoral de D. Ladislau pode ser traduzida para nós como uma verdadeira encarnação, que continua na Igreja a Páscoa de Jesus de Cristo.

No silêncio de suas súplicas, seus gemidos de dor se uniram aos gritos

* <http://www.cnbb.org.br> (16.2.2012).

**Presidente da Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz.

de tantos sofredores, que na fraqueza de seus corpos carregam as chagas de Cristo e a força da sua ressurreição.

Agradecemos a D. Ladislau que, pela sua experiência de vida sofrida e corajosa, simples e modesta, firme e decidida, coerente e perseverante, foi entre nós um “servo justo, que devolverá a muitos a justiça” (Is 53,11).

Que viva plenamente entre nós o testemunho de Dom Ladislau.

Os Bispos e assessores que prestam seu serviço pastoral na Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz, reafirmam seu compromisso eclesial de dar continuidade ao honroso trabalho de Dom Ladislau junto aos ‘condenados da terra’.

RESUMO – STRESZCZENIE

Biskup Guilherme A. Werlang – przewodniczący komisji episkopatu ds. posługi w miłości, sprawiedliwości i pokoju w swoim tekście czytany podczas uroczystości pogrzebowych wyraża hold i wdzięczność zmarłemu biskupowi Władysławowi Biernaskiemu. Zmarły biskup polskiego pochodzenia został określony jako pasterz i prorok na rzecz sprawiedliwości wobec biednych.

PALAVRA DE DESPEDIDA

*Pe. Lourenço BIERNASKI, CM**

Para não repetir o que os outros falaram no dia do sepultamento de Dom Ladislau, quero apresentar apenas alguns fatos pitorescos de sua vida, que continuam presentes na minha memória.

Em 1947, num domingo chuvoso voltando da igreja, passei na casa dos tios, pais dele, para me despedir antes de viajar para a França. Levei um escorregão na entrada da cozinha, e o Wladziu partia de rir, levando uma chamada da mãe. Ao me despedir dos tios, disse ao Wladziu: “Estou indo para a Europa e lá no Seminário você, Wladziu, vai ocupar o meu lugar!” E ele, estufando o peito disse: “Nie ma glupich”! Alguns anos depois, recebi dele uma cartinha, dizendo que está no Seminário estudando e está se sentindo muito bem, com o grupo de seminaristas.

Ao voltar, após a minha ordenação, o Wladziu estava terminando os estudos no Seminário de Araucária e iria iniciar o Noviciado em Curitiba, no ano seguinte. Nos anos 1958-1960, acompanhei os Noviços e Seminaristas Maiores, na formação. Ladislau emitiu os votos perpétuos durante os estudos de Teologia no Studium Theologicum, em março de 1960. Alguns meses depois, entrou numa crise existencial e vocacional e veio me pedir para ajudá-lo a fazer o pedido de dispensa dos votos, pois queria deixar a Congregação. Conversando com ele, aos poucos foi se abrindo e dizendo os motivos. Pedi-lhe que continuasse os estudos ainda por algum tempo e falasse com o seu diretor espiritual e confessor. Alguns dias depois, ele vem novamente com o mesmo assunto. Naquele momento sugeri-lhe que se dirigisse a Dom Inácio Krause, Bispo missionário da China, condenado à morte pelos comunistas após o processo popular, com larga experiência de

*Sacerdote da Congregação da Missão. Atualmente é responsável pela documentação e arquivo da sua congregação religiosa em Curitiba – PR.

vida. Ele respondeu que não tinha um relacionamento especial com o Bispo, talvez um pouco de medo ou reverência. Adiantei então o seguinte: Se você me permitir, eu posso intermediar junto a Dom Inácio e marcar uma audiência. Ele ficou apreensivo, mas concordou. Dom Inácio se prontificou de bom grado. Ladislau, ao voltar do encontro, continuou os estudos na convivência com os colegas, alegre e tranquilo. No entanto, por prudência nunca toquei no assunto com ele. No fim do ano, ele e os seus colegas fizeram o pedido por escrito para o Subdiaconato. Naquele momento, chamei-o e perguntei se isso era uma brincadeira, para logo depois pedir a dispensa, como foi no caso dos votos. Ele respondeu – não, tudo bem refletido e feito com liberdade e discernimento. E quando perguntei sobre o caso do pedido da dispensa dos votos e a conversa com Dom Inácio, ele simples e firmemente disse: Isso é coisa do passado, já superei. Dom Inácio me disse, após me ouvir: Isso é provação que Deus permite. Ele deve ter grandes desígnios para o futuro... siga em frente, totalmente abandonado nas suas mãos e na intercessão de Maria! Assim, a Providência tinha cinzelado a sua alma, despojando-o das tentações terrestres e abrindo o caminho para o futuro.

De fato, após a sua ordenação, fez o Curso de Filosofia no Instituto Católico de Paris, obtendo a Licença, voltou e passou no Seminário de Araucária a lecionar a Filosofia e outras matérias, onde ocupou também o ofício de Superior. Com a nomeação de Domingos Wisniewski para Bispo Auxiliar de Curitiba, ele ocupou o cargo de Vice-Visitador interino e logo depois, após a consulta a todos os membros da Vice-Província, foi nomeado Vice-Visitador. Em abril de 1979, foi a vez de ele ser nomeado Bispo Auxiliar de Curitiba e ordenado pelo Santo Padre João Paulo II, em Roma, ocasião em que acompanhou o Papa em sua primeira visita apostólica à Polônia.

Um fato importante é a sua persistência em abrir a Escola de Formação de Diáconos Permanentes na Arquidiocese de Curitiba. Num encontro do clero, em Mossunguê, quando a ideia ainda não tinha amadurecido e a maioria estava contra e diante dos argumentos dos prós e contras, Dom Ladislau pediu a palavra e disse firmemente: Padres, por favor, os que são contra ou não querem ter diáconos nas suas paróquias, não votem contra, tenham a bondade de deixar a liberdade para os que querem fazer a ex-

| Crônicas

periência. “Oxalá, cada Comunidade do interior tivesse um Diácono Permanentemente como ponto de referência. Certamente o número de seitas não teria tanta penetração”!

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyższy tekst jest słowem pożegnalnym wypowiedzianym 15 lutego 2012 r. na pogrzebie biskupa Władysława Biernaskiego w São José dos Pinhais. Pożegnanie zawiera wiele wątków osobistych i rodzinnych.

GRATIDÃO E RESPEITO A DOM LADISLAU*

*Dom Pedro Antônio Marchetti FEDALTO***

Manifesto publicamente minha gratidão e respeito a Dom Ladislau Biernaski, CM., que foi meu dedicado Bispo Auxiliar de 1979 a 2004 e desde 2007, Bispo Diocesano de São José dos Pinhais.

Em 1979, Dom Domingos Gabriel Wisniewski, CM, Bispo Auxiliar de Curitiba, responsável pela Área do Interior com 25 municípios, foi transferido para a Diocese de Cornélio Procópio e em seguida para a de Apucarana.

Imediatamente, recorri ao Santo Padre João Paulo II, através do Núncio Apostólico Dom Carmine Rocco, pedindo seu substituto.

Como é praxe, indiquei três nomes, enviando seus currículos.

Fiquei imensamente alegre com a nomeação do Padre Ladislau Biernaski, Provincial da Congregação da Missão, porque era natural do Interior, filho de agricultores, Vicentino com o espírito de São Vicente de Paulo, patrono das obras de caridade, e de origem polonesa para satisfazer a etnia, uma vez que a italiana e a ucraniana eram contempladas com Bispos descendentes delas.

O primeiro Papa da Polônia, hoje Beato João Paulo II, ordenou Bispo um descendente polonês do Paraná, onde se encontra a maior migração do Brasil, a 27 de maio de 1979.

Por que minha gratidão e respeito a Dom Ladislau?

Dos seis Bispos Auxiliares que tive, Dom Ladislau foi o que permaneceu mais tempo, 25 anos, sempre muito fiel à sua missão episcopal, destacando-se com sua maior atenção aos pequenos agricultores, aos sem-terra, defendendo-os contra os latifundiários, chegando a ser Presidente da Comissão da Pastoral da Terra, quando faleceu. Dedicou-se também a outros pobres,

*Voz da Igreja, Ano IX – Número 119 – Abril. 2012, Publicação da Arquidiocese de Curitiba – Paraná, p. 10.

**Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Curitiba.

desempregados, favelados, meninos de rua, encarcerados.

Nós éramos diferentes. As diferenças, quando compreendidas e aceitas, não diminuem, não separam, ao contrário, somam e enriquecem.

Para provar este convívio de respeito, quando celebrou seu jubileu de Prata Episcopal, a 27 de maio de 2004, sendo eu Administrador Arquidiocesano Apostólico, fui por ele convidado para a homilia.

Avisado na manhã do dia 13 de fevereiro, quando foi colocado na UTI, muito mal, no Hospital de Câncer Erasto Gaertner, dirigi-me prontamente para lá, lembrando o que diz Dom Albano Cavallin, em doença grave e morte, a lei suprema é a presença imediata.

A enfermeira e o médico de plantão logo me comunicaram que estava em óbito.

Chamei-o carinhosamente pelo nome: dei-lhe a absolvição, a bênção papal com a Oração para os Agonizantes, e ele faleceu em seguida.

Agradei a Deus por tudo o que realizou pelo povo de Deus na Arquidiocese de Curitiba e Diocese de São José dos Pinhais.

O Cônego Aleixo W. De Souza, pároco da Catedral de São José dos Pinhais e ecônomo da Diocese, eleito Administrador Diocesano, convidou-me para presidir à missa de 7o dia.

No final da celebração, diante do túmulo, rezei a oração teológica e pastoral tão bem redigida, coloquei uma vela acesa, simbolizando Dom Ladislau uma luz da Igreja e um ramalhete de flores, com muitas rosas por ele cultivadas, causando admiração aos que passavam em frente a seu jardim.

Estas rosas encantavam os olhos, deleitavam o olfato com seu perfume e feriam o tato com seus espinhos.

A vida de Dom Ladislau foi como as rosas.

RESUMO – STRESZCZENIE

Emerytowany metropolita Kurytyby arcybiskup Pedro Fedalto w publikowanym powyżej tekście wyraża wdzięczność i szacunek wobec zmarłego biskupa Władysława Biernaskieg – pierwszego ordynariusza diecezji São José dos Pinhais. Zmarły biskup Władysław od chwili święceń biskupich, które przyjął z rąk papieża Jana Pawła II, aż do nominacji na ordynariusza nowo-utworzonej

| Crônicas

diecezji São José dos Pinhais pełnił posługę biskupa pomocniczego w archidiecezji kurytybskiej.

ENCONTRO DE DESPEDIDA COM O EMBAIXADOR DO BRASIL NO LICEU RUI BARBOSA EM VARSÓVIA

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

No dia 14 de março de 2012, no Liceu de Educação Geral Rui Barbosa, em Varsóvia, realizou-se um solene encontro com o Embaixador do Brasil, Sua Excelência Carlos Alberto Simas Magalhães, em razão do término da sua missão diplomática na Polônia. O encontro foi promovido pela direção do Liceu e pela Sociedade Polono-Brasileira e realizou-se no auditório da escola. O Senhor Embaixador esteve acompanhado do Adido Militar Cel Luciano Pinto Martins e do funcionário da embaixada Almir Gonçalves.

Na primeira parte da solenidade, o diretor do Liceu, Wiesław Włodarski, em seu pronunciamento enfatizou que a escola tem como patrono esse eminente estadista brasileiro e ardoroso defensor da independência da Polônia e que há mais de meio século desenvolve a promoção de conhecimentos sobre o Brasil, a sua cultura, a sua história, o seu desenvolvimento econômico. Falou também das estreitas relações históricas que unem a nação polonesa com a nação brasileira. No Liceu é promovido o ensino da língua portuguesa, são organizados concursos anuais de conhecimentos sobre o Brasil, dos quais participam igualmente alunos de outros liceus de educação geral de Varsóvia e de outras cidades, encontros com eminentes hóspedes do Brasil, bem como outros eventos que divulgam a cultura brasileira. O diretor W. Włodarski expressou ao Embaixador brasileiro os seus profundos agradecimentos pelo seu grande apoio à atividade desenvolvida pela escola nessa área. Uma forma de expressar esse reconhecimento foi a concessão ao diplomata brasileiro do título de “Amigo da Escola”. Como uma lembrança dessa colaboração, o orador entregou ao Senhor Embaixador um álbum sobre a Polônia em língua espanhola. O diretor do Liceu agradeceu também à Em-

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira de Varsóvia.

baixada do Brasil pela sua colaboração e ajuda na atividade desenvolvida pela escola na área da divulgação de conhecimentos sobre o Brasil.

A seguir tomou a palavra o presidente da Sociedade Polono-Brasileira, Stanisław Pawliszewski, ex-Embaixador da Polônia no Brasil. O orador enfatizou a grande contribuição do Embaixador Carlos Alberto Simas Magalhães para o desenvolvimento das relações entre o Brasil e a Polônia e expressou o profundo agradecimento pela sua grande contribuição e ajuda à Sociedade em prol do amplo desenvolvimento das relações entre ambos os países e da popularização dos conhecimentos sobre o Brasil, a sua cultura e história e o seu desenvolvimento econômico em diversos ambientes da sociedade polonesa. Em nome da administração da Sociedade, o presidente S. Pawliszewski entregou ao Senhor Embaixador o diploma de “Sócio Honorário da Sociedade Polono-Brasileira” e um álbum sobre a Polônia.

O Senhor Embaixador Carlos Alberto Simas Magalhães expressou o seu profundo reconhecimento e agradecimento ao Diretor Wiesław Włodarski pela atividade do Liceu Rui Barbosa em prol da divulgação dos conhecimentos sobre o Brasil entre os alunos da escola e de outras escolas do ensino médio, bem como pelo álbum que havia recebido. Agradeceu igualmente ao Senhor Stanisław Pawliszewski, presidente da Sociedade Polono-Brasileira, pelo diploma de “Sócio Honorário” da Sociedade e pela atividade que essa Sociedade desenvolve em prol do desenvolvimento de relações muito estreitas entre ambos os países, bem como pelo álbum que lhe foi oferecido.

Na segunda parte do encontro, um grupo de estudantes apresentou três composições musicais: as canções “Eu sei”, do conjunto Papas na Língua; “Garota de Ipanema”, do dueto Tom Jobim e Vinícius de Moraes (em arranjo para violão), e “Samba de Janeiro”, do conjunto Bellini (em arranjo para saxofone).

Em seguida os estudantes recitaram poesias: dois poemas de Carlos Drummond de Andrade – “Amar o perdido” e “Cidadezinha qualquer” e um trecho do poema de Renaco Sêneca Fleury “O Brasil”.

No final do encontro, os presentes tiraram uma foto com o Senhor Embaixador, como uma lembrança desse memorável evento.

RESUMO – STRESZCZENIE

Stanisław Pawliszewski, autor powyższego tekstu, opisuje uroczystość pożegnania Carlosa Alberta Simasa Gagalhães - ambasadora Brazylii w Polsce. Pożegnanie odbyło się w Liceum Ogólnokształcącym im. Ruia Barbosy w Warszawie.

EFEMÉRIDES – ANO DE 2012

Janeiro

8-28. Em Curitiba realiza-se a Oficina de Música, da qual participam também músicos poloneses. Maiores informações sobre a Oficina podem ser encontradas na seguinte página da internet: www.oficinademusica.org.br

13. No Espaço Cultural Capela Santa Maria, em Curitiba, realizou-se um recital de música a cargo dos artistas poloneses Tomasz Zięba (piano) e Tomasz Banasik (violoncelo). Os artistas poloneses apresentaram composições de Ludwig van Beethoven, Felix Mendelssohn-Bartholdy, Frederico Chopin, David Elba e Mark Summer.

16. Na sede da Sociedade Tadeusz Kościuszko (a mais antiga organização polonesa na América Latina) realiza-se a despedida da Sra. Dorota Joanna Barys – que ocupou o cargo de consulesa-geral da Polônia em Curitiba –, e a recepção do novo cônsul-geral, Sr. Marek Makowski. No decorrer dessa solenidade foram condecoradas três personalidades: Darci Piana – presidente da Federação Paranaense do Comércio (Fecomercio), João Paulo Koslovski – presidente da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar) e do Pe. Lourenço Biernaski CM – padre polônico de grandes méritos no seio da comunidade polônica local.

19. Nesse dia iniciou o seu serviço diplomático no Consulado-Geral em Curitiba o Sr. Marek Makowski. Essa região consular abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

20. O novo cônsul-geral da Polônia em Curitiba, Sr. Marek Makowski, faz uma visita ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, Pe. Zdzislaw Malczewski SChr. Do encontro participou também o Pe. Benedito Grzymkowski SChr – chanceler da MCP. O diálogo, que se realizou numa atmosfera de amizade e sinceridade, teve como foco a cooperação comum pelo bem da

Efemérides

comunidade polônica.

Fevereiro

15. Na catedral de São José dos Pinhais, nas proximidades de Curitiba, às 9 horas tiveram início as solenidades de sepultamento do bispo Dom Ladislau Biernaski CM, presididas pelo arcebispo metropolitano de Curitiba, Dom Moacyr J. Vitti. Da santa missa concelebrada participaram 20 hierarcas e um significativo número de padres das duas dioceses vizinhas – São José dos Pinhais e Curitiba. O santuário se mostrou pequeno para abrigar o grande número de fiéis da diocese, entre os quais havia um numeroso grupo de irmãs religiosas representando diversas congregações. Participaram das solenidades representantes das autoridades civis, entre as quais Flávio Arns – vice-governador do estado do Paraná. O corpo do primeiro ordinário da diocese foi sepultado na catedral, num túmulo situado do lado esquerdo do santuário.

19. Jarosław Fischbach e Mirosław Olszycki, viajantes poloneses da cidade de Łódź, iniciam a sua aventura na América do Sul. O objetivo da viagem é a realização de filmes, além de fotos e livros a respeito dos poloneses na América do Sul. Durante a sua excursão pela América do Sul, os viajantes pretendem encontrar-se com muitas pessoas – poloneses ou não – realizar dezenas de diálogos e entrevistas, gravar muitas horas de gravações para a produção de filmes, o que mais tarde – esperam eles – servirá para mostrar a vida diária no continente sul-americano, a vida dos poloneses ali radicados e daqueles para os quais a Polônia continua sendo um bem inestimável, que durante a vida toda deve ser preservado e apreciado. No decorrer dessa viagem, estão à espera deles compatriotas que residem no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Chile. A fim de mostrar a eles, e principalmente àqueles que nunca tiveram a oportunidade de rever a velha Pátria, o seu país natal, em diversas cidades (São Paulo, Curitiba, Buenos Aires e Santiago do Chile) eles apresentarão a exposição fotográfica denominada “Encantos da Polônia”, que em mais de 30 fotos mostra a Pátria tão próxima dos seus corações. Nessas cidades Jarosław Fischbach fará uma apresentação multimídia chamada

Efemérides

“Na trilha dos poloneses pela América do Sul”, falando dos poloneses e dos missionários poloneses nesse distante continente. Jarosław Fischbach e Mirosław Olszycki encontraram-se com membros da comunidade polônica em São Paulo no dia 26 de fevereiro e em Curitiba no dia 5 de março.

24. Andželika Boris (nascida a 4 de outubro de 1973 em Grodno) – uma professora e líder polonesa da minoria polonesa da Bielorrússia, que nos anos 2005-2010 foi presidente da União dos Poloneses na Bielorrússia, teve um encontro com membros da comunidade polônica na Sociedade Polono-Brasileira Marechal José Piłsudski, em Curitiba. O encontro foi organizado pelo Consulado-Geral da Polônia em Curitiba, pela Sociedade Marechal José Piłsudski e pela Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa (Braspol).

Março

06. A Eletrobras Eletronuclear inaugurou em Angra dos Reis a exposição “Marie Curie”, que aborda a vida e a obra de uma das principais cientistas da história. A mostra foi montada na Casa Larangeira (Praça Zumbi dos Palmares s/n, Centro), ficando lá até 7 de abril. A exposição foi cedida pelo governo da Polônia – país natal da cientista -, que a organizou para celebrar o Ano Internacional da Química e o centenário do Prêmio Nobel de química concedido a Maria Skłodowska-Curie, ambos comemorados em 2011.

11. No Teatro Guaíra, em Curitiba, realizou-se um concerto da Orquestra Sinfônica do Paraná, com a participação da eminente violinista polonesa Magdalena Filipczak. Com esse concerto inaugurou-se a temporada artística de 2012. (Biografia na página www.kurytybakg.polemb.net).

14. No campus da Universidade Estadual do Paraná UNICENTRO, em Irati, realizou-se o II Simpósio Internacional de Estudos Eslavos. O reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, Pe. Zdzisław Malczewski SChr, foi convidado para participar da mesa-redonda “O eslavismo: o surgimento das identidades eslavas”, onde apresentou a história da imprensa do grupo étnico

Efemérides

polonês durante os 143 anos da sua presença no Brasil.

Abril

7. Sábado Santo. Seguindo uma tradição de quase trinta anos, no Parque João Paulo II, em Curitiba, realiza-se a bênção dos alimentos para a mesa pascal. No decorrer do dia todo, os nossos compatriotas, bem como brasileiros, puderam assistir a muitas atrações relacionadas com as tradições pascais polonesas. À tarde apresentaram-se conjuntos do folclore polonês. Às 17 horas o padre reitor Zdzislaw benzeu o novo cruzeiro colocado diante da casa polonesa, na qual o Santo Padre João Paulo II foi saudado com sal e pão por ocasião do seu encontro com a colônia polonesa do Brasil no dia 5 de julho de 1980. A seguir o reitor benzeu os grandes cestos com os alimentos, trazidos pelos polônicos e brasileiros que ali se encontravam reunidos em grande número. Na alocução dirigida aos fiéis, o reitor lhes agradeceu por preservarem essa bela, rica e piedosa tradição da bênção dos alimentos, que no dia seguinte são consumidos dentro do círculo familiar. Desejou a todos uma abençoada e feliz festa da Ressurreição do Senhor.

27-29. Em Gniezno, capital dos Primazes da Polônia, realiza-se um encontro dos reitores das Missões Católicas Polonesas de diversos países do mundo. O convite para a participação nesse encontro foi enviado a todos os reitores por Sua Excelência Cardeal Dom José Kowalczyk, Primaz da Polônia. Maiores informações a esse respeito podem ser encontradas no artigo específico sobre o assunto, escrito pelo reitor da MCP no Brasil e publicado no presente número de *Polonicus*.

Mai

3. Por ocasião dos 221 anos da proclamação da Constituição de 3 de Maio, o Curso de Letras-Polonês, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), organizou uma noite de poesia, durante a qual foram apresentados poemas de Adam Mickiewicz, Czesław Miłosz, Jacek Kaczmarski, Jan Twardowski, Julian Tuwim, Tadeusz Różewicz, Wisława Szymborska e Zbigniew Herbert. O evento foi abrilhantado por uma exposição dedicada à Constituição de 3

Efemérides

de Maio de 1791. O Consulado-Geral da Polônia em Curitiba contribuiu para a organização da mencionada solenidade.

7. O Pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e o Pe. Dr. Paweł – diretor da Biblioteca da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados Pe. Jan Jabłoński SChr visitaram a redação da *Przegląd Polsko-Polonijny* (Revista Polono-Polônica) em Gorzów Wielkopolski. Eles foram recebidos pelo redator-chefe da revista, Dr. Marek Szczerbiński, e pelo Dr. Krzysztof Wasilewski, secretário da redação. O encontro versou sobre a cooperação científica, especialmente no que diz respeito à participação dos acima mencionados padres num projeto científico relacionado com as pesquisas do Primaz da Polônia sobre os poloneses no exterior e os emigrados através dos seus delegados em Roma. O mencionado projeto está sendo preparado pela Associação Científica “A Polônia no Mundo”. No próximo ano essa Associação pretende publicar um volume de estudos históricos e politológicos dedicados ao Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr.

11. Quatro universidades de Cracóvia iniciam a cooperação com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O acordo que foi assinado prevê, por exemplo, o intercâmbio de estudantes e professores, a realização de pesquisas comuns e o fornecimento comum de bolsas para o desenvolvimento da ciência. “Já temos acordos de cooperação desse tipo com 207 universidades do mundo. Essa é a primeira universidade brasileira que passa a fazer parte desse número” – disse Łukasz Salwarowski, da Universidade Econômica. Além dessa universidade, o acordo será também assinado pela Universidade Jagiellônica e por mais duas universidades de Cracóvia.

17. Na cidade de Quedas do Iguaçu – PR, durante uma sessão solene da Assembleia Legislativa do Paraná, presidida pelo deputado Nereu Moura, na Câmara de Vereadores, foi feito o lançamento do selo dos Correios e entrega do título de cidadão honorário do Paraná (in memoriam) ao monsenhor Sigismundo (Zygmunt) Gdaniec que esteve representado pelo padre Józef

Efemérides

Wojnar SChr. O prefeito Edson Prado e o presidente da Câmara Josmar Cavasoto, receberam das mãos do gerente local dos Correios, João Maria Correa da Luz os selos comemorativos. Em ato simbólico foi feita a obliteração do selo, sendo utilizado na postagem das cartas remetidas pela Prefeitura e Câmara Municipal e enviadas ao Museu dos Correios em Brasília.

19. No Teatro Tuca, em São Paulo, realizou-se a estreia do espetáculo teatral “Enlace – A loja do ourives”, baseada na peça de Karol Wojtyła (João Paulo II) “Na loja do ourives”. A encenação foi preparada na forma inovadora do music-hall, com o acréscimo dos textos das canções e de danças. A peça relata, de forma romântica, o amor de três casais, tendo como pano de fundo acontecimentos da história mais recente da Polônia. O diretor do espetáculo é Jo Santana, e o diretor artístico – Thiago Gimenes, tendo como idealizadora e coprodutora Maria de Lourdes F. Muniz de Mello. A estreia despertou grande interesse e foi muito bem recebida pelo público paulistano e pela crítica. Participaram dela o arcebispo de São Paulo, Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, e o prefeito – Gilberto Kassab. Está sendo planejada a apresentação futura do espetáculo nos palcos teatrais das maiores cidades brasileiras, bem como em países europeus, inclusive na Polônia.

24. Na Faculdade de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), realizou-se a apresentação da dissertação científica de autoria do Prof. Rodrigo Lychowski, professor da mencionada universidade e filho de Tomasz Lychowski – conhecido líder polônico na cidade do Rio de Janeiro. O título da obra apresentada é *Contradições do Direito*. Apresentamos ao nosso intelectual polônico sinceras felicitações por mais esse sucesso por ele alcançado.